



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

GABRIEL NUNES LOPES FERREIRA

**A INFLUÊNCIA DO PROJETO JARDIM DE GENTE NA REINVENÇÃO DO
COTIDIANO DOS JOVENS DO BOM JARDIM: UM ESTUDO DE CASO NO
CURSO DE PRÁTICA DE CONJUNTO**

FORTALEZA

2015

GABRIEL NUNES LOPES FERREIRA

A INFLUÊNCIA DO PROJETO JARDIM DE GENTE NA REINVENÇÃO DO
COTIDIANO DOS JOVENS DO BOM JARDIM: UM ESTUDO DE CASO NO CURSO DE
PRÁTICA DE CONJUNTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação, Currículo e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Toledo Nascimento

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

F441i

Ferreira, Gabriel Nunes Lopes.

A influência do Projeto Jardim de Gente na reinvenção do cotidiano dos jovens do Bom Jardim : um estudo de caso no curso de prática de conjunto / Gabriel Nunes Lopes Ferreira. – 2015.

176 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Educação.

Orientação: Prof. Dr. Marco Antônio Toledo Nascimento.

1. Música – Instrução e estudo – Bom Jardim(Fortaleza,CE). 2.Educação não-formal – Bom Jardim(Fortaleza,CE). 3.Estudantes – Bom Jardim(Fortaleza,CE) – Atitudes. 4.Vida suburbana – Bom Jardim(Fortaleza,CE). 5.Projeto Jardim de Gente. I. Título.

CDD 780.0708131

GABRIEL NUNES LOPES FERREIRA

A INFLUÊNCIA DO PROJETO JARDIM DE GENTE NA REINVENÇÃO DO
COTIDIANO DOS JOVENS DO BOM JARDIM: UM ESTUDO DE CASO NO CURSO DE
PRÁTICA DE CONJUNTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação, Currículo e Ensino.

Aprovado em: 30 / 01 / 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Antonio Toledo Nascimento (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC/Sobral)

Prof. Dr. Elvis de Azevedo Matos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Botelho de Albuquerque
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico este trabalho a minha família, ao Projeto Jardim de Gente e a toda a comunidade do Grande Bom Jardim pelo incentivo a pesquisa, aprendizagem de todos os dias e vontade de fazer arte.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento de reinvenção de práticas cotidianas e fechamento de ciclos gostaria de agradecer:

Ao meu orientador, professor Dr. Marco Antonio Toledo Nascimento, pelos grandes momentos de aprendizagem, amizade e apoio durante toda a pesquisa;

Aos meus pais, Ana Maria e Raimundo Nonato (Pepeta), e ao meu irmão, Ismael, pela paciência e incentivo de sempre;

A minha companheira amada, Bia, que sempre esteve comigo em todos os momentos;

Aos meus amigos de Mestrado, Marcos Paulo, MarluCIA Chagas, Sandra Dias, Cristiane de Oliveira, Filipe Ximenes, Lalá e Davi Silvino pelos grandes momentos de sorrisos e de aprendizagem compartilhada;

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira que contribuíram de maneira excepcional para a realização da pesquisa;

Ao professor Dr. Luiz Botelho de Albuquerque pelo incentivo, paciência, enorme contribuição e presteza em aceitar o convite para a defesa do projeto e defesa desta dissertação;

Ao professor Dr. Elvis de Azevedo Matos pelas grandes contribuições durante a defesa do projeto, incentivo e presteza em aceitar o convite para a defesa desta dissertação;

À professora Dr. Maria Cristiane Barbosa Galvão pela disponibilidade, incentivo e contribuições durante a defesa do projeto;

Ao professor Dr. José Albio Moreira de Sales pela disponibilidade e presteza em aceitar o convite para a defesa desta dissertação;

Ao professor Dr. José Ribamar Furtado de Souza pela disponibilidade e ajuda durante as aulas e defesa do projeto de pesquisa;

À professora Ma. Raquel Honório pelo compartilhamento de sua dissertação que foi fundamental para o término do presente trabalho;

A coordenação do Programa de Pós Graduação pelas informações e ajuda durante todo o período da pesquisa;

A CAPES, pelo apoio financeiro dado com a manutenção da bolsa de estudo.

Aos estudantes que participaram da pesquisa: Silvio Henrique, Samila Naira, Eliana Oliveira, Mariana Freitas Oliveira, Beneildo Filomeno, Salatiel Wagner Carneiro, Marlon Andrew, Victor Sousa, Leandro Maciel e André Luís.

A todos os meus alunos e amigos do Projeto Jardim de Gente e do Grande Bom Jardim.

Enfim, a todos que de alguma forma fizeram parte desse trabalho e que não foram citados, os meus sinceros agradecimentos.

“Quem tá preocupado com a nossa vida, quem tá preocupado com educação? Sabemos a falta que faz a comida, sabemos a dor de não ter opção. O sistema corrompe toda a humanidade, o sistema oculta a oportunidade, dividindo a vida em classes sociais, dando vida longa a quem têm mais reais.”

(Salatiel Wagner Carneiro)

RESUMO

O presente trabalho aborda a educação musical em espaços não formais de ensino e como esses espaços contribuem para a educação musical na periferia de Fortaleza. A pesquisa tem como objetivo compreender, sob a perspectiva dos estudantes, a importância dos cursos de Música realizados pelo Projeto Jardim de Gente. O Projeto é desenvolvido no Bairro Bom Jardim, nas instalações do Centro Cultural Bom Jardim. O referencial teórico principal da pesquisa está baseado em Bourdieu, com seus estudos sobre jogos de poder e classes sociais; Certeau, com sua pesquisa sobre cotidiano; e Koellreutter, com sua proposta de Educação Musical. Como abordagem metodológica, foi realizado um estudo de caso no curso de Prática de Conjunto. Foram escolhidos e entrevistados dez estudantes que participaram do curso no período de 2010 a 2013. Além dos relatos dos dez estudantes, foram utilizados como fontes de evidências os planejamentos do curso e também o Projeto Político Pedagógico do Jardim de Gente, este último desenvolvido de maneira coletiva com participação da comunidade, estudantes, professores e coordenação do Projeto. Assim, o curso de Prática de Conjunto assume o papel de um espaço de mudanças de percepções com relação à prática musical e também com relação às atividades cotidianas dos estudantes. De acordo com os resultados, o Projeto surge como um espaço de democratização do saber musical, reinventando o cotidiano de seus frequentadores.

Palavras-chave: Educação Musical. Educação Não Formal. Vida cotidiana.

RÉSUMÉ

Ce travail aborde l'éducation musicale dans des espaces d'enseignement non formels et montre comment ces espaces contribuent pour l'éducation musicale dans la périphérie de Fortaleza. La recherche a pour objectif de comprendre, sous la perspective des étudiants, l'importance des cours de Musique réalisés par le Projeto Jardim de Gente (Projet Jardin de Gens). Le projet est développé au Quartier Bom Jardim dans les locaux du Centre Bom Jardim. Le référentiel théorique utilisé dans cette recherche est basé à partir de Bourdieu, sur ses études sur les jeux de pouvoir et classes sociales, de Certeau, avec sa recherche sur le quotidien, et de Koellreutter avec sa proposition d'Education Musicale. Pour l'abordage méthodologique une étude de cas a été réalisée dans le cours de Pratique d'Ensemble. Dix étudiants qui ont participé au cours ont été choisis et interviewés de 2010 à 2013. En plus des entrevues des dix étudiants, les plans de cours ont été utilisés comme sources d'évidences, ainsi que le Projet politique Pédagogique du Jardim de Gente, ce dernier étant développé de manière collective avec la participation de la communauté, des étudiants, de professeurs et de la coordination du Projet. De ce fait, le cours de Pratique d'Ensemble se montre comme un milieu de changements de perceptions en relation à la pratique musicale et aussi en relation aux activités quotidiennes des étudiants. En accord avec les résultats, le Projet est vu comme un espace de démocratisation du savoir musical, réinventant le quotidien de ses participants.

Mots-Clés: Education Musicale. Education Non Formelle. Vie quotidienne.

ABSTRACT

This paper discusses music education in non-formal spaces of education and how these spaces contribute to the musical education on the outskirts of Fortaleza. The project aims the understanding of the importance of music courses held by the Project Jardim de Gente (Garden of People) through the students' perspective. The project is developed in the neighborhood of Bom Jardim, the premises of the Bom Jardim Cultural Center. The main theoretical framework of the research is based on Bourdieu, with his studies on power games and social classes; Certeau, with his research on everyday life; and Koellreutter, with its proposal for Music Education. As a methodological approach, a case study in the course of Joint Practice was made. Ten students who participated in the course in the period 2010 to 2013 were chosen and interviewed. In addition to this, course planning and the Pedagogical Political Project of Garden of People (Projeto Político Pedagógico do Jardim de Gente) were used as sources of evidence, the latter was developed collectively with the participation of the community, students, teachers and coordination of the Project. Thus, the Practice course comes as perceptions of space changes with respect to musical practice and also in relation to daily students activities. According to the results, the project appears as a democratization of musical knowledge, reinventing the daily lives of its attendees.

Keywords: Music Education. Non-Formal Education. Everyday life.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Paradigmas de codificação	51
Figura 2 – Centro Cultural Bom Jardim.....	61
Figura 3 – ABC do Bom Jardim	61
Figura 4 – Casa AME.....	62
Figura 5 – CAIC Maria Alves Carioca	62
Figura 6 – André durante a apresentação do curso de Prática de Conjunto na Culminância de 2012.....	68
Figura 7 – Salatiel em uma apresentação com seu principal projeto. A banda <i>So So Rock</i> Alternativo.	69
Figura 8 – Mariana e Leandro no <i>show</i> da banda Solos no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.....	71
Figura 9 – Silvio durante seu momento de estudo individual no CAIC.	72
Figura 10 – Victor em uma apresentação de seu grupo na Praça do Ferreira (Centro de Fortaleza).	73
Figura 11 – Marlon na apresentação do curso de Prática de Conjunto na Culminância de 2012.	74
Figura 12 – Eliana no <i>show</i> de uma de suas bandas no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.	75
Figura 13 – Samila durante a apresentação do curso de Prática de Conjunto na Culminância de 2012.	77
Figura 14 – Beneildo na apresentação do curso de Prática de Conjunto na Culminância de 2013.	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança
CCBJ	Centro Cultural do Bom Jardim
CCDH	Centro de Cidadania e Direitos Humanos do Conj. Ceará
CCVH	Centro Comunitário de Valorização Humana
CDMAC	Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
CDVHS	Centro de defesa da Vida Herbert de Souza
CEGIS	Centro de Educação em Gênero e Igualdade Social
CPEC	Centro Cultural Pé no Chão
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CUCA	Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte
FeBem	Fundação Estadual do Bem Estar do Menor
FECOP	Fundo de Combate a Pobreza
IACC	Instituto de Arte e Cultura do Ceará
IFCE	Instituto Federal do Ceará
LDB	Lei de diretrizes e bases da educação
MEC	Ministério da Educação
NASE	Núcleo de Apoio Socioeducativo Granja Portugal
ONG's	Organizações Não Governamentais
PCN	Parâmetros curriculares nacionais
PDA	Programa de desenvolvimento de área
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRONASCI	Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania
SOLIDU	Organização Granja Portugal Solidária
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	O ENSINO DE MÚSICA ALÉM DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR	19
3	O CCBJ, O PROJETO JARDIM DE GENTE E O CURSO DE PRÁTICA DE CONJUNTO	22
4	COMPREENDENDO A EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL	27
4.1	Conceitos	30
4.1.1	<i>Educação Informal</i>	30
4.1.2	<i>Educação Formal</i>	32
4.1.3	<i>Educação Não Formal</i>	33
4.2	O Conceito de Formal, Não Formal e Informal dentro da Educação Musical, no CCBJ e no Projeto Jardim de Gente	34
5	A EDUCAÇÃO MUSICAL DE KOELLREUTTER.....	37
6	DAS PRÁTICAS NÃO FORMAIS A INVENÇÃO DO COTIDIANO	39
6.1	Jogos de poder, classes sociais e o cotidiano	39
6.2	A arte de fazer música	42
7	A METODOLOGIA PARA A PESQUISA NO BOM JARDIM.....	44
7.1	Procedimento de coleta dos dados	45
7.1.1	<i>Escolhendo os entrevistados</i>	45
7.1.2	<i>Roteiro das Entrevistas</i>	46
7.1.3	<i>Documentos do Projeto Jardim de Gente e do Centro Cultural Bom Jardim</i>	48
8	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	49
8.1	Codificação Aberta	49
8.2	Codificação Axial	50
8.3	Codificação Seletiva	52
8.4	As diferentes maneiras da arte de fazer música.....	67
8.5	Formação além da música	74
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	83
	ANEXO A – PLANEJAMENTO DO CURSO DE PRÁTICA DE CONJUNTO 2010/2013.....	90
	APÊNDICE A - ENTREVISTAS	120
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	177

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, geralmente as periferias que abrigam a população pobre são quase sempre lembradas como áreas sem infraestrutura e castigadas por mazelas sociais, como marginalidade, violência etc. Tal fato repercute sobremaneira na vida dos moradores, que sofrem com o estigma dos bairros do —”Vixe” (expressão muito utilizada no Ceará para exprimir surpresa).

O bairro Grande Bom Jardim com o decorrer do tempo foi se configurando como periférico, comportando todas as características comuns às periferias das grandes cidades brasileiras e se divide em cinco outros bairros menores: Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. A região “reflete uma cidade desigual, incidindo os seus reveses na parcela da população mais vulnerável, em razão do seu particular processo de desenvolvimento, principalmente as crianças, adolescentes e jovens” (HONÓRIO, 2014, p. 37).

Por ser uma área da cidade com diversas redes de organizações, desde igrejas cristãs até a mobilização de Organizações Não Governamentais (ONGs), o bairro foi contemplado em 2009, pelo Ministério da Justiça, com a implantação do projeto "Território de Paz", através do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI). Existem outras diversas instituições que exercem trabalhos na região como, por exemplo, o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim, o Centro Cultural do Bom Jardim (CCBJ), ABC do Bom Jardim e o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS).

O Grande Bom Jardim teve sua origem por volta da década de 70. A priori, era espaço eminentemente rural, com predominância de fazendas, que abrigava uma população vinda do campo atrás de melhores condições de vida na cidade.

O bairro se constituiu como periferia tanto por esses imigrantes, como também pelos seus outros moradores, cuja renda insuficiente os impedia de continuar vivendo nas áreas mais centrais de Fortaleza e os obrigava a morar em regiões mais distantes e, muitas vezes, desprovidas de infraestrutura adequada.

Na memória da cozinheira Juracy Barbosa, 53, está a imagem de um bairro inicialmente povoado por moradias simples. As casas, na maioria, eram feitas de taipa. Ela chegou ao Bom Jardim em 1981, acompanhada dos dois filhos, quando fugia de uma seca que assolou o município de Capistrano (distante 110,5 km de Fortaleza). Foi no bairro que o marido dela encontrou o aluguel mais em conta. “(Naquela época) as ruas tinham muita lama, porque não havia calçamento”, recorda. Já a aposentada Maria Xavier, 87, conta da dificuldade para conseguir água

no Bom Jardim. “Era preciso usar água de cacimba”, afirma. Durante muitos anos, os moradores não contaram com uma rede de abastecimento (O POVO..., 2013).

Através da vivência no bairro desde 2010, lecionando em projetos sociais e escolas da região e convivendo com seus moradores, pude conhecer melhor a prática musical da região e a importância da chegada do CCBJ, mais especificamente dos cursos do Projeto Jardim de Gente, para os moradores do Bom Jardim.

O CCBJ é um equipamento do Governo do Estado do Ceará implantado em 2006 no bairro Grande Bom Jardim, na periferia de Fortaleza. Suas atividades são coordenadas pelo Instituto de Arte e Cultura do Ceará (IACC) e possui uma considerável estrutura: Ilha digital com equipamentos de áudio e vídeo; Teatro de arena, salas multiuso, um estúdio para gravações musicais, biblioteca, ateliê e uma galeria. Os cursos de música do Projeto Jardim de Gente funcionam nas instalações do CCBJ e nas chamadas Instituições Parceiras (instituições que recebem os cursos do Projeto Jardim de Gente e que estão distribuídas pelo Grande Bom Jardim).

Podemos imaginar o impacto que um Centro Cultural, principalmente com as dimensões do CCBJ, faz na vida dos moradores de uma região, mas até que ponto o CCBJ e os cursos do Projeto Jardim de Gente influenciam na vida musical dos moradores do Bom Jardim?

Durante a experiência de quatro anos lecionando no Projeto Jardim de Gente, senti a necessidade de compreender melhor minha função enquanto professor daquela instituição e como as aulas e o projeto influenciavam a vida cultural, principalmente a musical, dos moradores e frequentadores do bairro. Além disso, constatei a carência e a falta de visibilidade desse lado cultural do bairro, já que a região é conhecida na mídia pela violência que segundo eles prevalece nessa parte de Fortaleza.

Depois de algumas leituras acerca das funções da música na sociedade (MERRIAM, 1964), percebi como essa temática, a cada dia, vem ganhando espaço e sendo objeto de mais estudos, apesar de, muitas vezes, as pesquisas não conseguirem contemplar as diferentes esferas musicais de nossa contemporaneidade.

Através de diversas pesquisas como, por exemplo: Wille (2003), Oliveira (2003), Santos (2004), Kater (2004), Müller (2004), Souza (2004), Santos (2005), Almeida (2005), Cançado (2006), Hikiji (2006), Amato (2009), Andrade (2009), Moreira e Kleber (2010), Kleber, Cacione e Erthal (2010), Maciel (2010), Oliveira (2010), Oba e Louro (2010), Eckert e Louro (2010), Weiland (2010), Gaulke e Louro (2010), Fernandes (2011), Weiland e

Fermino (2012), Penna, Barros e Mello (2012), Stravacas (2013), Kleber (2006; 2010, 2014) ; 2010b; 2014), Ferreira (2014) entre outros, notamos a presença da música em diferentes atividades e espaços educacionais fora do ambiente escolar.

A Educação Musical nesses espaços tem crescido de maneira a complementar as práticas educacionais escolares tendo em vista que nesse âmbito a prática musical assume papéis diversificados de acordo com a direção e os professores responsáveis.

Nessa perspectiva, o papel do ensino de música está associado diretamente à situação que está inserido e também ao campo em que está sendo executado. Somente entendendo esses princípios, poderemos compreender e repensar as possibilidades e o papel da música na escola. Vale ressaltar que não estamos aqui pensando os espaços não formais e informais como a solução de todos os problemas da educação musical, mas sim, trazendo reflexões sobre como essas atividades podem interagir de uma maneira conjunta com a instituição escolar.

O primeiro ponto importante a ser destacado é a falta de estudos que abordem o Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ) e o Projeto Jardim de Gente como espaços de formação musical dentro do Terceiro Setor, e daí a necessidade e importância de compreensão dessa temática e do entendimento desse espaço de formação. É de grande valor para a comunidade acadêmica o entendimento do trabalho sócio-educacional em diferentes espaços de formação, considerando que esses espaços caminham juntamente com a escola. Tanto na música quanto nas artes de uma maneira geral, isso se faz mais do que necessário, tendo em vista que o ensino de Música, mesmo com os avanços, ainda não está presente em todos os espaços formais de educação de maneira sistematizada.

Aliado a essas reflexões, percebi o interesse de muitos estudantes do Projeto Jardim de Gente pela prática musical diária e, até mesmo, o interesse de trabalhar com música seja lecionando, tocando ou nos dois âmbitos. Nessa perspectiva, o problema a ser investigado na pesquisa é: qual o papel do curso de Prática de Conjunto do Projeto Jardim de Gente na formação musical de seus estudantes?

Busca-se, assim, analisar qual o papel do ensino de música para a formação dos estudantes do curso de Prática de Conjunto do Projeto Jardim de Gente durante o período de 2010 a 2013.

A pesquisa baseia-se na metodologia qualitativa que, diferentemente da pesquisa quantitativa, busca o significado das práticas dos indivíduos e o sentido que cada um dá a

essas práticas. Como estratégia qualitativa, buscou-se no Estudo de Caso os elementos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

O texto a seguir está dividido em duas partes: a primeira aborda os espaços de educação além da instituição escolar, as atividades do Projeto Jardim de Gente e o referencial teórico utilizado na pesquisa, e a segunda explicita como se deram os procedimentos metodológicos do trabalho e as considerações finais da pesquisa.

2 O ENSINO DE MÚSICA ALÉM DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

O ensino de música vem constantemente crescendo e se desenvolvendo no Brasil. Apesar disso, mesmo com as grandes mudanças sócio políticas, a prática musical ainda continua, em alguns contextos, com os mesmos preceitos tradicionalistas dos séculos passados, reproduzindo um repertório europeu e descaracterizando as vivências e práticas musicais dos estudantes.

Entre espaços escolares e não escolares, formais e não formais (as nomenclaturas são diversas e serão discutidas no próximo capítulo), percebemos, na periferia de Fortaleza, uma enorme atividade musical fora da instituição escolar. Tal prática ganha, a cada dia, mais espaço e destaque tanto pela comunidade que está sendo beneficiada, como também pela comunidade acadêmica, que direciona estudos nessas instituições, e também nas práticas cooperativas e compartilhadas das pessoas que estão fazendo Música tendo em vista que “o saber pedagógico-musical emerge das interações e práticas sociais inerentes aos mais diferentes contextos da sociedade contemporânea” (KLEBER, 2006, p. 2). Práticas sociais essas que se deslegitimadas acabam promovendo a exclusão social de seus participantes.

Na instituição escolar, o saber musical não conseguiu se firmar ainda de maneira curricularmente estabelecida, o que torna o conhecimento musical um saber restrito a uma minoria dentro de nossa sociedade. Nessa perspectiva, espaços com atividades que extrapolam a instituição escolar conseguem diminuir a distância entre o conhecimento musical mais sistematizado e a comunidade de uma maneira geral.

Percebemos que a Música, nesses espaços formais de ensino, está presente através de projetos e práticas esporádicas, sem continuidade e avaliação dos resultados favorecendo a criação de espaços educacionais alternativos. Espaços esses que acabam trabalhando de maneira complementar a instituição escolar, muitas vezes oferecendo o que falta na escola, como a Arte por exemplo. Geralmente são espaços oriundos de movimentos populares organizados e que procuram na prática musical uma alternativa para retirar jovens da exclusão social tendo como parceiras, diversos outros espaços como a própria instituição escolar e também as universidades (FERREIRA, 2014, p.3).

Para Kleber (2010), esses espaços promovem o ser humano e o contexto onde estão inseridos, direcionam suas potencialidades e atuam na perspectiva do fazer e da performance musical. Além disso, dão sentido às identidades dos grupos através da prática musical. Trata-se de um espaço onde ocorre a mudança dos protagonistas, uma nova prática democrática dentro do cotidiano das pessoas envolvidas.

Penna, Barro e Mello (2012) corroboram com Kleber (2010) e complementam argumentando que a prática artística, mais especificamente musical (objeto principal do estudo), trabalha sob a perspectiva do desenvolvimento de habilidades, interligando-se com práticas artísticas significativas para os estudantes. Hikiji (2006) já nos demonstrava isso a partir do seguinte relato: “Quando entrevistado, João [estudante do projeto] insistia em afirmar seus planos, em reconhecer a prática musical - com a qual teve contato na Febem¹ – como alavanca da mudança em sua condição e como fornecedora de perspectivas” (HIKIJ, 2006, p.36).

Além disso, esses espaços ampliam as oportunidades para o professor de Música, como corroboram Penna, Barros e Mello (2012) e Maciel (2010).

Atualmente, são múltiplos os espaços de atuação para o educador musical, pela diversidade de contextos educativos, escolares ou extraescolares. Em espaços não formais – como organizações não governamentais (ONGs), projetos sociais, associações comunitárias – a música tem sido bastante valorizada em projetos voltados para a inserção social (PENNA, BARROS E MELLO, 2012, p.66).

Gaulke e Louro (2010), ao relatar suas experiências nessas instituições, nos apresentam outros aspectos importantes. Eles afirmam que esses projetos também objetivam a promoção do ser humano, melhorando sua qualidade de vida e facilitando sua convivência com a sociedade (OLIVEIRA, 2010; OBA E LOURO 2010; STRAVACAS, 2013). Importante ressaltar que cada projeto possui objetivos diferenciados e contextos específicos que variam de acordo com o público alvo e com as práticas utilizadas.

Percebemos assim a importância de espaços não formais (aqui pensados como ONG's, projetos sociais e centros culturais, por exemplo) para a educação musical, contribuindo significativamente em muitos casos para a formação musical de jovens que não tiveram acesso ao ensino de Música na escola. Além disso, tornaram-se oportunidade também para professores de música que, a cada dia, visualizam nesses projetos alternativas profissionalizantes, tendo em vista a dificuldade e desvalorização do trabalho em instituições públicas regulares, pensadas aqui como educação formal.

Por outro lado, é importante ressaltar o tipo de atividade que acontece nesses espaços, tendo o objetivo formativo (essencialista e/ou contextualista²) bem direcionado para que a prática musical não se torne sem sentido ou sem significado para os estudantes, fato que, ao contrário do senso comum, acontece muito. Em Fortaleza, percebemos um

¹ Fundação Estadual do Bem Estar do Menor

² PENNA, Maura; BARROS, Olga Renalli Nascimento; MELLO, Marcel Ramalho, 2012

crescimento dessas instituições principalmente nas regiões periféricas da cidade. Podemos citar como exemplo:

- a) O CCBJ que, além de cursos oferecidos pelo Projeto Jardim de Gente, disponibiliza para a comunidade do Grande Bom Jardim uma diversidade de atividades culturais e;
- b) os Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA's), que possuem atualmente três “sedes” (nos bairros da Barra do Ceará, Jangurussu e Mondubim).

Nesse sentido, esses espaços em Fortaleza não atuam apenas como a arte e a cultura de maneira assistencialista, mas também oportunizando e abrindo novos caminhos para jovens de diversas idades e que, muitas vezes, não tinham nenhuma perspectiva de um futuro. Apesar do forte discurso, o objetivo principal do trabalho não é trazer essas instituições como a resolução dos problemas da educação – ou mais especificamente, da educação musical –, mas sim mostrar a importância de espaços como esses, propondo diálogos com a escola e também com a universidade, fato que já vem acontecendo em muitas instituições.

Assim, o estudo em questão nos direciona para pesquisas que compreendam melhor o sentido que os estudantes dão às práticas musicais dessas instituições e qual a importância desses espaços para sua formação enquanto indivíduos, trabalhando não apenas a música de maneira utilitária, mas também oportunizando e democratizando o saber musical.

A seguir, será apresentado um desses espaços dentro da periferia de Fortaleza, explicitando como acontecem suas atividades musicais para posterior compreensão de sua importância para a educação musical de Fortaleza.

3 O CCBJ, O PROJETO JARDIM DE GENTE E O CURSO DE PRÁTICA DE CONJUNTO

O CCBJ surgiu no bairro Bom Jardim no final de 2006 através de diversas discussões entre o Governo do Estado e os moradores do bairro. Por meio de algumas instituições (Centro de defesa da Vida Herbert de Souza - CDVHS, Espaço Geração Cidadã, Centro Cultural Pé no Chão - CPEC, a Escola São Francisco de Assis além de artistas e grupos do bairro), os residentes da região questionaram a centralização das ações culturais nos arredores do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC) e sua ausência na região do Bom Jardim.

Nas reuniões de discussão de implantação de tais ações e da possibilidade de um equipamento cultural, cogitou-se que alguma entidade do bairro ficasse responsável pelo seu gerenciamento, mas, com a construção e inauguração do espaço, o Governo do Estado direcionou a gestão do CCBJ ao Instituto de Arte e Cultura do Ceará (IACC), que apesar de não estar situado no bairro, era referência na área cultural do Estado.

As ações culturais do CCBJ estão divididas em quatro instâncias:

1. Serviços de atendimento ao público de um modo geral (e aqui são incluídos artistas e produtores culturais, através da disponibilização dos espaços do Centro Cultural);
2. Programação Cultural através dos shows e espetáculos culturais dos artistas do bairro e de outras regiões da cidade;
3. Exposições e Intervenções;
4. Formação em arte e cultura;

Essa formação em arte e cultura acontece através das oficinas e cursos do Projeto Jardim de Gente. Com início em novembro de 2007, o projeto tem como espaço de atuação, além do CCBJ, diversas instituições parceiras³ presentes no bairro Bom Jardim. Podemos observar abaixo⁴ os nomes de algumas dessas entidades e os bairros a que pertencem:

³ A quantidade dessas instituições parceiras se modifica no decorrer dos anos. Em 2012, apenas para melhor entendimento, o Jardim de Gente tinha parceria com 15 instituições. Em 2013 com 28 instituições.

⁴ Lista das instituições retirada do Relatório Geral Projeto Jardim de Gente 2013.

1. ABC Bom Jardim - Bom Jardim
2. Associação Comunitária Projeto Paz - Siqueira
3. CAIC Maria Alves Carioca (Centro de Atenção Integral à Criança) - Granja Lisboa
4. CRAS Bom Jardim (Centro de Referência da Assistência Social) - Bom Jardim
5. Sítio Betesda - Espaço Vida Feliz (Centro Social Betesda) - Granja Portugal
6. Projeto José Henrique - Granja Lisboa
7. Ponto de Cultura Casa AME - Bom Jardim
8. UFC - Universidade Federal do Ceará - Bairro Alagadiço
9. SOLIDU - Organização Granja Portugal Solidária - Granja Portugal
10. Conselho Comunitário dos Moradores do Parque Santa Cecília - Bom Jardim
11. CEGIS - Centro de Educação em Gênero e Igualdade Social - Bom Jardim
12. NASE - Núcleo de Apoio Socioeducativo Granja Portugal
13. Circo Escola Bom Jardim Bom Jardim
14. Escola São Francisco de Assis Granja Portugal
15. EEFM Senador Osires Pontes Canindezinho
16. EEM Professora Eudes Veras Siqueira
17. Centro Comunitário de Valorização Humana – CCVH Canindezinho
18. Educandário Santa Clara - Siqueira
19. Casa de Apoio Amigos de Francisco - Bom Jardim
20. PDA - Bom Jardim - Granja Portugal
21. Associação Beneficente Vida Melhor - Bom Jardim
22. Nós de Teatro - Granja Lisboa
23. CCDH - Centro de Cidadania e Direitos Humanos do Conj. Ceará
24. Vila Olímpica do Canindezinho - Canindezinho
25. CRAS Granja Portugal - Granja Portugal
26. Escola Sebastião de Abreu - Bom Jardim
27. Escola Santo Amaro - Bom Jardim
28. EEFM Professor Jociê Caminha de Meneses - Granja Portugal

O projeto também é gerenciado pelo IACC, mas com recurso advindo do Fundo de Combate à Pobreza (FECOP) que, instituído pela Lei complementar nº 37/2003, objetiva o combate à pobreza nesse caso específico através da cultura.

Através da análise do Projeto Político Pedagógico construído de maneira coletiva entre moradores, professores e a direção do projeto, percebemos que as ações do Jardim de Gente objetivam valorizar a cultura local, oportunizando trocas simbólicas, estéticas e artísticas e ampliando o repertório cultural e coletivo de seus frequentadores.

O Projeto Jardim de Gente se propõe a formar homens e mulheres: Sensíveis, Criativos, Autoconfiantes e Empreendedores. Cidadãos e cidadãs com aptidões para a inserção no mercado de bens simbólicos. Pessoas que constroem suas próprias existências. Seres sociáveis, transformadores, responsáveis pelas transformações sociais do seu tempo e comprometidos em deixar um mundo melhor para as novas gerações (CENTRO CULTURAL DO BOM JARDIM, 2012, p 15).

Apesar disso, tem-se notado desde 2012 um direcionamento por parte da direção do projeto para que os cursos oferecidos trabalhem de forma mais concreta a profissionalização dos estudantes, visando uma cobrança cada vez maior para que os relatórios demonstrem resultados satisfatórios no combate à pobreza na região (HONÓRIO, 2014). A partir dessa exigência, surge uma dualidade e dificuldade dentro das práticas do Projeto. De um lado, percebemos a profissionalização dos cursos e a perceptível necessidade de resultados significativos nesse sentido no relatório final. Em contrapartida, existe “a intenção de proporcionar aos alunos a vivência com as linguagens artísticas e um aprofundamento do conhecimento cultural” (HONÓRIO, 2014, p. 56).

É importante ressaltar aqui que a parceria entre instituições de nível superior e técnico seleciona estudantes das diversas graduações em arte para dar aula no Bom Jardim e orienta as propostas dos cursos. Essa parceria, além de fortalecer as propostas pedagógicas dos cursos do projeto, influenciou de certa maneira muitos estudantes a procurar uma graduação em alguma área artística. Honório (2014) percebeu isso em seu trabalho através das avaliações de diversos estudantes de cursos como Música, Informática e Moda. Apesar disso, essa parceria não teve continuidade em 2013 por vários motivos, dentre eles a demora no retorno das atividades do Projeto, inviabilizando os contatos com algumas dessas instituições parceiras.

Direcionando a atenção para a área da Música, o projeto geralmente disponibiliza a maior parte da carga horária disponível para essa arte. Dentre os diversos cursos (como Violão Iniciante e Avançado, Percussão, Teclado, Coral e Técnica Vocal), procuramos nesse trabalho enfatizar o curso de Prática de Conjunto do qual participei como docente desde 2010.

O curso de Prática de Conjunto foi criado a partir do curso de Percussão em 2009, através da necessidade dos próprios estudantes que tocavam outros instrumentos, além dos

percussivos, e começaram a pressionar a direção do projeto por práticas que agregassem guitarra, bateria, contrabaixo e voz, por exemplo. O curso tem como proposta a formação de um grupo musical e trabalha na perspectiva da integração de diversos instrumentos e ritmos que são estabelecidos a partir das vivências de cada um dos estudantes matriculados. Assim, a formação do grupo se estabelece apenas no decorrer das aulas com o desenvolvimento das habilidades de alguns alunos e a aquisição de habilidades por outros. Como o Projeto disponibiliza apenas os equipamentos de som e a bateria, é necessário que os estudantes possuam seus próprios instrumentos. Nessa perspectiva, o curso “traz, a partir de aulas teóricas e práticas, conceitos e vivências musicais de como tocar em grupo, interagindo com expressões vocais e instrumentais” (PLANEJAMENTO DO CURSO 2013). Incentiva-se a criação de arranjos e improvisação, além de sempre incluir uma composição musical de algum estudante no repertório do grupo.

Além disso, a escolha das músicas é feita pelo grupo através de discussões durante as aulas. A partir de 2013, o repertório foi sendo selecionado através de uma temática principal, também definida pelos estudantes e pelos professores (desde 2012, o curso possui dois professores).

Até o ano de 2012, o curso acontecia aos sábados pela manhã, com cada aula tendo uma duração de três horas. A partir de 2013, o curso teve sua carga horária ampliada para as terças e quintas, com seis horas semanais no turno da noite. O curso acontece no estúdio do CCBJ, que possui uma boa estrutura com duas caixas para guitarra, uma para contrabaixo, bateria completa e computador com acesso à *internet*.

O planejamento dos cursos (ANEXO A) acontece concomitante ao início das atividades do projeto, embora não necessariamente no começo do ano, já que não existe previsão para o retorno das aulas após a Culminância. Assim, compreendemos que as atividades do Jardim de Gente não possuem uma continuidade. Honório (2014) percebe, através dos relatos dos entrevistados de sua pesquisa, as consequências dessa descontinuidade.

São elas: “prejuízo para a comunidade em geral”, “descrença da comunidade no projeto”, “dispersão/perca do público”, “descrença e afastamento dos alunos”, “uma atenção a menos para crianças e jovens em termos de oferta de serviços públicos no bairro”, “descontinuidade dos vínculos com instituições do bairro”, “desarticulação de grupos artísticos e culturais”, “desarticulação de equipes já treinadas para trabalhar no projeto”, “interrupção da aprendizagem” (aprendizagem superficial). Além de consequências de ordem ainda mais prática como a evasão, dificuldade de recomeço, falta de professores e desperdício de material que sobra de um ano para o outro (HONÓRIO, 2014, p. 122).

Ao direcionar nosso foco para os planejamentos do curso, percebe-se uma evolução dos conteúdos e das atividades nas aulas. Isso se deu a partir de dois pontos principais:

- a) O conhecimento do(s) professor(es) acerca dos objetivos formativos do Projeto, além do perfil dos estudantes de cada turma;
- b) Influência por parte da direção do núcleo de formação (espaço dentro do CCBJ responsável pelo gerenciamento dos cursos) para que as atividades de cada curso tenham práticas voltadas para a profissionalização dos estudantes (sejam como músicos ou educadores musicais).

Anteriormente a esse período de necessidade de profissionalização sugerido pela coordenação do projeto, os cursos tinham uma função de “arte pela arte” (palavras da própria coordenadora da época): uma prática voltada para o lado musical e artístico dos estudantes e um espaço de democratização e formação musical. Porém, a partir de 2012, as atividades realizadas se direcionaram para a economia criativa⁵, e o planejamento de todos os cursos se voltaram para essa temática:

Nessa relação entre o financiador e a gestão, e na relação entre a gestão e os participantes do projeto (assim como entre eles mesmos), os diferentes discursos aparecem, não se chegando a um consenso sobre a função principal que o Jardim de Gente deve cumprir na comunidade. Ou se são ambas, não há consenso sobre quais as metodologias a serem adotadas (HONÓRIO, 2014, p. 56).

Mas como podemos classificar esse projeto e o CCBJ dentro do campo educacional? A partir da vivência durante um período no projeto Jardim de Gente, começaram a surgir diversos questionamentos acerca das diversas nomenclaturas desses espaços e como poderia denominar o espaço de minha atuação. A seguir, será explicitado um breve histórico dessa discussão e como o CCBJ e o Jardim de Gente se enquadram nessas propostas.

⁵ O conceito de Economia Criativa no Projeto Jardim de Gente está relacionado com atividades produtivas direcionadas por processos criativos. Ou seja, atividades profissionais dentro da área cultural e artística que são as áreas trabalhadas pelo Projeto.

4 COMPREENDENDO A EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

O primeiro ponto importante a ser destacado dentro da temática é o entendimento acerca do âmbito em que se encontra o Centro Cultural e o Projeto Jardim de Gente quanto à natureza de suas atividades. Apesar dos diversos conceitos e pouco consenso acerca da questão da formalidade, não formalidade e informalidade, retratarei aqui um breve histórico sobre esse conteúdo para melhor compreensão durante o trabalho.

Partiremos, a princípio, do pensamento do barão Charles de Montesquieu, século XVIII, que afirmava recebermos três educações diferentes:

- a) De nossos pais;
- b) De nossos mestres;
- c) Do mundo;

Mas, tendo em vista nossa atualidade, como podemos classificar essas três educações do barão de Montesquieu? A educação de nossos pais e a educação do mundo está intimamente ligada à ideia do nosso cotidiano, que acontece muitas vezes de uma forma não intencional. A de nossos mestres, assim como alguns ensinamentos de nossos pais, já tem um caráter de maior intencionalidade. O que os difere é o caráter de maior formalização e que ganhou mais força a partir do século XIX, período que a escolarização entrou em um processo de ampliação e generalização de suas atividades e o discurso pedagógico acabou se concentrando cada vez mais na instituição escolar.

Nessa perspectiva, acreditava-se que a grande parte do desenvolvimento educacional, se não ele como um todo, além das necessidades de formação social e de aprendizagem, estava ou cruzava a instituição escolar. E assim, como nos ensina Trilla (2008, p.17), “o acesso de todos à escola pelo maior tempo possível e a melhoria da sua qualidade tornaram-se os objetivos centrais de quase todas as políticas educacionais progressistas dos séculos XIX e XX”⁶.

A educação escolar foi ajustada a esses requisitos quando a chamada estrutura ocupacional se urbanizou e uma parcela importante da economia pôde ser suprida com ocupações compatíveis com o uso de saberes tipicamente escolares. Isso não se deu logo no século XVIII, quando a escola passou a cumprir sua função no projeto político de conformar tipos de cidadania modernos e aqueles saberes foram originalmente escolhidos como condição para o uso da razão, cumprindo exigências de uma concepção de liberdade. A aproximação entre escolarização e economia se acentuou na Europa na segunda metade do século XIX, e marcadamente em outros

⁶ Vale ressaltar que, apesar do crescimento de outros espaços de ensino e aprendizagem, a escola continua ainda como espaço considerado hegemônico e única forma de ascensão social em muitos lugares.

continentes cem anos depois. A educação escolar delineada a partir daquele fim político e, bem depois, com base naquela função econômica, vindo a ser provida, financiada e reconhecida formalmente pelo Estado, passou a estar no centro das cogitações educacionais, no espaço público, servindo de modelo a outros processos educacionais e se tornou objeto quase exclusivo da formulação e implementação de políticas educacionais (TRILLA, 2008, p.60).

Mas e quanto aos processos educativos e a aprendizagem do mundo? Como classificá-los?

A educação - como já vimos – é um fenômeno complexo, multiforme, disperso, heterogêneo, permanente e quase onipresente. Há educação, é claro, na escola e na família, mas ela também se verifica nas bibliotecas e nos museus, num processo de educação a distância e numa brinquedoteca. Na rua, no cinema, vendo televisão e navegando na internet, nas reuniões, nos jogos e brinquedos (mesmo que eles não sejam dos chamados educativos ou didáticos) etc. ocorrem, igualmente, processos de educação. Quem educa, evidentemente, são os pais e professores, mas as influências formadoras (ou eventualmente deformadoras) também são frequentemente exercidas por políticos e jornalistas, poetas, músicos, arquitetos e artistas em geral, colegas de trabalho, amigos e vizinhos, e assim por diante (TRILLA, 2008, p. 29).

Nessa perspectiva, começam a surgir diversas críticas ao sistema de ensino tradicional e formalizado por parte de diferentes setores da sociedade que não acreditavam mais na escola e na família como únicos meios de educação, tendo em vista a grande demanda social existente⁷.

Surge, nesse momento, uma diversidade de outras formas educacionais, motivadas por sustentação de uma luta por novos direitos ou até mesmo pela necessidade de um maior dinamismo que a escola não demonstrava. Mas, a partir disso, como distinguir e adjetivar essa diversidade educacional?

A pedagogia vem tentando resolver esse problema há muito tempo com, por exemplo, adjetivos que demonstrem o sujeito que se está educando (educação da terceira idade); o aspecto da personalidade do indivíduo (educação moral, etc...); o conteúdo propriamente dito (educação sanitária, literária); crenças religiosas (educação católica) e também os aspectos metodológicos (educação ativa, à distância).

Coombs é considerado o primeiro a utilizar essa terminologia: formal, não formal e informal. Foi sob sua coordenação que em 1967, na *International Conference on World Crisis in Education* (Williamsburg, Virginia nos Estados Unidos), foi elaborado um documento mostrando as dificuldades e falhas do sistema formal (escolar) vigente e possíveis

⁷ Para Trilla (1996), o termo não formal surgiu em um contexto de crise da educação e, que pelo consenso de educação estar ligado a escola, crise da educação formal ou escolar.

meios para sua resolução, alternativas essas que não se restringissem apenas ao meio escolar, mas que também trabalhassem em novos contextos. Apesar desse ponto inicial com a conferência de 1967, podemos perceber diversas atividades dentro do setor não formal e informal antes da década de 60, como por exemplo a educação libertária desenvolvida pelos Anarquistas. No Brasil, deve ser destacado Paulo Freire com o trabalho de Alfabetização de Adultos.

É importante ressaltar que não foi apenas a crise do sistema escolar a responsável pela ascensão desses novos contextos e conceitos de educação. As mudanças ocorridas nas relações da estrutura familiar burguesa, além da modificação nas relações de trabalho, são pontos que também influenciaram essa crise.

Toda essa modificação, tanto no contexto do trabalho, como na vida urbana, desmontando a forma tradicional em que a sociedade moderna passou a estruturar e organizar a vida social, trouxe a necessidade dessa mesma sociedade se reorganizar e responder às mudanças, inclusive no campo educacional. As necessidades vieram de diferentes demandas: cuidado, socialização, formação, ambientes seguros e profissionais qualificados (com quem deixar as crianças), e outras. Todas essas demandas expandidas recaem sobre o setor educacional, (antes eram de responsabilidade desse mesmo setor e da família). Portanto, a diferença está no fato de terem se modificado, ou estarem se modificando as instâncias responsáveis pela educação no mundo atual (GARCIA, 2008, p. 5).

A grande capacidade de modificação e evolução das práticas não formais gera uma gama de possibilidades e talvez, a partir daí, possamos ter um espaço de “produção, vivência e socialização de práticas e irradiação de utopias.” (PARK, FERNANDES, CARNICEL, 2007, p.24). As organizações não governamentais, ou o chamado terceiro setor, são os espaços de maior ocorrência, mas não exclusivo, das práticas não formais.

No Brasil, as atividades do terceiro setor tiveram origem com a igreja católica através de ações filantrópicas e voluntárias na saúde e educação, inseridas através dos valores da caridade católica. Já o termo ONG se estabeleceu durante o regime militar, no decorrer dos anos 70, e cobre um vasto campo de organizações diferentes, com foco de seu investimento na cidadania e na dignidade humana.

A partir dos anos 80, por uma necessidade de continuidade das atividades, essas instituições passam a requerer uma maior qualificação dos envolvidos nos projetos, tendo em vista a complexidade social, jurídica, econômica e cultural de sua gestão. São espaços que necessitam de novas abordagens para atuar nas realidades que estão presentes, com formas alternativas do fazer educacional para alcançar seus objetivos de forma concreta.

4.1 Conceitos

A seguir, serão explicitados os conceitos de informal, formal e não formal por diversos autores, na tentativa de entendermos qual deles se encaixa melhor na perspectiva da pesquisa no Bom Jardim e seus diferentes espaços de aprendizagem musical.

4.1.1 Educação Informal

Depois de uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos de diversos autores sobre a temática em questão, podemos perceber ainda certa fragilidade e pouco consenso sobre esses novos contextos educacionais. Vale destacar Trilla (1996), Coombs (1986) e Pastor Homns (2001) como pioneiros nessa temática e que tiveram trabalhos consideráveis no qual iremos adentrar. No Brasil, temos Carlos Alberto Torres, Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, Renata Siero Fernandes, Margareth Brandini Park além do trabalho de Libâneo (1999), que dedica em seu livro **“Pedagogia e Pedagogos, para quê?”** uma discussão sobre esses conceitos. Utilizaremos como base para a análise das atividades no CCBJ e no Projeto Jardim de Gente, além dos outros contextos de aprendizado de música no bairro Bom Jardim, a junção dos conceitos de Libâneo (1999) e Trilla (2008) por estarem mais de acordo com a realidade das atividades do bairro.

Para Trilla, a educação informal é aquela que acontece de forma espontânea e muitas vezes não intencional, seja no papel de professor como no de aprendiz. Apesar da não intencionalidade citada por Trilla, não podemos generalizar essa categoria a ponto de dizer que não existem práticas informais intencionais⁸:

Ou seja, estaríamos diante de um caso de educação informal quando o processo educacional ocorre indiferenciada e subordinadamente a outros processos sociais, quando aquele está indissociavelmente mesclado a outras realidades culturais, quando não emerge como algo diferente e predominante no curso geral da ação em que o processo se verifica, quando é imanente a outros propósitos, quando carece de um contorno nítido, quando se dá de maneira difusa (que é outra denominação da educação informal) (TRILLA, 2008, p, 37).

⁸ Segundo o próprio Trilla (2008, p.36) em seu texto no livro Educação formal e não formal, seria equivocado dividir a educação não formal e formal como práticas intencionais e generalizar as atividades não intencionais como educação informal. Não podemos, por exemplo, pensar que todas as atividades educativas fornecidas pelos pais são não intencionais.

Assim, não existe o papel e o reconhecimento social do educador, do agente que comanda a ação educacional. Como afirma o próprio Trilla (1985, p. 19), a educação informal “não apresenta nenhum atributo especial e explícito que no marco do processo educacional de que se trate, credite-o propriamente como educador”. Outro ponto importante é que o próprio contexto em que acontece essa troca de conhecimentos não é reconhecido como uma situação educacional.

Afonso (1989) tem um conceito semelhante ao de Trilla com relação à educação informal e ainda acrescenta que é um processo permanente e contínuo, sem uma organização prévia da aquisição desse conhecimento – daí seu caráter não intencional. É importante destacar que essa modalidade de educação não tem um espaço específico (acontecendo inclusive em espaços institucionalizados) e está ligada à cotidianidade dos indivíduos. Trata-se, portanto, da percepção gestual, moral e comportamental provenientes da socialização em diversos níveis (amizade, família, mídia).

Vale ainda acrescentar a esse pensamento a ideia de Libâneo em seu livro **Pedagogia e Pedagogos, para quê?:**

Com efeito, a educação informal perpassa as modalidades de educação formal e não formal. O contexto da vida social, política, econômica e cultural, os espaços de convivência social na família, nas escolas, nas fábricas, na rua e na variedade de organizações e instituições sociais, formam um ambiente que produz efeitos educativos, embora não se constituam mediante atos conscientemente intencionais, não se realizem em instâncias claramente institucionalizadas, nem sejam dirigidas por sujeitos determináveis (LIBÂNEO, 1999, p. 84).

Esses efeitos se refletem em diversos momentos de nossa vida, no modo de pensar até na opção sobre determinada profissão no futuro, regras de convivência, adoção de ideias políticas, religiosas e etc. Além disso, continuando com o pensamento de Libâneo, “os estudos sobre educação e prática social, educação e trabalho, currículo e sociedade, educação e reprodução social, currículo explícito e currículo oculto são mostras do impacto dos elementos informais da educação nos processos educativos individuais” (1999, p.84).

Ao pensarmos nas manifestações culturais (especificamente musicais), geralmente transmitidas de geração por geração, acaba se gerando práticas educacionais onde os processos de aprendizagem musical ocorrem de maneira prática, através do contato e da convivência. Não há nessa perspectiva uma didática definida, mas sim uma inserção do indivíduo na *práxis* musical através da observação, imitação e posterior criação.

4.1.2 Educação Formal

Utilizando ainda as ideias de Trilla, a educação formal, sob uma perspectiva metodológica, gira em torno da instituição escolar com sua forma coletiva e presencial de ensino: um espaço próprio para as atividades com horários e um calendário preestabelecido, uma separação institucional entre professor e aluno e uma seleção bem definida do que será estudado através do currículo escolar. Indo mais além, ainda com o conceito de Trilla e sob uma perspectiva estrutural, a educação formal é aquela que é determinada por uma legislação nacional (o Ministério da Educação, por exemplo), com critérios pré- estabelecidos bem hierarquizados - educação escolar (Ensino Infantil, Fundamental, Médio e Universitário) ⁹.

Segundo o outro critério [metodológico], a educação formal e a não formal se distinguiriam não exatamente por seu caráter escolar ou não escolar, mas por sua inclusão ou exclusão do sistema educativo regado. Isto é, o que vai do ensino pré-escolar até os estudos universitários, com seus diferentes níveis e variantes; ou, dito de outro modo, a estrutura educativa graduada e hierarquizada orientada à outorga de títulos acadêmicos. Aplicando-se tal critério, a distinção entre o formal e o não formal é bastante clara: é uma distinção, por assim dizer, administrativa, legal (TRILLA, 2008, p. 40).

Mas o próprio Trilla vê ambiguidades nesses dois critérios (Metodológico e Estrutural) e acredita no estrutural como melhor critério a se seguir.

Para complementar o conceito de educação formal de Trilla, vale ressaltar o que Libâneo afirma:

Formal refere-se a tudo o que implica uma forma, isto é, algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura. Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-los de não convencionais). Entende-se, assim, que onde haja ensino (Escolar ou não) há educação formal. Nesse caso, são atividades educativas formais também a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional, desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizados fora do marco escolar propriamente dito (LIBÂNEO, 1999, p. 81).

⁹ Também entra nessa perspectiva o ensino técnico, a educação profissional, o EJA (Educação de Jovens e Adultos), etc.

4.1.3 Educação Não Formal

Apesar de certa formalização de suas atividades, a educação não formal difere da educação formal a princípio – relembrando as duas classificações de Trilla (Metodológico e Estrutural) – por estar à margem da legislação educacional vigente, daí seu caráter menos sistemático.

O que ocorre é que a educação não formal, por situar-se fora do sistema de ensino regrado, desfruta de uma série de características que facilitam certas tendências metodológicas. O fato de não ter de seguir nenhum currículo padronizado e imposto, as poucas normas legais e administrativas que recaem sobre ela (calendário escolar, titulação dos docentes etc), seu caráter não obrigatório, e por aí afora, tudo isso facilita a possibilidade de métodos e estruturas organizacionais muito mais abertas (e, geralmente, mais flexíveis, participativas e adaptáveis aos usuários concretos e às necessidades específicas) que aquelas que costumam imperar no sistema educacional formal (TRILLA, 2008, p.42).

Mesmo os profissionais que trabalham nesses espaços não são, muitas vezes, cobrados acerca de sua titulação acadêmica, tendo geralmente passado apenas por um treinamento para determinada atividade. São, portanto, programas, propostas e projetos que realizam ações educacionais com inúmeras diferenças organizacionais entre elas e também diferentes metodologias, muitas delas bem usuais dentro da educação formal. Trata-se de uma educação que está à margem da hierarquia e da padronização da educação formal.

São, portanto, espaços educacionais com múltiplas possibilidades, maior flexibilidade e ajustamento ao contexto e realidade de cada região. São atividades não formais (por exemplo, feiras e visitas organizadas pela escola) que complementam o conhecimento curricular escolar.

Em resumo, a educação não formal é formada pelo “conjunto de processos, meios e instituições específica e diferenciadamente concebidos em função de objetivos explícitos de formação ou instrução não diretamente voltados à outorga dos graus próprios do sistema educacional regrado” (TRILLA, 2008, p.42).

Para Libâneo (1996, p. 39), considerar a educação como “atividade mediadora no seio da prática social” significa um acesso ao saber institucionalizado e reconhecido e àquele cotidianamente construído, estabelecendo uma articulação entre ambos. Para o autor, o relacionamento da prática vivida com o saber institucionalizado resultaria numa ruptura, no sentido de constatar a prática real, confrontando o que é visto na escola, formalmente, com o que é realizado fora dela. Esse confronto seria o resultado da uniformidade entre a teoria e a prática, entre o formal, não-formal e informal (WILLE, 2003, p.34).

Trilla utiliza quatro âmbitos para classificar, de maneira resumida, os campos de atuação da educação não formal:

- a) O âmbito da formação ligada ao trabalho;
- b) O âmbito do lazer e da cultura;
- c) O âmbito da educação social;
- d) O âmbito da própria escola.

Apesar da sua importância, esses âmbitos foram listados aqui apenas a título de informação e complementaridade. Não entraremos a fundo nessa discussão, pois, como certifica o próprio Trilla, “cada um dos âmbitos desenvolvidos deveria ser objeto de um tratamento particular que refletisse sua gênese, seus conceitos, teorias, e autores relevantes, sua prospectiva etc” (2008, p. 43).

Para complementar o conceito de educação não formal dialogando com o Jardim de Gente, percebemos que não existe no Projeto:

[...] uma estrutura fixa ou proposta de formação desenhada e os cursos são definidos baseados, além da demanda, na carga horária e espaços disponíveis. O que existe é um tempo e espaços aos quais os formatos dos cursos vão se moldando de modo a suprir uma demanda existente. Em termos organizacionais, o único norte que os coordenadores procuram seguir é a meta geral do projeto de atingir as horas totais previstas no orçamento. Dentro dessas horas, tem-se uma liberdade para propor cursos, metodologias, receber proposta de educadores, definir público, tempo e espaço, seguindo sempre a temática do projeto (HONÓRIO, 2014, p.85).

A seguir, esses conceitos serão expostos na perspectiva da educação musical, entendendo melhor cada contexto e forma de aprendizagem na tentativa de classificar, de uma forma explícita e convincente, cada espaço.

4.2 O Conceito de Formal, Não Formal e Informal dentro da Educação Musical, no CCBJ e no Projeto Jardim de Gente

Quando nos voltamos para o ensino de música e seus espaços de ensino aprendizagem, a discussão dos espaços formais, não formais e informais ganha mais questionamentos por se tratar de conteúdos específicos que não estão inseridos no currículo escolar. Além disso, são poucas as instituições públicas que fornecem ensino musical em Fortaleza. A partir disso, podemos perceber a aquisição elitista e quase privada do saber musical, a importância dos espaços não escolares (não formais e informais) para o

aprendizado da população que não pode pagar uma escola de música e também a importância da música no espaço escolar para democratização do saber musical mais sistematizado.

A grande dificuldade para definir os diversos espaços de aprendizagem musical está na capacidade e potencialidade das atividades presenciadas nesses espaços (além de muitas delas terem alto grau de formalidade), a exemplo das bandas de música e muitos corais. Mas o que definiria a educação musical formal? Onde o Projeto Jardim de Gente e o Centro Cultural se encaixam nessa perspectiva?

Antes de responder esse questionamento, é importante ressaltar que a educação, esteja ela em qualquer âmbito, não deve se restringir à escola, mas deve ser entendida como um processo natural e social que ocorre em qualquer espaço –intencionalmente ou não.

A Educação Musical no Brasil teve início com a prática formal e sistemática da Igreja Católica através primeiramente dos jesuítas, depois pelos mestres de solfa nos seminários, seguido pelos mestres de capela e os professores autônomos no Brasil Colonial. Apenas em 1854, durante o reinado de D. Pedro II, que, através da reforma Couto Ferraz (decreto nº 1331), são incluídas nas escolas primárias e secundárias “noções de música e canto”. Posteriormente em 1890, pela reforma Benjamin Constant (decreto nº 981), foi incluído o ensino de “elementos de música” e pela primeira vez foi pensado na formação do professor que deveria lecionar nessas turmas (Instituição primária e secundária em âmbito nacional). Seria então um professor específico e admitido em concurso.

Surge, através do decreto nº 19.890 de 1931 (Reforma Francisco Campos), a inserção do canto orfeônico como base para as aulas de música, mas apenas no Distrito Federal. Somente em 1942, com a reforma Gustavo Capanema, a prática do canto orfeônico se espalhou para o restante do país.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961 (nº 4024), o canto orfeônico desaparece, e a música surge no currículo escolar novamente apenas em 1971 diluída na Educação Artística, atividade responsável pela formação das diversas linguagens artísticas. Nesse momento, acontecem nas escolas especializadas trabalhos musicais importantes. Vale destacar Gazzi de Sá, Sá Pereira e Liddy Mignone.

O diferencial da LDB de 1996, comparada com a de 1971, foi que essa última definiu o ensino de arte como atividade obrigatória dentro do currículo escolar nos diversos níveis da escola básica. Nessa realidade, algumas atividades predominaram de uma forma avassaladora perante outras artes – a exemplo da arte visual, que geralmente é a mais trabalhada dentro da disciplina (PENNA, 2007).

Além disso, não existia nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) o direcionamento pedagógico acerca de como a música deveria ser trabalhada. Apenas em 2008, com a lei 11.769, o ensino de música foi determinado como atividade obrigatória, mas não exclusiva dentro da disciplina artes e o professor não precisaria ter formação específica para essas atividades musicais.

Em Fortaleza, mesmo com a lei 11.769, o ensino de música ainda não está regularizado em todas as instituições públicas. A Educação Musical encontra-se concentrada em algumas escolas particulares regulares, que mantêm aulas de música com um caráter menos formalizado – daí sua classificação como não formal dentro do ambiente escolar além de uma série de escolas especializadas, que muitas vezes se adequam ao que o estudante quer aprender daí seu caráter menor formalizado e conceituado aqui como espaços musicais não formais. As únicas instituições formais públicas de ensino de música em Fortaleza são:

- a) Curso de Música - Licenciatura e Bacharelado – na Universidade Estadual do Ceará (UECE);
- b) Curso de Música – Licenciatura - Universidade Federal do Ceará (UFC);
- c) Curso Técnico em Instrumento Musical - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Esses, mesmo com os cursos de extensão, talvez não consigam sozinhos contemplar as necessidades musicais de todos os moradores de Fortaleza.

Quanto às outras atividades musicais, como as bandas de música e corais, por exemplo, apesar de suas práticas serem de caráter bastante formal (com conteúdos e “rituais” bem estabelecidos), não existe um currículo que as padronize. Portanto, cada grupo possui alguma particularidade metodológica e/ou estrutural, sendo classificado aqui como prática não formal.

Nessa perspectiva, apesar das diversas medidas administrativas internas como idealização de um Projeto Político Pedagógico, o CCBJ e o Projeto Jardim de Gente serão classificados aqui, tendo como base a discussão anterior, como espaços não formais de educação.

Tendo essa compreensão acerca dos conceitos utilizados para classificação do Projeto, podemos entender melhor as especificidades do Jardim de Gente enquanto espaço de formação musical no bairro Bom Jardim, e assim, sua função enquanto ambiente educacional.

Será explicitado a seguir, as propostas de Educação Musical de Koellreutter que dialogam com os objetivos do Jardim de Gente, espaço principal da pesquisa.

5 A EDUCAÇÃO MUSICAL DE KOELLREUTTER

Koellreutter foi um importante educador musical. Apesar de sua origem alemã, foi radicado no Brasil em 1937 e dedicou sua vida ao trabalho pedagógico musical, introduzindo aqui a música contemporânea, sobretudo o Dodecafonismo.

Para Koellreutter, a linguagem musical é um “meio de ampliação da percepção e da consciência, que contribui para a superação de preconceitos e pensamentos dualistas decorrentes do racionalismo, do mecanicismo e do positivismo” (BRITO, 2011, p. 28). Indo mais além, Koellreutter afirma que a Música é um meio para a expansão da consciência e para a modificação do homem e do contexto social que o cerca.

Para ele, “a educação musical continua a ser, no Brasil, o mais sério problema do terreno da música. [...] os pais e educadores desconhecem ainda o inestimável valor educacional e socializante das disciplinas musicais, como a música de conjunto [...]” (H.-J Koellreutter, 1997, p. 109). Apesar dos grandes avanços nas “metodologias” e práticas musicais, a afirmação de Koellreutter permanece válida nos dias atuais. O ensino de Música em muitos lugares continua sendo usado como prática segregadora, como forma de poder e de dominação.

Percebemos a Música e a educação musical nessa perspectiva com uma prática bem mais ampla que apenas formação de intérpretes e virtuosos, oportunizando, também, uma formação que contemple o exercício da cidadania e que gere seres humanos interligados com a sociedade em que vivem.

Sua abordagem privilegiou e valorizou a importância e o porquê da música (e da arte) na vida humana, lembrando o fato de que cada sociedade, com suas características e necessidades típicas, condiciona um tipo de arte. Atento e responsável, o professor preocupou-se, sobretudo, em propiciar uma educação viva, adequada a cada época, a cada contexto, servindo-se da música como um instrumento de educação (BRITO, 2011, P. 42).

A partir disso, podemos perceber, mesmo que de maneira não intencional, uma grande abertura para as ideias de Koellreutter dentro do Bom Jardim através do CCBJ e do Projeto Jardim de Gente. As práticas e objetivos desses espaços e do educador em questão convergem.

Assim, justifica-se a utilização dos trabalhos de Koellreutter para a análise das entrevistas da presente pesquisa por se tratar de pensamentos pedagógicos que visam o debate como forma de aprendizagem e que dão suporte para o desenvolvimento posterior do

estudante não apenas musicalmente, mas também de maneira funcional (conceito utilizado por Koellreutter e que expressa uma educação musical centrada nas necessidades dos envolvidos). Essa deve ser a função da educação como um todo, e o ensino de música não poderia ficar à margem dessa perspectiva.

6 DAS PRÁTICAS NÃO FORMAIS A INVENÇÃO DO COTIDIANO

Após a discussão acerca do ensino de música em espaços não formais e também como a educação musical de Koellreutter se enquadra nesse âmbito educacional, é importante discutirmos sobre como esses espaços influenciam o cotidiano de seus frequentadores. A princípio, não podemos generalizar os aspectos levantados pela diversidade de trabalhos sobre o ensino de música em espaços não formais, tendo em vista que são contextos bem diferenciados e que interferem diretamente nos resultados das ações desenvolvidas.

Esses trabalhos surgem como elementos de partida e complementaridade na presente pesquisa, dialogando com o objeto de estudo e contribuindo com elementos teóricos e metodológicos.

Para dialogar sobre o ensino de Música na periferia de Fortaleza, é necessário compreender a princípio os jogos de poder que ocorrem em nossa sociedade e que não se restringem apenas à prática musical, mas a todas as ações desenvolvidas pelo ser humano. A seguir, será feita uma breve discussão acerca desses jogos de poder e como esse sistema interfere no cotidiano das pessoas.

6.1 Jogos de poder, classes sociais e o cotidiano

É fato que o capitalismo domina “de longa data [nossa] vida econômica e social, [educando e criando] para si mesmo, por via da seleção econômica, os sujeitos [...] – empresários e operários – de que necessita” (WEBER, 2004, p. 48). Somos, nesse sentido, escolhidos e classificados como empresários ou operários por critérios estabelecidos pela nossa posição nas relações de produção.

A condição de classe que a estatística social apreende por meio de diferentes indicadores materiais da posição nas relações de produção, ou, mais precisamente, das capacidades de apropriação material dos instrumentos de produção material ou cultural (capital econômico) e das capacidades de apropriação simbólica desses instrumentos (capital cultural), determina direta e indiretamente, conforme a posição a ela conferida pela classificação coletiva, as representações de cada agente de sua posição e as estratégias de “apresentação de si” de que fala Goffman, ou seja, sua encenação de sua própria posição (BOURDIEU, 2013, p. 109).

A partir dessa classificação coletiva feita através de um sistema, propriedades, roupas, discursos e até mesmo sotaques transformam-se em símbolos de distinção, passando de objetos a “expressões, signos de reconhecimento que significam e valem por todo o

conjunto de lacunas e distâncias [...] em relação às outras propriedades – ou não propriedades” (BOURDIEU, 2013, p. 112).

Vivemos assim em um sistema com marcas distintivas que Bourdieu (2013) denomina de sistema simbólico. Por exemplo, as preferências por automóvel, esporte, jogos e residências recebem dentro desse sistema um valor, e a partir da “soma dessas distribuições [dessas preferências] socialmente pertinentes desenha o sistema de estilos de vida” (BOURDIEU, 2013, p. 112).

Certeau (2013) também aborda essa mesma temática, mas utilizando o conceito de estratégia que conceitualmente dialoga com a perspectiva do sistema simbólico de Bourdieu (2013).

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de forças que torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico (CERTEAU, 2013, p. 45).

Além disso, Certeau (2013) utiliza também o conceito de táticas que, ao contrário das estratégias, não possuem autonomia como “um próprio”. Resultam, portanto, de ações imprevisíveis dos consumidores, fugindo de certa maneira do sistema então vigente. Trata-se de pequenas vitórias perante os produtores no cotidiano da cultura ordinária, espaço esse onde as práticas dos consumidores ou “não produtores” acontece.

No Bom Jardim, essas táticas têm ajuda do Projeto Jardim de Gente, em que os consumidores são incentivados a adentrar no lugar do autor e passam a ser um escritor, de certa maneira, e não apenas um leitor de vivências. As práticas musicais de Projetos como o Jardim de Gente dão espaço dentro dessas estratégias introduzindo “uma ‘arte’ que não é passividade” (CERTEAU, 2013, p. 49).

Isso tudo acontece de maneira desconhecida e silenciosa pela grande maioria das pessoas. Um mundo social com sua diversidade de pressuposições fixadas através de um acordo silencioso, pensado como um mundo natural onde cada um deve seguir seu caminho de maneira passiva e com sua forma de fazer dominada. Mas será que essa passividade é respeitada?

A partir de pesquisas feitas por Certeau e seus colaboradores (1974-1977) acerca do cotidiano de quem ele denomina de “Homem Ordinário”, surge uma teoria das práticas rotineiras, que tem como objetivo extrair dessas as “maneiras de fazer” e a

“antidisciplina” (CERTEAU, 2013) que vão de encontro às categorias da vida cotidiana caracterizada por Heller (2008) ¹⁰.

Não há vida cotidiana sem espontaneidade, pragmatismo, economicismo, antologia, precedentes, juízo provisório, ultrageneralização, mimese e entonação. Mas as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana não devem se cristalizar em absolutos, mas têm, de deixar ao indivíduo uma margem de movimento e possibilidades de explicitação. (HELLER, 2008, p.56).

É dessa margem de explicitação dita por Heller (2008) e das maneiras de fazer somadas às táticas de Certeau (2013) que a presente pesquisa segue como base teórica para compreensão acerca das práticas musicais no bairro Bom Jardim. Prefere-se pensar aqui que, aliadas à rotina das práticas cotidianas e maneiras de fazer certas atividades, existem ações que são desenvolvidas contra a ordem natural da sociedade. O que está por trás, por exemplo, de um estudante que, depois do ensino técnico integrado em turismo e que tem naturalizado nos discursos ao seu redor a prática profissionalizante, busca na prática musical um futuro profissional?

A imposição mesmo que de maneira “natural” não implica que vai e deve ser seguida pelos seus usuários. Certeau (2013) nos apresenta isso quando afirma que:

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização (CERTEAU, 2013, p. 39).

Como no ato enunciativo, que não basta apenas o conhecimento da língua, mas também todo o contexto e a relatividade dos lugares e relações, o ato musical também se descobre compartilhado e praticado de maneira autônoma da concepção dominante, aqui pensada não no fazer musical e seu segmento teórico, mas sim na perspectiva das alternativas de aprendizagem.

A hipótese principal da presente pesquisa é que esse ato musical produzido pelos consumidores é oportunizado e incentivado pelo Projeto Jardim de Gente através de suas atividades formativas. Essas atuam sob a perspectiva contrária da vigilância e punição apresentada por Foucault (1999) e seguem a mesma direção da pesquisa de Certeau (2013),

¹⁰ Heller (2008) aponta diversas características da vida cotidiana que buscam expressar a maneira de como os indivíduos vivem e se relacionam na sociedade. São elas: heterogeneidade, repetição, hierarquia, economicismo, probabilística, espontaneísmo, precedente, entonação, imitação, pragmatismo, analogia, juízos provisórios como preconceito e ultrageneralização.

buscando as maneiras de fazer que formam a contrapartida desses usuários, consumidores ou dominados do bairro Bom Jardim.

6.2 A arte de fazer música

A arte de fazer música sempre esteve ligada diretamente aos modos de se conceber a ciência e, conseqüentemente, as suas mudanças. Essa compreensão é de grande importância para nossa atual educação musical e prática artística. O valor da música também se modifica com o tempo. Fonterrada (2008) nos mostra isso de maneira ímpar, através dos diversos períodos históricos.

No século XXI, muitos desses valores se mantiveram graças ao sistema de classificação visto anteriormente. Além disso, a prática musical, aliada ao pensamento do dom e do ser talentoso, também persiste até nossos dias:

Ideias como destino, talento inato, predestinação, ligadas a teorias religiosas e à ideologia veiculada pelos meios de comunicação em massa, contribuem para formar nas pessoas a concepção de que um músico, um pintor, um ator já nasceram para realizar aquela atividade e são pessoas “únicas” e “especiais” (FUCCI AMATO, 2008, p. 81).

Isso torna a arte de fazer música restrita a uma minoria, geralmente com maior oportunidade e incentivo por parte do meio social em que estão inseridos. Bourdieu (1998) conceitua essa realidade como a “ideologia do dom”, um meio pelo qual a elite produtora (de disciplina) justifica as diferenças econômicas, logrando êxito em suas práticas e disseminando a naturalização da falta de dom dos consumidores.

O que realmente acontece é a transmissão de bens culturais pelas famílias a seus filhos. Esses mantêm ao longo do tempo o *status* de seus precedentes e uma boa posição social que, conseqüentemente, provoca uma conservação das desigualdades sociais e culturais.

Cabe notar, entretanto, que pode haver famílias com um grande capital cultural, porém de baixa condição econômica, o que determinaria um grande cultivo às artes a despeito das dificuldades materiais. Contudo, a realidade aponta, geralmente, para uma associação – em maior ou menor grau – de diversos tipos de capital em um seio familiar; ou seja, é mais difícil para uma família de baixa renda do que para a classe média ou alta levar seus filhos a concertos, comprar-lhes livros, discos e lhes dar acesso às diversas formas materiais da cultura, além de proporcionar-lhes a educação específica e geral – o acesso à escola (FUCCI AMATO, 2008, p. 84).

A partir do que Bourdieu (2003) estrutura como capital global (que inclui o capital social, econômico e cultural), o talento, o dom e o gosto musical, por exemplo, são herdados geralmente por seus precedentes familiares. São frutos de acúmulo de capital cultural, que pode originar-se de diversas fontes como, por exemplo, ser **incorporado**, no caso da música, através do incentivo ao estudo de um instrumento musical. A partir disso, torna-se uma prática valorizada.

Existe também o incentivo **objetivado** que, diretamente relacionado com o capital econômico, trabalha com a perspectiva da aquisição de bens duráveis como CD's, instrumentos musicais e livros, por exemplo, e que estarão **incorporados** ao seu cotidiano com o tempo.

A **institucionalização** também está presente nessa abordagem. Os certificados de cursos de música indicam “reconhecimento oficial do processo de acúmulo de capital cultural” (FUCCI AMATO, 2008, p. 85). Os cursos de música do Projeto Jardim de Gente já se mostram como práticas institucionalizadas dos consumidores, como espaços de ampliação de seu capital cultural e maneiras de fazer música sob a perspectiva dos “produtores desconhecidos”.

Mas existe possibilidade de mudanças nessa cotidianidade reprodutivista? Certeau (2013), ao citar o exemplo da arte de conversar, nos responde esse questionamento. O exercício da conversa ordinária é um momento de uma prática transformadora em vários sentidos e que não possui um proprietário individual. “A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares-comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los ‘habitáveis’” (CERTEAU, 2013, p. 49).

Sinto-me, nesse momento, como um dos colaboradores de Certeau (2013), buscando “que procedimentos populares [...] jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los” (CERTEAU, 2013, p. 40). Para dar voz às pessoas ordinárias e compreender melhor suas táticas na arte de fazer Música, será explicitado a seguir os passos metodológicos da pesquisa para posterior discussão dos dados e conclusão do trabalho.

7 A METODOLOGIA PARA A PESQUISA NO BOM JARDIM

Nesse capítulo, serão abordados a escolha da metodologia e o entendimento acerca das características do método escolhido. Depois de várias leituras sobre metodologias de pesquisa para a coleta e análise de dados, foi escolhido o método qualitativo para o estudo em questão.

Durante muito tempo, a pesquisa em ciências humanas, de maneira geral, foi bastante criticada por causa de seu caráter menos objetivo que as ciências naturais (BASTOS, 2009). As ciências humanas e sociais necessitam de uma metodologia específica, tendo em vista que “o fenômeno humano possui componentes irreduzíveis às características da realidade exata e natural” (DEMO, 1985, p. 13).

Tendo como base o fenômeno humano musical no Grande Bom Jardim em Fortaleza, mais especificamente o cotidiano dos frequentadores do Projeto Jardim de Gente, a escolha do método qualitativo se justifica porque busca adentrar no universo simbólico dos estudantes e, assim, “compreender os significados que [esses] dão aos seus comportamentos ou as suas vidas” (ANADON, 2005, p. 11).

A estratégia qualitativa (CRESWELL, 2010) utilizada foi um Estudo de Caso único, que aqui seguirá os planos estruturais de Yin (2010). O Estudo de caso busca compreender um fenômeno em seu contexto real, principalmente quando os limites desses não estão evidentes.

A pesquisa em espaços não formais vem se destacando aos poucos em eventos e congressos, dando enfoque a cada dia nas práticas musicais na periferia das cidades. O trabalho com música nessas regiões, de uma maneira geral, ainda é visto de uma forma assistencialista, partindo do princípio que ninguém nesses espaços pode dar continuidade a essas atividades. Apesar de uma afirmação generalizante, é um pensamento comum principalmente em espaços sociais que, na verdade, tem como objetivos trabalhar a música de uma maneira formativa, com objetivos extra musicais (como, por exemplo, ocupar os adolescentes em alguma atividade cultural para que estes não fiquem na ociosidade).

O próprio Projeto Jardim de Gente se adequa a essa realidade. Porém, como entender, então, o direcionamento dos diversos estudantes egressos que continuam empenhados no trabalho com música, seja tocando, cantando, lecionando e até mesmo ingressando na Universidade como graduandos nos cursos superiores em Música? Compreender a ligação desse fenômeno com o contexto em que as atividades se desenvolvem é o objetivo principal da pesquisa, e, por isso, a utilização do Estudo de Caso.

A seguir, será exposto como se deu a coleta dos dados para posterior análise e compreensão dos resultados da pesquisa.

7.1 Procedimento de coleta dos dados

A presente pesquisa utilizou diversas fontes de evidências (YIN, 2010). Dentre elas, podemos citar o Projeto Político Pedagógico e as revistas anuais do CCBJ para compreensão acerca da função dos cursos e seu público alvo, as entrevistas com os estudantes do curso, além do planejamento das aulas. Outra fonte de dados importante foi a dissertação de uma das coordenadoras do projeto, que nos trouxe informações significativas das atividades desenvolvidas na instituição.

A coleta dos dados aconteceu em duas etapas distintas, que serão explicitadas a seguir:

7.1.1 Escolhendo os entrevistados

Dentre os 36 estudantes que passaram pelo curso de Prática de Conjunto, no período de 2010 a 2013, foram escolhidos dez para as entrevistas. Dentre os selecionados, cinco, através da vivência e hipóteses quando fui professor do curso, deram continuidade ao estudo da Música a nível profissional (ou tinham essa pretensão) e cinco, através de hipóteses e vivências anteriores, não continuaram o trabalho musical desenvolvido e estariam atualmente com outras atividades remuneradas. Com essa divisão, poderíamos compreender de maneira bem mais abrangente o que significou o curso para a formação desses estudantes através de suas próprias falas. A escolha também aconteceu tomando como base os estudantes que estiveram no curso desde o seu início e estudantes que entraram nos últimos anos; o tempo em que permaneceram no curso e sua participação durante as atividades do mesmo, tendo em vista que existiam muitas apresentações e atividades além das aulas.

Segue abaixo o perfil dos estudantes selecionados:

1. Victor Sousa – Participa desde 2012; foi inicialmente escolhido no perfil de **profissional**.
2. Samila Naira – Participou do curso durante um ano; foi inicialmente escolhida no perfil de **não** profissional.

3. Salatiel Cordeiro – Participou do curso durante dois anos; foi inicialmente selecionado no perfil de **profissional**. Participou do início da Prática.
4. André Luis – Participou do curso durante quatro anos; foi inicialmente selecionado no perfil de **profissional**. Participou do início da Prática.
5. Leandro Maciel – Participou do curso durante três anos; foi inicialmente selecionado no perfil de **não** profissional. Participou do início da Prática.
6. Eliana Oliveira - Participou do curso durante cinco anos; foi inicialmente selecionada no perfil de **não** profissional. Participou do início da Prática.
7. Mariana Oliveira - Participou do curso durante dois anos; foi inicialmente selecionada no perfil de não profissional. Participou do início da Prática.
8. Beneildo Filomeno – Participou durante um ano; foi inicialmente selecionado no perfil de **não** profissional e **também pela forte história de vida com a Música**.
9. Silvio Henrique - Participou do curso durante dois anos; foi inicialmente selecionado no perfil de **profissional**.
10. Marlon Andrew - Participou do curso durante três anos; foi inicialmente escolhido no perfil de **profissional**. Participou do início da Prática.

As entrevistas aconteceram no período de 29 de Setembro de 2014 a 03 de Outubro de 2014 em diversos espaços do bairro Bom Jardim, escolhidos pelos próprios estudantes. Algumas ocorreram no próprio CCBJ, espaço onde acontece o curso de Prática de Conjunto, e outras nas residências dos próprios estudantes. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e possuem uma duração média de quinze a vinte minutos. Logo depois, foram transcritas.

7.1.2 Roteiro das Entrevistas

As entrevistas em profundidade, que para Yin (2010) trata-se de “perguntar aos respondentes-chave sobre os fatos de um assunto, [aqui pensado como a importância do curso em suas respectivas formações] assim como suas opiniões sobre os eventos” (p.133), seguiram um roteiro pré-estabelecido com inicialmente oito perguntas. Foi realizado um pré-teste para confirmar o entendimento dos questionamentos e funcionalidade da entrevista com um dos dez estudantes. Nesse pré-teste, a última pergunta não foi devidamente compreendida e, nas outras entrevistas, foi repensada e substituída. A fala do estudante que foi feito o pré-

teste também será utilizada na pesquisa, mas sem a resposta da pergunta que foi acrescida, tendo em vista que ela foi adicionada através dele. Segue abaixo o roteiro da entrevista:

1. Para começar, você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?
2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?
3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?
 - 3.1 Seus pais trabalham com que atividade?
4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula? E por que a procura por um curso de música? Apenas *hobby* ou tinha alguma intenção profissional?
5. Como foi o primeiro contato com o Centro Cultural Bom Jardim e com o Projeto Jardim de Gente? Como conheceu esse espaço? Fez outros cursos além do curso de Prática de Conjunto?
6. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?
7. Ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso? Fez amigos? Mantém contato com alguém que conheceu no projeto durante os cursos que fez?
8. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso? Não apenas musicalmente, mas fique à vontade para falar sobre outros aspectos que ache relevante. Seus hábitos diários e sua rotina se modificaram? Tinha algum outro atrativo além da prática musical?
9. Qual a importância que você dá as atividades do Projeto Jardim de Gente e do curso de Prática de Conjunto para sua formação? (Acrescentada depois do pré-teste).

Importante ressaltar que, antes de cada entrevista, foi explicado o projeto de pesquisa e solicitada a assinatura do termo de livre consentimento para utilização dos relatos dos estudantes (APÊNDICE B) no trabalho assim como suas respectivas fotos e nomes verdadeiros.

7.1.3 Documentos do Projeto Jardim de Gente e do Centro Cultural Bom Jardim

Além das entrevistas, foi utilizado como fonte de evidências o PPP do Projeto, que foi desenvolvido através de diversos encontros pedagógicos com todos os professores durante os anos de 2012 e 2013, processo do qual participei e pude contribuir com minhas vivências enquanto educador musical. Além disso, os planos de curso e de aula do curso de Prática de Conjunto que desde 2010, quando iniciei as atividades, modificaram-se bastante no decorrer dos anos¹¹ (ANEXO A). Também foi utilizada a Revista do CCBJ, que é disponibilizada na instituição geralmente no final de cada ano.

Procurou-se compreender através desses documentos, de maneira geral, os objetivos, dificuldades e a finalidade dos cursos desenvolvidos pelo Projeto Jardim de Gente, além do desenvolvimento dos objetivos musicais das aulas do curso de Prática de Conjunto que já foi explicitado ao longo de todo o trabalho.

¹¹ Até o ano de 2011, os planos de curso e de aula eram desenvolvidos exclusivamente por mim. Em 2012 e 2013, houve o convite para que outro professor assumisse as aulas do curso de maneira compartilhada.

8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a coleta de dados e transcrição das entrevistas, a análise e interpretação dos dados foram proporcionadas, tendo como guia de protocolo a codificação teórica introduzida por Glaser e Strauss (1967) e aperfeiçoada por Strauss e Corbin (1990). A interpretação dos textos tem como função, além de desenvolver o referencial teórico da pesquisa, contribuir para saber quais dados extras necessitam ser coletados. Por isso, a interpretação inicial dos dados da pesquisa não pode estar desassociada da coleta desses dados.

Importante ressaltar que os textos citados anteriormente estão relacionados com as dez entrevistas transcritas, tendo em vista que os planejamentos do curso e o PPP do Projeto foram analisados e discutidos anteriormente. Apesar disso, esses dados também estarão no presente capítulo, mas apenas nas discussões, complementando e contextualizando as entrevistas.

Geralmente, a interpretação e a análise feitas após a coleta dos dados acontecem de duas maneiras distintas: a primeira com a expansão do material textual através da contextualização dos enunciados e a segunda com a redução do texto através da categorização. Na presente pesquisa, foram utilizadas a redução e categorização do texto original, procedimento esse que foi dividido em três processos, mas que, apesar da diferenciação, não estão temporalmente isolados e serão expostos a seguir.

8.1 Codificação Aberta

A codificação aberta surge na pesquisa para reduzir fenômenos e dados em conceitos. Trata-se do “processo analítico pelo qual os conceitos são identificados e desenvolvidos em termos de suas propriedades e dimensões” (STRAUSS E CORBIN, 1990, p. 74). Após a leitura inicial do texto integral das entrevistas, foram retirados os pontos que estavam mais próximos à problemática da pesquisa e, assim, mais próximos de respondê-la. A fim de melhor análise das entrevistas, foi utilizada a seguinte lista de questões, que contribuiu para a interpretação dos dados em todas as etapas:

1. O que? – Sobre o que se fala aqui? Qual fenômeno é o mencionado?
2. Quem? – Que pessoas, atores estão envolvidos? Que papéis eles desempenham? Como eles interagem?

3. Como? – Quais aspectos do fenômeno são mencionados (ou não são mencionados)?
4. Quando? – Por quanto tempo? Onde? Tempo, curso e localização.
5. Quanto? – Com que força? Aspectos relacionados à intensidade.
6. Por quê? – Quais os motivos que foram apresentados ou que podem ser reconstruídos?
7. Para que? – Com qual intenção, com que finalidade?
8. Através de que? – Meios, táticas e estratégias para se atingir o objetivo (1990, p.77; Böhm, 2002).

Como resultado dessas primeiras análise e interpretação inicial, foram definidas as seguintes categorias:

1. Idade;
2. Profissão;
3. Espaços de Ensino Formal que frequentou;
4. Espaços de aprendizagem musical na região onde mora;
5. Família e Música;
6. Profissão dos pais;
7. Iniciação Musical;
8. Início na Prática de Conjunto;
9. Tempo no Curso;
10. Intenção na música;
11. Primeiro contato com o CCBJ;
12. Atividades Musicais que exerce;
13. Amizades através do curso;
14. Importância do curso de Prática de Conjunto;
15. Importância do Projeto Jardim de Gente;

8.2 Codificação Axial

A codificação axial tem como objetivo aprimorar e expandir as categorias originárias da codificação aberta. Para isso, além das questões explicitadas anteriormente, conta-se com o que Strauss e Corbin (1990, p. 99) denominam de paradigma da codificação que está representado na figura abaixo:

Figura 1 - Paradigmas de codificação



Fonte: Strauss e Corbin (1990).

Apesar de simples, esse modelo contribui para esclarecer as relações entre os diversos acontecimentos, suas causas e consequências além do contexto em que estão sendo executados. Depois de diversas leituras movendo-se constantemente na construção de categorias e conceitos, foram selecionadas as categorias e subcategorias mais relevantes para a pesquisa, como podemos ver a seguir:

1. Apresentação
 - 1.1 Idade/ Profissão
2. **Causa** da procura pelo curso de Música
3. Intenção na música – Profissional/ Hobby /Construção no decorrer do curso – **Fenômeno**
4. Profissão dos pais – **Contexto**
5. Onde Estudou (Ensino Regular) – **Contexto**
 - 5.1 Pública/Privada – **Contexto**
6. Espaços de aprendizagem musical na região onde mora – **Contexto**
7. Iniciação Musical - **Estratégias de Ação/ Interação**
 - 7.1 Primeiro contato com o CCBJ – **Estratégias de Ação/ Interação**
 - 7.2 Início na Prática de Conjunto - **Estratégias de Ação/ Interação**
 - 7.3 Tempo no Curso;
8. Atividades Musicais que está desenvolvendo – **Consequência;**
 - 8.1 Importância do curso – **Causa**
 - 8.2 Importância do Projeto – **Causa**

8.3 Codificação Seletiva

Como última etapa do processo, está a codificação seletiva. Essa etapa tem como objetivo desenvolver a categoria principal da pesquisa, em que as outras possam ser integradas. Isso se aplica porque não pretende-se aqui apreender casos isolados, mas sim um fenômeno principal que seja o foco da problemática da pesquisa. A seguir, serão expostos as categorias, os dados coletados e o fenômeno principal para posterior discussão dos resultados.

1. Apresentação
2. Intenção na prática musical – **Fenômeno**
3. Motivação por parte dos pais a prática musical – **Contexto**
4. Onde Estudou (Educação Regular) – **Contexto**
5. Espaços de aprendizagem musical na região onde mora – **Contexto**
6. Iniciação Musical - **Estratégias de Ação/ Interação**
7. Primeiro contato com o CCBJ – **Estratégias de Ação/ Interação (Certeau; 2013)**
8. Início na Prática de Conjunto - **Estratégias de Ação/ Interação (Certeau; 2013)**
- 8.1. Permanência no curso de Prática de Conjunto - **Estratégias de Ação/ Interação;**
9. Importância do Projeto e do Curso de Prática de conjunto - **Causa**
- 9.1. Atividades Musicais que está desenvolvendo – **Consequência**

Quadro 1 – Dados das entrevistas

Nome do Estudante	Apresentação		Intenção na música Fenômeno Principal	Motivação por parte dos pais a prática musical Contexto	Onde Estudou (Educação Regular) Contexto	Espaços com ensino de música na região Contexto	Iniciação Musical Estratégias de ação/ Interação
	Idade	Profissão					
André	26	Músico e Professor de Música	*Profissional *Procurou o curso para aperfeiçoamento.	Motivação por parte do pai.	Escola Pública no Grande Bom Jardim.	Cita duas opções: Casa AME e CCBJ	*Música na Igreja (Aos 6/7anos) *Bandas de Rock (13 anos).
Mariana	21	Estudante ciências sociais/ Educadora Social	*Inicialmente Hobby/ Aperfeiçoamento *Profissional a partir das amizades no curso de Prática de Conjunto.	Motivação por parte da irmã (Eliana).	Escola Pública Profissionalizante no Grande Bom Jardim (Ao lado do CCBJ).	Cita cinco opções: Sítio Betesda, Casa AME, ABC, CCBJ.	Sítio Betesda Violão (2005) 12 anos.
Salatiel	21	Estudante do Técnico em Violão/ IFCE Professor de	Profissional Procurou o curso pelo interesse em	Pouca motivação por parte dos pais.	Escola Pública no bairro Centro e no Grande Bom Jardim	Cita cinco opções: CCBJ, ABC, CAIC, Casa AME e o Grupo Brincantes de São Francisco.	Em casa Violão (Cifras/ Amigos) 13 anos (Práticas Musicais Informais)

		Música	estar no Meio Musical.				
Marlon	19	Estudante do curso de Música da UFC Professor de Música	Profissional a partir do curso de Prática de Conjunto	Não teve motivação por parte dos pais.	*Ensino Fundamental Escola Pública *Ensino Médio Escola Particular (Bairro de Fátima)	Cita quatro opções: Casa AME, CCBJ, ABC e Projeto PAZ	*Flauta Revistas 11 anos (Informal) *Violão Irmão 13 anos (Informal) *Violão e Bateria (Igreja)
Samila	18	*Estuda Administração *Trabalha como Jovem Aprendiz – Auxiliar de RH	Hobby	Motivação por parte da mãe para aprender violão.	Escola Pública Profissionalizante no Grande Bom Jardim.	Cita duas opções: CCBJ e ABC.	ABC Violão Básico (12 anos)
Leandro PRE-TESTE	21	Graduado em Geografia pela UFC	Hobby	Não teve motivação na família.	Escola Pública Profissionalizante no Grande Bom Jardim (Ao lado do CCBJ).	Cita três opções: CCBJ, ABC e Casa da Mariana (cita a casa de uma amiga como espaço de aprendizagem musical).	*ABC (Violão) 13 anos *SESI – Parangaba (Violão) (1 mês)
Silvio	21	Participa da Orquestra Escola do	Profissional a partir do curso de	Motivação por parte da mãe para o filho tocar na	Escola Pública no Grande Bom Jardim	Cita três opções: CAIC, ABC e CCBJ.	Aulas particulares (Violão) 12/13 anos

		CAIC	Prática de Conjunto	igreja;			*Irmão na igreja (Violão) *A partir dos 18 por conta própria
Beneildo	27	Desempregado	Intenção Profissional	Motivação por parte do avô;	Escola Pública CEJA - Parangaba	Cita duas opções: Um espaço próximo de casa e o CCBJ.	*Ouvindo o avô tocar violão e compondo durante o tempo que ficou na prisão; *Bateria na igreja.
Victor	18	*Faz curso técnico em logística através do PRONATEC; *Trabalha com eventos e como músico <i>Free-Lancer</i> .	Hobby	Não teve motivação por parte da família;	Escola Pública Profissionalizante (Ao lado do CCBJ)	Cita duas opções: CCBJ e ABC.	ABC Violão (2011)
Eliana	23	Trabalha como monitora no Projeto Mais Educação.	Profissional a partir do curso de Prática de Conjunto.	Motivação por parte do pai para aprender violão;	Escola Pública no Grande Bom Jardim	Cita duas opções: ABC e CCBJ.	Igreja (Cantando) 11/12 anos

Nome do Estudante	Primeiro contato com o CCBJ	Início na Prática de Conjunto	Permanência no Curso de Prática de Conjunto	Atividades Musicais que está desenvolvendo	Importância do curso	Importância do Projeto
	Estratégias de Ação/ Interação	Estratégias de Ação/ Interação	Estratégias de Ação/ Interação;	Fenômeno Principal/ Consequência	Causa	Causa
André	2009 com o Curso de Percussão	2010 Já com a nomenclatura Prática de Conjunto	4 anos	*Grupo Pé de Serra; *Acompanhando grupo coral (CUCA) com uma professora que conheceu no CCBJ; *Grupo Clube da Música (CUCA); *Lecionando.	*Interação com outras pessoas que tocam; *Convivência Aprender a ouvir e a falar; *Superação de um trauma; *Fez Muitos amigos.	*Une as pessoas com suas diversas linguagens e suas diversas formas tanto de falar como de vestir; *Interação uns com os outros; *Mudança da rotina das pessoas (Moradores do bairro e estudantes do projeto).
Mariana	2007 Coral 14 anos	2009 Percussão	2 anos	Retorno com a banda iniciada com os amigos no primeiro ano da Prática de Conjunto.		*Amigos; *Contatos; *Lazer; *Incentiva os estudantes a montar seus próprios grupos.
Salatiel	2009 Percussão		3 anos	Lecionando em dois colégios municipais	*Alicerce para o curso técnico de	*Importante para mudar a realidade/ o cotidiano de muitos jovens; *Cultura ajuda a mudar a realidade do bairro/ outros

	2010 Já com a nomenclatura Prática de Conjunto			Três grupos musicais	violão; *Vivência com as pessoas; *Novas referências musicais / Expansão do repertório (Exemplo o regionalism o).	caminhos/ ocupações; *Jovens mudam seus comportamen- tos; *Novos caminhos; *Formar Pessoas.
Marlon	2009 Percussão 2010 Prática de Conjunto		3 anos	*Grupo Musical (Originário do curso de Prática de Conjunto) *Lecionando flauta e banda fanfarra em escolas municipais	*Influenciou a entrada na Universidade de Música; *Amadurecimento Musical e pessoal; *Amadurecimento do grupo que participa.	
Samila	11 anos Balé	2012	1 ano	Prática musical no ministério de Louvor	*Trabalho em conjunto; *Saber ouvir opiniões e críticas *Utiliza na prática musical da igreja.	*Aprende-se através do projeto com a diversidade de experiências de todos os envolvidos no Jardim de Gente (funcionários, coordenadores, professores, colegas, etc); *Contribuiu no desenvolvimento como pessoa; *Contribui para uma formação profissional em arte; *Utiliza-se tudo que aprendeu no Jardim de Gente de alguma forma.

Leandro PRÉ- TESTE	Visitas através da escola que estudava	2009 Percussão	3 anos	*Grupo musical com os amigos do curso de Prática de Conjunto.	*Amizades que vão se construindo; *Respeitar a opinião do outro; *Desenvol-veu a fluência em um novo instrumento no curso; *Trabalho em equipe que se leva para outras áreas.	NÃO RESPONDEU ESSA PERGUNTA
Silvio	Em 2011 com o curso Jogos digitais 3D	2012 Prática de Conjunto	2 anos	*Grupo musical Gospel *Violista da Orquestra Escola do CAIC	*Mudança de perspectiva para com a Música; *Percebeu a teoria dentro da prática; *Ligação entre as pessoas;	*Incentivo musical para a comunidade; *Oportuniza-ção à prática Musical; *Mudança de Perspectiva com relação à prática musical
Beneildo	2013 Prática de Conjunto		1 ano	*Toca sozinho; *Práticas musicais religiosas nas igrejas, favelas e na rua.	*Contribui-ção terapêutica (estava em um tratamento e ficava muito ansioso – às vezes com raiva).	*Retira os jovens da ociosidade; *Ressociali-zação.

				*Ressocialização.	
Victor	2012 com o curso de Prática de Conjunto	3 anos (Continua No curso)	*Grupos Musicais *Free Lancer		*Aprender a ouvir as pessoas; *Valorizar a ideia do outro; *Trabalhar em equipe; *Formação cidadã e de caráter (Personalidade); *Valorizar a si mesmo e as coisas que tem;
Eliana	2009 Percussão	4 anos	Grupos Musicais	Trabalho em equipe; Respeito à opinião dos colegas; Vê a música e a prática musical de outra maneira.	NÃO QUIS RESPONDER

Fonte: elaborado pelo autor (2014).

Analisando todos os dados, percebemos a diferença de faixas etárias dos estudantes do curso. O Projeto, então, não restringe suas atividades a nenhum perfil de idade. A única exceção se aplica quando o professor limita a idade de seu curso, tendo em vista que ele tem essa autonomia. Em 2013, por exemplo, a maior quantidade de alunos, segundo o relatório final do Projeto, estava entre os 16 e 29 anos e em segundo lugar, 30 anos em diante.

Tendo como guia o paradigma da codificação, observamos três categorias que caracterizam o **contexto** dos estudantes entrevistados. A primeira está relacionada com a motivação por parte da família para a aprendizagem musical. Cinco dos estudantes foram motivados pela família para a prática musical.

Silvio comenta que sua mãe dizia para ele estudar um instrumento para tocar na igreja. Samila também foi incentivada pela mãe para aprender violão. Ela gostou da ideia porque sempre gostou de cantar. Cantava na igreja.

“Aí quando a mãe disse que eu devia ir tocar violão aí eu botei na minha cabeça eu vou tocar também, porque eu gosto de cantar e tocar e cantar é uma coisa assim que é muito ligado uma na outra, então eu vou tocar também” (Samila).

André também comenta um pouco da influência de seu pai, como podemos perceber no trecho abaixo:

A guitarra e o violão surgiram muito depois, porque o meu pai, como ele tinha esse hábito da música nordestina, ele me chamava na televisão e me mostrava as pessoas tocando viola, violão, sendo que eu era um garoto que eu odiava violão. O único instrumento que eu tinha em casa era um pianinho de madeira que eu ficava tocando quando criança. Aí, de repente despertou o interesse em casa do teclado... mas eu não tinha teclado. Aí meu pai me mostrava a questão dos repentistas, a questão do violão, só que eu odiava o violão, eu queria ter um teclado. Aí meu pai me deu um violão com seis anos de idade e eu quebrei o violão na frente dele porque eu não queria um violão, eu queria um teclado. Isso foi um impacto pra ele. Depois disso, depois dessa cena, eu resolvi aprender violão.

Mariana e Eliana são irmãs e têm um pai que trabalha como educador, utilizando a música.

Ele cantava pra mim, achava que eu ia tocar porque eu ficava mexendo no violão dele. “Vixe, essa menina vai tocar e tal”. Aí, quando eu completei quatro anos, ele comprou um violão pra mim e eu fiquei lá, fazendo umas batidinhas lá doidera... quando eu completei doze anos, ele me inscreveu num curso de violão [...]” (Eliana).

A segunda categoria que caracteriza o contexto dos estudantes nos mostra que a influência e motivação por parte da família é fundamental para algumas pessoas, mas que

muitas vezes não é suficiente para que a aprendizagem e a prática musical se desenvolvam de maneira satisfatória e significativa. É necessário que o ambiente em que o estudante está inserido seja propício para a vivência musical.

Dos dez estudantes entrevistados, apenas dois tiveram vivência musical na escola regular – um deles na escola particular (em outro bairro) e o outro em uma escola pública (instituição no Grande Bom Jardim), através de um projeto no contraturno. Importante ressaltar aqui que esses estudantes hoje se encontram trabalhando com música: o primeiro faz o curso de Música da UFC e leciona em duas escolas, e o segundo toca em diversos grupos e leciona na igreja.

Os outros oito estudantes estudaram em escola pública, quatro deles em uma escola de tempo integral – profissionalizante. Todos tiveram vivências musicais em espaços não formais. Os espaços mais citados na região com ensino de Música foram:

1. CCBJ;

Figura 2 – Centro Cultural Bom Jardim



Fonte: Ceará (2014).

2. ABC do Bom Jardim;

Figura 3 - ABC do Bom Jardim



Fonte: Associação Beneficente Vida Melhor (2014).

3. Casa AME;

Figura 4 – Casa AME



Fonte: Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (2014).

4. CAIC Maria Alves Carioca;

Figura 5 – CAIC Maria Alves Carioca



Fonte: Sá (2012).

Essa é a terceira categoria que caracteriza o contexto dos estudantes relacionando com suas práticas musicais. Além desses espaços, ainda foi citado o Sítio Betesda, o grupo Brincantes de São Francisco, igrejas e também a casa da Mariana (uma estudante do curso de Prática de Conjunto). Tendo como base esses dados, podemos perceber como a prática, a vivência e a aprendizagem musical acontecem na região do Grande Bom Jardim. Pela ausência do ensino de música de maneira mais sistematizada nas instituições escolares da região, percebemos **táticas** (CERTEAU, 2013) para que a aprendizagem musical aconteça. Nesse momento, já entramos nas categorias que descrevem as **estratégias de ação/ interação** dos estudantes entrevistados. A iniciação musical desses estudantes ocorre modificando as práticas rotineiras dos entrevistados para uma maior movimentação de suas práticas

cotidianas. Certeau (2013) utiliza o termo **tática** para expressar essas astúcias, aqui estando relacionadas a essas vivências informais e não formais dos estudantes de Música do Bom Jardim. Agindo onde não existe poder, “a tática tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (CERTEAU, 2013, p. 95).

Podemos perceber que, mesmo sem o contato nas instituições escolares e distantes dos principais centros de ensino de música de Fortaleza, a prática musical surgiu na vida dos estudantes entrevistados.

Minha iniciação musical, assim... foi por impulso meu mesmo, por vontade minha mesmo. Eu comecei com violão. Em casa. Tipo... o violão do namorado da minha irmã. Ele deixava lá em casa, e eu estudava o que eu podia. Com revistinhas de cifras e por contato com outros colegas que gostava de música também, mas também não sabiam tocar, aí a gente fazia isso... aprendeu junto (Salatiel).

Marlon seguiu o mesmo caminho do Salatiel.

Inicialmente, eu comecei estudando flauta, só. Pegando a flautinha, aí tinha aquelas musiquinhas que vinha naqueles papelzinhos, né? Aí eu ia aprendendo e tal. Isso com 11 anos. Aí... passou um tempo, aí eu parei devido não ter aula e tal, aí eu deixei. Com uns 13 anos mais ou menos, eu voltei a tocar porque minha mãe tinha comprado um violão pro meu irmão mais velho, e eu comecei a aprender também. E por intermédio... aí eu entrei na igreja, que também foi uma força, que aí eu comecei a aprender violão na igreja e comecei a aprender paralelamente bateria também (Marlon).

Eliana, ao contrário de Marlon e Salatiel, teve sua iniciação musical através de uma necessidade da igreja que frequentava.

Iniciação musical mesmo na igreja, primeiramente. Porque tava naquele período de que precisava de alguém pra cantar e não tinha quem cantasse, e a gente ficava lá, eu e as minhas irmãs, no banquinho. cantando baixinho, só nós. Aí o pessoal disse: “vocês não querem cantar, não? A gente tá precisando de ajuda pra cantar. Vamos cantar!” E aí a gente tava se preparando para um casamento de um amigo nosso, e ele: Ah, seria ótimo se vocês cantassem no meu casamento (Eliana).

Beneildo, mesmo com seus problemas, também tentava fazer algo com a vivência musical que teve de seus avôs.

Não, eu não tive aula, não. De repente... tudo começou quando eu tava preso... e... e lá eu pensava até que era loucura da minha mente... eu começava a escutar música e escutava o instrumento na minha mente e, de repente, começava a escrever e... dava certo, a canção todinha (Beneildo).

Além desses relatos, a casa de uma estudante do curso de Prática de Conjunto ser citada como espaço de aprendizagem musical nos mostra como as práticas e vivências musicais no bairro acontecem. Quando não em espaços não formais, a prática musical surge através dos amigos que se encontram para tocar, para aprender música um com os outros, mesmo que de maneira não intencional (um dos preceitos da educação informal).

“As táticas [se contrapõem] às *paisagens de poder*, infiltrando-se na ordem urbana e criando fissuras que possibilitam vislumbrar as formas destoantes de uma vida cotidiana supostamente estável e regular” (LEITE, 2010, p. 747, grifo do autor).

Ainda com foco na categoria **Onde Estudou (Educação regular)**, percebemos a importância dos cursos de música no turno da noite, tendo em vista que muitos estudantes precisam sair dos cursos de música ou quando entram no ensino médio profissionalizante, ou pela necessidade de trabalhar.

Fica patente que o interesse pela música é proporcional às oportunidades que cada indivíduo tem de ter contato com abordagens mais estruturadas e contínuas com a música. Fica também claro que, uma vez em contato com uma abordagem, ocorre um enriquecimento da capacidade de percepção e de elaboração crítica. A ampliação dos horizontes musicais do indivíduo (seja no âmbito da percepção pessoal, seja no âmbito da riqueza e variedade de repertórios) serve de auxílio para o alargamento dos horizontes de percepção da realidade como um todo (ROBATTO, 2012, p.51).

Ainda nas categorias das estratégias de ação/ interação, surgem três momentos importantes para a pesquisa: o primeiro contato com o CCBJ, com o curso de Prática de Conjunto e o tempo de permanência no curso. Dos dez estudantes entrevistados, seis conheceram o CCBJ através ou do curso de Prática de conjunto (2010), ou de seu antecessor, o curso de Percussão (2008/2009). Alguns já tinham a intenção do trabalho em grupo e outros simplesmente porque não existiam mais vagas para o curso que gostaria de fazer. Eliana, ao explicar sua iniciação musical, discursa um pouco sobre a entrada no curso de Prática de Conjunto.

Eu queria mesmo um negócio pra aperfeiçoar, tanto que antes eu queria me inscrever no curso de técnica vocal, antes de entrar no curso de prática de conjunto e qualquer outra coisa, mas aí toda vida que eu chegava, as vagas já tinham acabado embora eu more bem aqui, mas as vagas já tinham acabado e aí a vaga que tinha era pra prática aí eu: “Ah... vamos tentar, vamos ver no que vai dar”. Como eu também não sabia tocar nenhum instrumento, digamos: “Vou acabar tendo que cantar. De um jeito ou outro, vou acabar tendo que cantar. Aí foi (Eliana).

Victor, convidado por um amigo, já pensou na perspectiva da prática em grupo.

Meu primeiro contato com o Centro Cultural foi através da Prática. O meu amigo, o Daniel, tava precisando de um baixista pra prática e ele me chamou. Eu ainda não sabia muito bem tocar baixo, aí eu: “Vixe, eu vou lá, mas com pretensão também de aprender um pouco mais, de me aperfeiçoar um pouco mais no contrabaixo”, porque eu nunca tinha tocado em banda também, nunca tinha me envolvido num grupo assim, pra tocar junto e... meu primeiro contato foi esse. “Ei vamos lá conhecer o curso. Tu vai ter um contato com uma banda, vamos lá. Vai ser legal” (Victor).

Assim, o curso contribui para divulgação do CCBJ, espaço de formação e performance musical dentro do Grande Bom Jardim, mas que ainda é pouco conhecido na comunidade. As instituições escolares também contribuem ocupando o CCBJ. Leandro conheceu o espaço a partir de uma visita da escola que fica ao lado do CCBJ como podemos percebermos em seu relato:

“Eu estudava no colégio Ícaro de Sousa Moreira, que fica vizinho, então às vezes tinha alguma coisa no Centro Cultural que convidava algum colégio” (Leandro).

Mas através das outras entrevistas percebemos que o contato principal dos estudantes com o CCBJ se deu através das amizades que já conheciam o espaço e divulgavam as atividades. Leandro, por exemplo, foi convidado por Mariana para o curso de Prática de Conjunto. Ela discursa um pouco sobre esse papel de divulgação do CCBJ na sua entrevista.

[...] quando eu tinha tempo, eu procurava o projeto e aproveitava ao máximo um espaço desse aqui em frente à minha casa, eu não posso deixar de participar e também de divulgar. Não é só eu estando ali e usufruindo daquilo. Eu também divulgo muito os trabalhos daqui. Defendo também quando e onde eu posso, eu digo: “Ah... tem umas apresentações”. Assisto às apresentações. Divulgo. Então, eu to sempre falando porque eu to muito dentro do projeto e tal. Eu acho que um espaço como esse foi feito justamente pra comunidade. Então eu que sou da comunidade. Que moro aqui desde que eu nasci ...eu tenho o direito de participar, mas também tenho o dever de tá divulgando, de tá fortalecendo, de tá contribuindo, de tá trazendo ideias (Mariana).

A permanência no curso não seguiu um padrão. Diversos são os fatores de permanência e desistência. André e Eliana iniciaram juntos o curso de Percussão e continuaram na Prática por 4 anos. Salatiel, Marlon, Leandro e Victor, esse último ainda presente no curso, fizeram parte das atividades por 3 anos. Mariana e Silvio participaram durante 2 anos e o Beneildo e a Samila por apenas um ano. Os motivos de saída são vários. Um importante relato vale ser destacado porque mostra uma grande dificuldade nas atividades do projeto. Samila, ao ser questionada sobre o porquê de não ter dado continuidade ao curso em 2013, afirma que:

[Em] 2013 [o projeto] ficou parado até junho, julho, aí não deu mais. Aí do meio pro fim do ano, eu tava muito ocupada. [Além disso,] “a Prática de Conjunto foi pra semana.... o Jardim de Gente... foi o tempo que parou e não voltou mais, aí, quando voltou, a prática tava na semana. Aí não dava pra mim na semana, aí eu não fui mais também (Samila).

O curso de Prática de Conjunto costumava acontecer aos sábados pela manhã e, depois de um período bem longo com as atividades paradas, teve, ao retornar, sua carga horária ampliada e realocada na semana. Essa é uma das grandes dificuldades do Projeto. A paralisação pós-culminância e a incerteza do retorno das atividades faz com que o Projeto perca um pouco a formação contínua que poderia proporcionar para os moradores do bairro.

Essa dificuldade já está sinalizada no PPP do Jardim de Gente, como podemos visualizar no quadro abaixo:

Quadro 2 – Análise dos pontos fracos do Projeto Jardim de Gente.

Ponto Fraco	Ação Proposta
Dificuldade de comunicação com a comunidade	Investir em comunicação no rádio, rádios comunitárias e no marketing boca a boca; incluir os resultados dos cursos do Projeto Jardim de Gente nas exposições e apresentações do CCBJ e do CDMAC, mesclando com outras programações.
Burocracia	Propor a criação de um regulamento interno do CCBJ para facilitar o acesso aos serviços oferecidos à comunidade.
Dificuldades de comunicação interna entre os setores do CCBJ.	Reuniões periódicas (Mensais) entre professores, coordenação e equipe técnica.
Dificuldade de comunicação entre coordenações.	Ampliar o diálogo entre as três Coordenações do CCBJ, realizar reuniões de planejamento conjunta para programar ações de difusão e ações educativas.
Baixa autoestima dos alunos.	Conseguir parceria com uma universidade para disponibilizar uma equipe de promoção psicossocial para dar suporte aos alunos.
Pouca duração dos cursos.	Criar um programa de cursos modulares que permita ao próprio aluno elaborar seu plano de aprendizagem a partir de cursos que se complementam.
Poucos cursos na área técnica	Criar um programa de cursos mais técnicos que preparem o aluno para se inserir no mercado.
Não inserção/acompanhamento dos alunos no mercado de trabalho	Prever ações e equipe para promover a inserção dos alunos no mercado da economia criativa e o incentivo ao empreendedorismo e ao negócio criativo.
Descontinuidade das ações do projeto	Buscar dentro do IACC/SECULT uma forma de garantir uma equipe dentro do núcleo de formação que atenda às demandas da comunidade quando o Projeto estiver parado, como entrega de certificados e informações.

Fonte: Centro Cultural do Bom Jardim (2012).

Apesar disso, existem estudantes que sempre estão presentes no curso. Victor explica um pouco os motivos que o incentiva a sempre se matricular na Prática de Conjunto.

Porque, cara, é como... tu aprende uma coisa, mas não consegue se desgrudar daquilo. Virou um hobby também. Abrir Prática de 2015 eu vou tá aí. A de 2016 também. Mesmo que não tenha mais nada pra... claro que tem coisas novas pra aprender, porque eu conheço os ritmos novos, porque eu conheço novos jeitos de criar música (Victor).

A permanência aqui surge como **tática** de cada estudante de acordo com seu objetivo maior dentro da Música.

Depois do conhecimento do contexto e das estratégias de ação dos estudantes do Projeto Jardim de Gente, chegamos às **causas, consequências** e ao **fenômeno** principal da pesquisa. Esses poderiam ter sido discutidos logo no início da análise, mas serão expostos aqui para melhor compreensão dos resultados.

Ainda seguindo o paradigma da codificação (Figura 1), podemos compreender como fenômeno principal da pesquisa a mudança de percepção por parte dos estudantes com relação à prática musical e como o curso de prática de conjunto está ligado a essa mudança. Esse fenômeno está presente prioritariamente na categoria **Intenção na Música** e que, aqui, será interligada com as categorias **Importância do curso** e **Importância do Projeto** para melhor compreensão do que a formação direcionada pelo Projeto representou para os estudantes.

8.4 As diferentes maneiras da arte de fazer música

Dos dez estudantes, alguns estão adentrando profundamente no mundo musical seja a nível prático, seja a nível acadêmico. Alguns já tinham intenção profissional antes do curso e, após início das atividades no Projeto, o desejo inicial se fortaleceu. Outros visualizam o curso apenas por lazer, *hobby*, mas utilizam os conhecimentos adquiridos em suas práticas cotidianas. Existem ainda aqueles que tiveram sua percepção modificada da prática musical no decorrer do curso e começaram a ver a Música como uma possibilidade de futuro profissional.

Salatiel, por exemplo, ao entrar no curso de Prática de Conjunto, já possuía a intenção do trabalho com Música¹². Percebemos isso quando ele afirma que: *“desde o começo sempre foi assim... o gosto de tocar com... de tocar mesmo... de tocar... e... pensar em talvez... tipo, montar uma banda e sair por aí tocando profissionalmente. Daí a necessidade de procurar o curso”* (Salatiel).

André ainda estudou Direito durante um tempo, incentivado pelo pai biológico, mas abandonou a carreira para estudar música.

Eu estudei ... eu fiz um curso. Na verdade, eu entrei em um curso que a vaga era de 5 mil pessoas e fiquei dentro dos 30. Pra direito. Isso na verdade eram diversos cursos, mas o meu foco era o direito. [...] quando eu fui conhecendo a questão do direito, aí eu fiquei pensando realmente se aquilo era pra mim ou se a minha carreira era Música. [...] a partir do final do curso de direito foi quando eu decidi que eu queria viver como músico mesmo, é tanto que quando eu procurei a questão dos cursos tanto da prática de conjunto aqui no Centro Cultural do Bom Jardim e a parte de percussão na casa AME (André).

Figura 6 – André durante a apresentação do curso de Prática de Conjunto na Culminância de 2012



Fonte: Centro Cultural do Bom Jardim (2012).

Para os dois estudantes, o curso trouxe importantes contribuições. Salatiel, ao ser questionado sobre a importância do curso para sua formação, cita as referências que agregou ao seu repertório a partir do curso e que explora bastante em sua banda de *Rock*:

[...] assim... inicialmente, era só a prática musical, mas assim... a vivência com as pessoas e a questão dos horizontes assim... em relação a música. Em relação ao que ouvir. As referências musicais. Isso aflorou muito. Isso aflorou bastante. Principalmente a questão do regionalismo que hoje eu sinto como uma característica minha musical. E também a companhia e tal... as pessoas que eu conheci com certeza são muito importantes hoje pra mim (Salatiel).

¹² Salatiel entrou no início da Prática, quando o curso ainda tinha como foco a prática percussiva.

Percebemos no discurso do Salatiel a importância do curso para a formação de seu capital cultural no estado incorporado, capital esse que geralmente é desenvolvido pela família.

Salatiel, assim como André, também teve experiências em outras áreas profissionais.

Um ponto muito importante que eu tava inclusive conversando com meu professor de Violão... é... a questão de você viver daquilo que você gosta, né? Daquilo que é seu sonho desde novo. Por exemplo, eu entrei na prática já pensando em viver profissionalmente disso. E isso com certeza foi um alicerce muito bom pra eu estar hoje no curso Técnico de Instrumento Musical no IFCE, e isso me preparou bastante. Ou seja, eu já cheguei aqui com alguma bagagem, com algum conhecimento e tô só somando agora. Com relação a viver disso, é um escape pra mim assim... porque muitos estudantes de música tem que sair dali... daquele... às vezes, tem uma evasão muito grande nos cursos de música por isso, porque eles precisam trabalhar, porque o curso de Música... o músico ele não é muito valorizado... falta muito disso, sabe? A profissão de músico é visto como algo que ... enfim, existe muito preconceito em torno disso ainda. Aqui e em outras cidades. Existe muito disso. De você ser músico e ainda ter que trabalhar em algum emprego formal. Comigo também foi dessa maneira, certo? Eu fui exposto a diversos fatores que me atrapalham hoje na Música, por conta de que eu precisava trabalhar de que... enfim. Por exemplo, eu tenho uma lesão no meu braço que foi algo que foi causado por um emprego formal e tal... tem fatores psicológicos também que influenciam. A questão de estresse, dependendo do trabalho eu você tá. Daquela frustração de você querer trabalhar em uma área e não conseguir... então... falta mais oportunidade pros músicos. Falta mais investimento nessa parte, eu acho. De dar oportunidades (Salatiel).”

Figura 7 – Salatiel em uma apresentação com seu principal projeto. A banda *So So Rock Alternativo*



Fonte: Arquivo pessoal do estudante Salatiel (2014).

Atualmente, Salatiel é estudante do curso Técnico em Instrumento Musical – Violão, possui dois grupos musicais autorais e pretende ingressar na Graduação em Música. André também trabalha com Música, lecionando e tocando em alguns grupos. Ambos

corroboram com a ideia do Projeto e do curso de Prática de Conjunto como importantes caminhos para a prática musical dentro do Grande Bom Jardim.

*Os cursos oferecidos pelo Jardim de Gente, principalmente no meu caso, a questão da Música, são extremamente importantes. Principalmente pra mudar a realidade de muitos jovens lá, porque é um bairro que ele tem índices muito negativos com relação a educação, violência e enfim... vários outros aspectos. E a questão da cultura dentro de uma comunidade assim, com esses dados, com essas características, ajuda pra caramba a mudar, sabe?! Ajuda pra caramba as crianças e os jovens terem outros caminhos pra seguir, outras ocupações. Porque o tempo que eles não têm no colégio ou num curso desse, por exemplo, eles estão sujeitos a diversas outras coisas, né? Como a questão da violência, da marginalização, que eles sofrem muito. Isso ajuda a mudar o ponto de vista deles. A perspectiva de futuro. Então, eles mudam tanto o comportamento deles, como justamente esses novos caminhos pra seguir. Ajuda a formar pessoas. O curso de Música ajuda muito nisso. A questão da disciplina, a questão de horário, que são coisas básicas, mas que vão sendo levadas para o resto da vida. **A responsabilidade de ter algo pra produzir, chegar em casa: “Ah, eu vou ouvir essa Música, eu vou pensar nisso pra levar como ideia, então já vai gerando uma responsabilidade, já vai gerando uma outra forma de vida. A questão do bem estar, a convivência com a família. Acho que isso muda muito também.** Isso muda muito... porque a maioria dos jovens nessa região lá, no caso do Bom Jardim, tem um incentivo muito grande pras práticas ilícitas e, dentro do curso de Música, isso já é mais banido. As ideias são diferentes. Geralmente, as pessoas que procuram a música já tem um pensamento diferente e, quando você não tem muito essa noção, esse pensamento parecido com eles, quando você entra nesse meio, você pega um pouco de cada um e aí você muda completamente. [...] E também pela oportunidade, porque estudar é algo que não é... nem todo mundo tem condições de estudar música. Nem tempo, porque muitas crianças às vezes precisam trabalhar muito jovens, sei lá... a partir de 15 anos ou até mais cedo, já começa a trabalhar pra ter que ter um sustento pra casa ou pra si mesmo... enfim, e aí acaba que, quanto mais oportunidades pros jovens de questão de estudo, pros pais dos jovens porque tem também a questão da estrutura familiar, pra que eles possam ter acesso a esse tipo de cultura, a esses equipamentos (Salatiel).*

Além disso, “o projeto faz com que as pessoas que vivem nas suas casas, que têm sua vida diária de afazeres, saiam das suas casas para presenciar a apresentação de cursos a linguagem das pessoas que vieram para fazer o curso e até ouvir essas pessoas” (André).

Assim, o curso se estabelece como importante espaço para formação musical e responsável pela mudança de perspectivas com relação à prática musical dentro do Grande Bom Jardim.

Mariana por exemplo, ao ser questionada do motivo de estar pensando em grupos musicais de maneira mais séria, explica que a:

[...] prática de conjunto é isso. Você se juntar com uma galera que toca e toca e tal e formar. Então, a partir do curso em si, ele já te dá uma bagagem pra você querer ir além. Não ficar só ali. Não só ficar se matriculando e sempre aluno do Centro Cultural para sempre. (Risos) Acho que tem realmente essa questão de sair. De continuar. De formar banda e tal (Mariana).

Anteriormente, complementa, os cursos tinham apenas uma função de aperfeiçoamento para a prática na Igreja:

[...] era mais pra aperfeiçoar, porque eu cantava na igreja e era bom aperfeiçoar, aprender técnicas porque eu já fazia aquilo. Então o que eu poderia melhorar né... fazendo. Aí teve a questão das amizades ... depois foi mais por amizade e tal. A questão profissional tá vindo agora que eu tô encarando mais a questão profissional agora, mas antes não era mais um hobby mesmo. Não era algo profissional, não que eu via, não. Agora sim. Mudou. Agora tô sentindo na pele o que é (Mariana).

Mariana atualmente está com um grupo que iniciou na Prática de Conjunto em 2009 (os outros integrantes foram entrevistados também), tendo feito um *show* recente no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (com cachê) e marcando outros *shows* para 2015.

Figura 8 - Mariana e Leandro no *show* da banda Solos no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fonte: Arquivo pessoal do estudante Leandro (2014).

Silvio também analisa as práticas do curso de maneira positiva e não apenas para sua formação, mas também para a comunidade.

*Cara... a importância do curso pra comunidade é muito grande. Porque dentro do Bom Jardim, do Grande Bom Jardim, tem pessoas que tocam divinamente bem que... tem uma desenvoltura musical muito grande mas... assim... não tem aquele incentivo musical pra crescer mais e mais. E o projeto é mais voltado pra isso. Pra desenvolver isso e apoiar aquelas pessoas que não tem tanto apoio. Que não tem aquela oportunidade de entrar em uma faculdade de música, que não tem aquela disponibilidade de fazer um curso profissionalizante mais... que seja pago então, tudo isso influencia o curso de Prática de Conjunto e leva a pessoa a ter uma visão diferente da música. **E pra mim, foi a partir da prática de conjunto que eu comecei a ver a música como algo pra minha vida. Que eu quero ter pra toda a minha vida. Que eu quero trabalhar com isso, que eu quero viver disso.** Então foi a partir do curso de prática de conjunto que eu comecei a ter esse pensamento. Então mudou muito a minha cabeça nesse ponto de vista (Silvio).*

Percebemos em seu relato a visão dos cursos do Projeto como espaço de oportunização e democratização do conhecimento sistematizado da Música, seja a nível teórico e/ou prático. Além disso, fica evidente a influência do curso na sua decisão pelo trabalho com Música. Silvio participou do curso durante dois anos e atualmente tem se dedicado à Orquestra Escola como violista e pretende ingressar no curso de Música. Além disso, tem um grupo musical evangélico.

Figura 9 – Silvio durante seu momento de estudo individual no CAIC



Fonte: Arquivo pessoal do estudante Silvio (2014).

Victor, apesar de descrever seu interesse pelo curso apenas como *hobby* como vemos abaixo:

[...] faço Música, estudo música por fora, por hobby, por gosto, por amor mesmo, entendeu? Não... primeiro pra... como profissão: “Ah, eu quero ser músico. Quero ganhar dinheiro. Quero ficar famoso”. Não. É um hobby. É uma coisa que eu gosto de fazer. Que me desestressa, que me faz esquecer dos problemas. É isso (Victor).

E mesmo tendo sua vida acadêmica em outra área, Victor possui muitas práticas musicais profissionais. Além de dois grupos que sempre tem *shows* marcados, constantemente é convidado por um amigo que conheceu na Prática para *shows* esporádicos (*free lancer*) com seu grupo de Pagode. Foi a partir do curso de Prática de Conjunto que Victor iniciou todas essas atividades: através da vivência com outros estudantes de música e da prática em grupo.

Outro ponto importante é a oportunidade de exploração da composição nas práticas do curso. Victor é o um dos estudantes que trouxe suas músicas autorais – que inclusive foram gravadas no estúdio do CCBJ como produto final do curso em 2012. Victor

fala um pouco disso na entrevista quando afirma que “na *Prática de Conjunto*, eu tenho a oportunidade de mostrar o meu trabalho autoral. De fazer uma gravação. Coisa que é muito difícil, entendeu? (Victor)”

Figura 10 – Victor em uma apresentação de seu grupo na Praça do Ferreira (Centro de Fortaleza)



Fonte: Arquivo pessoal do estudante Victor (2014).

Marlon corrobora com muitos pontos citados anteriormente pelos outros estudantes. Ele ingressou no curso em 2009, ainda como curso de Percussão, e permaneceu durante três anos. De todos os estudantes entrevistados, Marlon é o único, até o presente momento, que está na Graduação em Música. Na entrevista, podemos perceber como foi o processo de escolha do curso e a importância que o curso de *Prática de Conjunto* teve na sua decisão:

Assim... é... na verdade assim... uma também foi uma grande... foi uma grande confusão também porque eu tinha afinidade por Arquitetura. Gostava e era o que eu queria fazer. Isso era o que a minha família apoiava. Eu treinava vôlei. Jogava já no Náutico e tal... tava tudo caminhando bem também, e, ao mesmo tempo, eu aprendia os instrumentos. Então, quando eu cheguei no terceiro ano, eu tive que fazer uma escolha dos três. E aí... foi aí que o bicho pegou fogo, porque a Arquitetura eu realmente deixei de gostar, assim... tanto do que eu gostava antes. Aí ficou entre dois: O esporte ou a música. O esporte eu sabia que conseguiria, com mais trabalho, mas daria certo também só que pra questão de faculdade e aí também teve participação essencial do Bruno por que eu tive uma conversa com ele uma vez e tal e ele falou assim: “Macho, se for por dinheiro ou por apoio, não vai nessa, não, porque daqui a um tempo tu vai ver que a escolha não era a certa.” Aí eu... pensei, pensei, pensei, aí eu: Ah, vou colocar pra música. Passei, consegui passar na UFC e tal (Marlon).

E ao ser questionado sobre a importância do Projeto Jardim de Gente e do curso de *Prática de conjunto*, ele responde:

Foi fundamental. Fundamental mesmo. Por que se não fosse o curso, hoje eu não estaria na faculdade. Basicamente é isso. Por que através do curso de Prática de Conjunto foi que eu realmente percebi que eu poderia ter um futuro como músico ou como professor de música, entende?(Marlon)

Figura 11 – Marlon na apresentação do curso de Prática de Conjunto na Culminância de 2012



Fonte: Centro Cultural Bom Jardim (2012).

Nessa perspectiva, podemos compreender o Projeto, principalmente na área da Música, foco da pesquisa, como um espaço de mudança de realidades e perspectivas, de **táticas**, um espaço de reinvenção do cotidiano, de incentivador da arte de fazer Música. A seguir, serão expostos outros aspectos formativos percebidos nos relatos dos entrevistados.

8.5 Formação além da música

Além dos elementos musicais e a mudança de perspectiva para com a prática musical citada anteriormente, são mencionados pelos estudantes diversos aspectos não musicais. Todos os estudantes entrevistados citaram aspectos extra musicais. André, por exemplo, cita que “[...] só o fato de estar com as pessoas pra mim já era uma grande aprendizagem pra mim, porque geraria convivência. Geraria um contrato de convivência com outras pessoas”.

Além disso, outro aspecto muito presente no discurso dos estudantes está relacionado com a percepção do conhecer e respeitar a opinião do colega. Eliana, por exemplo, entrou no curso quando ainda era o curso de Percussão e passou quatro anos. Atualmente, trabalha como educadora no Programa Mais Educação com Letramento e Formação Patrimonial, mas também faz *shows* com a banda Sons de Tudo – que foi formada a partir do curso de Prática de Conjunto de 2012. Em sua entrevista, cita diversos pontos extra musicais representando a importância do curso.

O lance de... trabalhar em equipe é muito bom... porque... embora desde o começo... acho que na igreja, eu já vinha aprendendo a trabalhar em equipe, mas eu sempre fui uma pessoa muito difícil. Sempre tive o gênio muito forte. Negócio de aceitar a opinião dos outros não era muito fácil pra mim... e aí, com a Prática, teve esse negócio de respeitar a opinião do outro, de saber ouvir. Da parceria e tal... Acho que isso acrescentou bastante (Eliana)."

Figura 12 – Eliana no *show* de uma de suas bandas no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fonte: Arquivo pessoal da estudante Eliana (2014).

A partir de seu relato, percebemos que o curso não se preocupou apenas com a formação musical, mas também no contexto em que estava inserido, contribuindo de maneira significativa na formação humana de seus estudantes. E esses aspectos não foram citados apenas por Eliana. Leandro também comenta o trabalho em equipe como importância do curso:

[...] quando eu vou tocar em outros lugares que eu não vejo que é justamente esse lance de se escutar, de se respeitar, ter essa admiração pelo que o outro tá fazendo, e... esse trabalho de equipe e você ir construindo... pega uma música e vai construindo ... de pouquinho em pouquinho e vai fazendo essa colcha de retalhos assim, aos poucos... e... isso é puramente trabalho de equipe que você vai levar pras outras áreas da sua vida (Leandro).

Victor relata um pouco disso também em sua entrevista.

Cara, com o exercício da música aqui no Centro Cultural, pode não parecer, mas eu aprendi muito a ouvir cara. Eu falava demais assim e não parava pra ouvir as pessoas e com a música eu aprendi que tem o momento de parar e ouvir o outro. O que o outro tem pra falar. A ideia do outro pode ser melhor que a minha. Eu poder dar valor a ideia do outro. Eu aprendi a trabalhar em equipe. Eu não sabia trabalhar em equipe. Música é trabalho em equipe. Se o cara tá fazendo uma coisa e o outro cara tá fazendo outra, não vai dar certo, tem que todo mundo tá encaixado... e.... tudo isso foi muito bom pro meu crescimento pessoal, pro meu amadurecimento e essas coisas (Victor)."

Cinco dos dez estudantes abordaram essa temática de como o curso foi importante para suas respectivas formações.

Percebemos aí uma educação musical significativa, que tem como função não apenas o desenvolvimento de musicistas e virtuosos, mas também “desenvolver a personalidade do jovem como um todo [...] o humano, meus amigos, como objetivo da educação musical” (KOELLREUTTER, 1998, p. 39-45 *apud* BRITO, 2011, p. 43-44).

Como forma de demonstrar essa formação humana dita por Koellreutter (1998), Samila nos explica através de seu relato a importância da vivência no curso:

É muito importante, porque lá no Centro Cultural, tanto as pessoas, quem administra e os professores e até mesmo os alunos também, a gente aprende muito pela experiência de vida de cada um também. Pelo Bom Jardim ser um bairro de periferia e tudo, a gente escuta muita coisa e a gente aprende muito. Ajuda na nossa... no nosso desenvolvimento como pessoa, como cidadão. Também a arte e todas essas coisas que são oferecidas pelo Projeto, elas formam a gente tanto aspectos profissionais... tem muita gente que aprendeu coisas no Jardim de Gente, fez cursos no Jardim de Gente e trabalha com isso atualmente e... também tem pessoas que usam, mesmo que não trabalham na área, mas que usam, assim como eu, usam o que aprenderam no Jardim de Gente pro seu trabalho, de vez em quando precisa de alguma coisa. É muito importante porque soma. Soma... tudo que você faz... tudo que eu fiz lá no Centro Cultural pelo Jardim de Gente, somou e a prática de conjunto é... muito mais, porque é hoje o que eu vivo lá na igreja. Que... não é a mesma coisa, mas é a mesma ideia e são coisas que me ensinaram e somaram pra tudo que eu sei hoje e me ajudaram também a aprender, a aprender essas coisas da Música (Samila).

Figura 13 – Samila durante a apresentação do curso de Prática de Conjunto na Culminância de 2012



Fonte: Centro Cultural Bom Jardim (2012).

Trata-se de um tipo de educação musical que aceita como função [...] a tarefa de transformar critérios e ideias artísticas em uma nova realidade, resultante de mudanças sociais (H.-J. KOELLREUTTER, 1998, p. 39-45 *apud* BRITO, 2011, p. 43).

Mudanças sociais essas que Beneildo nos mostra através de seus problemas. Depois de um tempo na prisão e do envolvimento com drogas, Beneildo nos conta que o Projeto e o curso mudaram muito sua vida:

[A] Prática de Conjunto me deu uma oportunidade né, porque eu tenho canções próprias e eu quis falar aquilo que eu sinto que é protesto, a canção que eu escrevo é de protesto aí... eu falei sobre protesto e esse curso me ajudou muito porque eu tava num tratamento, “aí”... fiquei muito ansioso quando eu parei de usar droga, fiquei nervoso demais, um pouco de raiva às vezes... e a música me acalmou. Naquele tempo, veio na hora certa a canção e aquele dia no curso, então o curso me ajudou muito. [Além disso], eu acho importante porque isso ajuda a tirar a meninada da rua, porque a rua não tá oferecendo muita coisa boa, não. Eu tenho visto aí que viciados tão parando de usar droga pelo curso e inclusive eu sou um deles que... algumas pessoas dizem que vagabundo não... para, dá um tempo, mas eu sou prova viva disso, de que a pessoa consegue deixar e a música me ajudou muito e ajuda alguns jovens, aí também porque... infelizmente, a juventude tá se perdendo aí... então eu tenho visto que esses projetos têm ajudado muita gente (Beneildo).

Beneildo ficou durante um ano no curso de Prática de Conjunto e atualmente desenvolve práticas musicais semanais na igreja, além de apresentações nas periferias de Fortaleza que ele denomina de Culto Campal.

De vez em quando, eu toco nas ruas... Culto Campal, que a gente sempre gosta de fazer culto campal assim... nas favelas... a gente sempre gosta de tocar lá pros meninos. [...] Nas favelas. Em todos os lugares aqui do Bom Jardim e em outros bairros também... e a gente gosta sempre de levar a canção e levar comida também pra eles lá também, pros caras que são mendigos também nas ruas e... a gente pegou esse amor de tocar, porque a música ... ela tem esse poder de salvar vidas... eu falo isso porque a música salvou a minha vida. Então eu dou de graça o que eu recebi de graça, e as pessoas gostam de escutar a canção porque de uma certa forma é... falam com eles de uma certa forma a música, né? Tem esse poder, a música (Beneildo).

Figura 14 – Beneildo na apresentação do curso de Prática de Conjunto na Culminância de 2013



Fonte: Centro Cultural Bom Jardim (2012).

Em todos os relatos, percebemos mudanças significativas em cada um dos estudantes, com particularidades e semelhanças. A pesquisa então nos mostra uma educação musical que Koellreutter define como funcional¹³. Uma educação musical que é voltada para o indivíduo e seu contexto e que, intencionalmente ou não, vem modificando a realidade e o cotidiano de muitos moradores do Grande Bom Jardim. Cotidiano esse que deixa de ser rotineiro e passa a ser pensado como práticas, como “apropriação do espaço, a formação de

¹³ Para Koellreutter, a educação musical funcional é “aquela voltada às necessidades da sociedade, do indivíduo, em ‘tempo real’, atual, e não fundamentada em objetivos, valores, princípios e conteúdos que remetem a épocas passadas” (BRITO, 2011, p. 33).

lugares e o rompimento de fronteiras que demarcam socioespacialmente a vida urbana” (LEITE, 2010, p.11).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender a importância do Projeto Jardim de Gente para a comunidade do Grande Bom Jardim, foi necessário conhecer as histórias de seus frequentadores desde sua formação musical inicial até a vivência no Projeto. Além disso, foi preciso conhecer as propostas e objetivos formativos tanto desse espaço como também do curso de Prática de Conjunto para dialogar com os relatos dos estudantes.

Nessa perspectiva, através dos dados citados, a pesquisa nos direcionou para a reflexão da prática musical sob a perspectiva dos “consumidores”. Através das leituras de Bourdieu (1998; 2003; 2013), Certeau (2013) e Koellreutter (1990; 1997), foi possível ter um referencial que dialogasse com a realidade dos estudantes entrevistados para conhecer a fundo a formação musical de cada um. Isso, aliado às discussões de educação não formal, tendo Trilla (2008) como teórico principal, e a compreensão de como a Música está sendo utilizada nesses espaços, foi fundamental para uma contextualização do bairro, Projeto e o curso em questão.

As histórias, vivências e reflexões presentes nessa pesquisa nos mostram práticas musicais exitosas dentro da periferia de Fortaleza. O trabalho confirmou, através dos resultados, a hipótese inicial que consistia em o Projeto Jardim de Gente ser um motivador de mudanças de perspectivas, nesse caso específico, da prática musical nos frequentadores dos cursos de Música do CCBJ.

Mudanças essas que estão aliadas a propostas maiores, como um curso de Música a nível superior sem o tradicional Teste de Habilidade Específica (como é o da Universidade Federal do Ceará) e também as cotas nos Institutos e Universidades Federais, com implementação em 2012.

Além disso, a pesquisa expõe, a partir da visão dos estudantes, pontos importantes do Projeto e do curso que devem ser repensados. Assim, o espaço pode evoluir e continuar como fator de oportunidades e responsável por mudanças significativas nas práticas da comunidade do Grande Bom Jardim.

Compreendemos melhor as práticas musicais dos estudantes do bairro e as dificuldades que são contornadas todos os dias, como escolas que não oportunizam a prática musical; as dificuldades políticas do Projeto, que ao parar suas atividades por tempo indeterminado, desconstrói todo o trabalho desenvolvido durante aquele período; e a

consequente necessidade de procurar outras práticas, seja por incentivo da família, seja por necessidade.

Apesar disso, compreendemos a importância de espaços não formais de educação musical dentro da periferia: como projetos, a exemplo do Jardim de Gente, podem ser significativos e transformar a rotina das pessoas; como a escola deve estar aliada a essas práticas, fazendo um trabalho de complementaridade e não como único espaço educacional (tendo em vista que, como vimos no Bom Jardim, a prática musical acontece prioritariamente em espaços informais e não formais).

Ao ser questionado novamente acerca da influência do Projeto Jardim de Gente na formação musical de seus estudantes e qual sua importância na formação dos estudantes frequentadores, a resposta fica evidente: **O Projeto é responsável por mudanças significativas na vida dos estudantes frequentadores do espaço**, além da comunidade de uma maneira geral.

Indo mais além, influencia não apenas musicalmente, mas também em outros aspectos que não eram evidentes apenas na observação: tornam os estudantes mais questionadores e ativos em sua vida cotidiana, mesmo que de maneira não intencional. O Projeto e o curso, apesar de todas as dificuldades e limitações burocráticas e políticas, torna-se o principal espaço de aprendizagem musical do Grande Bom Jardim, pois consegue expandir seus cursos para outros bairros e, até mesmo, dentro das instituições escolares da região. Nessa perspectiva, democratiza o saber musical tão elitista e cheio de mitos em sua prática. Mostra possibilidades e incentiva a criatividade.

O Projeto ainda diminui a distância entre a Universidade e a comunidade, fazendo parcerias não apenas físicas com as instalações para os cursos, mas também humanas, preocupando-se, quando possível, com a melhor formação em arte e cultura. Desmistifica também as histórias da região, tão conhecida pela violência.

O trabalho nos mostra, a partir de seus protagonistas, que a periferia não deixa de produzir por estar à margem das práticas centrais da cidade. Ao contrário, ela “cria táticas” e torna-se ativa como produtora de alternativas quando incentivada a isso.

Aprendemos, também, como a educação musical necessita estar contextualizada com as diferentes realidades dos diferentes espaços e que não se pode dar continuidade a práticas tradicionais com foco na reprodução de um repertório estabelecido por uma cultura dominante. É preciso inovação para que a educação aconteça de maneira significativa e

transformadora – inovação essa que deve estar aliada a profissionais comprometidos com uma educação musical renovadora e para todos.

Importante ressaltar que o presente trabalho e seus resultados aqui expostos são apenas instigadores para novos estudos dentro do Grande Bom Jardim, no Projeto Jardim de Gente, como também em outros espaços de educação musical não formal situados em regiões periféricas.

Diversos questionamentos surgiram durante esse estudo. Por exemplo:

- a) Dentro do Projeto Jardim de Gente, apenas o curso de Prática de Conjunto contribuiu para a reinvenção do cotidiano dos estudantes?
- b) Por que a dificuldade da comunidade em vivenciar as atividades do CCBJ e do Projeto Jardim de Gente?
- c) Por que o projeto tem dificuldade de atrair pessoas que estão na linha da extrema pobreza?
- d) Existem outros espaços de educação musical com as mesmas características do Projeto Jardim de Gente nas outras áreas periféricas de Fortaleza?
- e) Qual a importância desses Projetos sob a perspectiva de seus estudantes?

Essas são indagações que não puderam ser respondidas por conta do tempo dedicado a essa pesquisa, mas que são pontos importantes e que merecem destaque.

Além desses questionamentos, com a intenção de ampliar os estudos acerca da educação musical fora do ambiente escolar, é necessário compreender também as práticas relacionadas com a educação informal abordadas na presente pesquisa de maneira inicial, mas que merecem um aprofundamento tanto das práticas como também da terminologia.

Espera-se que esse trabalho incentive próximos estudos com essas temáticas, tendo em vista a necessidade de compreensão da educação musical desenvolvida em outros espaços educacionais dentro de áreas periféricas de Fortaleza.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, A. J. Sociologia da educação não formal: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? *In*: ESTEVES, A. J.; STOER, S. R. **A sociologia na escola**. Porto: Afrontamento, 1989. p. 83-96.
- ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. Educação musical não-formal e atuação profissional **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 13, p. 49-56, set. 2005.
- AMATO, Rita de Cássia Fucci. Canto coral e inclusão social: um panorama atual de iniciativas brasileiras. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL E SIMPÓSIO PAREENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 18., 2009, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina, 2009. p. 379-384. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.org.br/Masters/anais2009/Anais_abem_2009.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.
- ANADON, Marta. **A pesquisa dita qualitativa**: sua cultura e seus questionamentos. Comunicação apresentada no colóquio internacional Formação, pesquisa e desenvolvimento em Educação. Senhor do Bonfim: UNEB/UQAC, 2005. Mimeografado.
- ANDRADE, Patricia de Sousa. A aprendizagem de instrumentos musicais em um projeto social de Cuiabá: a música para todos. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL E XV SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 18., 2009, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina, 2009. p. 13-19. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.org.br/Masters/anais2009/Anais_abem_2009.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2014.
- ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE VIDA MELHOR. **O Bairro**: Bom Jardim. Fortaleza, 2014. Disponível em: <<http://associacaovidamelhor.blogspot.com.br/p/o-bairro.html>>. Acesso em: 30 set. 2014.
- BASTOS, Rogério Lustosa. **Ciências humanas e complexidades**: projetos, métodos e técnicas de pesquisa: o caos, a nova ciência. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
- BÖHM, A. **Qualitative research**: a handbook. London: Sage, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. Trad. Aparecida Joly Gouveia. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Pierre Bourdieu**: escritos de educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 39-64.
- BOURDIEU, Pierre. **Capital cultural, escuela y espacio social**. Madrid: Siglo XXI, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estud.** – **CEBRAP**, São Paulo, n. 96, jul. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 ago. 2014.
- BRASIL. **Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931**. Legislação informativa. Rio de Janeiro, 1931. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/>

5_Gov_Vargas/ decreto%2019.890-%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm>. Acesso em: 10 nov. 2013.

BRASIL. Decreto nº 1.331 A, de 17 de fevereiro de 1854. **Legislação informativa.** Aprova o regulamento para a reforma do ensino primário e secundário no município da Côrte. Rio de Janeiro, 1954. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>>. Acesso em: 16 maio 2013.

BRASIL. Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF. 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14024.htm>. Acesso em: 11 nov. 13.

BRASIL. **Lei 5692 de 11/08/1971.** Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm>. Acesso em: 11 nov. 2013.

BRASIL. **Decreto nº 981, de 08 de novembro de 1890.** Aprova o regulamento da instrução primária e secundária do Distrito Federal. Rio de Janeiro, 1890. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-981-8-novembro-1890-515376-norma-pe.html>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 24 nov. 2013.

BRASIL. **Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008.** Altera a Lei n. 9394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11769.htm>. Acesso em: 24 nov. 2013.

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador:** o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2011.

CANÇADO, Tânia Mara Lopes. Projeto Cariúnas: uma proposta de educação musical numa abordagem holística da educação. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 14, p. 17-24, mar. 2006.

CEARÁ. Secretaria do Planejamento e Gestão do Governo do Estado. **Notícias.** Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://fecop.seplag.ce.gov.br/noticias/centro-cultural-bom-jardim-recebe-caravana/image/image_view_fullscreen>. Acesso em: 30 set. 2014.

CENTRO CULTURAL DO BOM JARDIM. **Projeto Político Pedagógico do Projeto Jardim de Gente.** Fortaleza, 2012.

CENTRO CULTURAL DO BOM JARDIM. Projeto Jardim de Gente. **Relatório final 2013.** Fortaleza, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2013.

COOMBS, Philip H. **A crise mundial da educação**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

ECKERT, André Luis. LOURO, Ana Lúcia. Refletindo sobre a prática como professor de violão em um projeto social. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRAISLEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2010, Goiânia, **Anais eletrônicos...** Goiânia, 2010. p. 2408-2413. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2010/Anais_abem_2010.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2014.

FERNANDES, José Fortunato. Reflexões sobre a diversidade de problemas emocionais que podem interferir na prática musical do adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. *In*: CONGRESSO DA ANPPOM. 21., 2011, Uberlândia, **Anais eletrônicos...** Minas Gérias, 2011. p. 419-424. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2011/ANAIS_do_CONGRESSO_ANPPON_2011.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2014.

FERREIRA, G. N. L. Ensino Coletivo de violão na periferia de fortaleza: um relato de experiências. 2014 *In*. ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS, 6., Salvador, **Anais...** Salvador, 2014. No prelo.

FONTEERRADA, M. T. O. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução: Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1999.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Capital cultural *versus* dom inato: questionando sociologicamente a trajetória musical de compositores e intérpretes brasileiros. **Opus**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 79-97, jun. 2008. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/opus/data/issues/archive/14.1/files/OPUS_14_1_Amato.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2014.

GARCIA, Valéria Aroeira. O papel da questão social e da educação não formal nas discussões e ações educacionais. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL REALIZADO PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP, 2., 2008, São Paulo. **Mesa redonda...** São Paulo, 2008. p. 15. Disponível em: <http://www.am.unisal.br/pos/stricto-educacao/pdf/mesa_8_texto_valeria.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.

GAULKE, Tamar Genz; LOURO, Ana Lúcia de Marques e. Adaptando e reconstruindo ideias: dilemas no ensino de violino em um projeto social. *In*: CONGRESSO DA ANPPOM, 20., Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, 2010, p. 481-485. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2010/ANAIS_do_CONGRESSO_ANPPON_2010.pdf> Acesso em: 17 ago. 2014.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **A música e o risco**. São Paulo: Edusp, 2006. 256p.

HONÓRIO, Raquel Santos. **A Cultura como estratégia de combate a pobreza: a experiência do Projeto Jardim de Gente no Centro Cultural Bom Jardim.** 2014.137f. Dissertação (Mestrado profissional) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 43-51, mar. 2004.

KLEBER, Magali Oliveira. Educação musical: novas ou outras abordagens – novos ou outros protagonistas. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 14, p. 91-98, mar. 2006.

KLEBER, Magali Oliveira; CACIONE, Cleusa Erilene dos Santos; ERTHAL, Júlio César Silva. Educação Musical e Movimentos Sociais. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2010a, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia, 2010. p. 745-755. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2010/Anais_abem_2010.pdf>. Acesso em: 02 de Agosto de 2014.

KLEBER, Magali Oliveira. A rede de sociabilidade em projetos sociais e processo pedagógico musical. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 19., 2010, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia: ABEM, 2010. 1 CD-ROM, p. 363.

KLEBER, Magali Oliveira; CACIONE, Cleusa Erilene Santos; ERTHAL, Júlio César Silva. Educação Musical e Movimentos Sociais. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 19., 2010, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia: ABEM, 2010. 1 CD-ROM, p. 745.

KLEBER, Magali. **A prática de educação musical em ONGS: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro.** Curitiba: Appris, 2014.

LEITE, Rogério Proença. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52582010000300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 set. 2014.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MACIEL, Edineiram Marinho. Música em projetos sociais: caminho para inclusão? *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19.,2010, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia, 2010. p. 1298-1306. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2010/Anais_abem_2010.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2014.

MERRIAM, A. O. **The anthropology of music.** Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MOREIRA, Célia; KLEBER, Magali Oliveira. Educação musical e empreendedorismo social: ampliando o processo pedagógico musical. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2010, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia, 2010. p. 724-735. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2010/Anais_abem_2010.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2014.

MOVIMENTO DE SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA DO BOM JARDIM. **Ponto de Cultura Casa AME organiza grupo de geração de renda**. Fortaleza, 2014. Disponível em: <<http://www.msmbj.org.br/sn/noticias/ponto-de-cultura-casa-ame-organiza-grupo-de-geracao-de-renda>>. Acesso em: 30 set. 2014.

MÜLLER, Vânia. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo?. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 53-58, mar. 2004.

OLIVEIRA, Alda de. Atuação profissional do educador musical: terceiro setor. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 8, p. 93-99, mar. 2003.

OLIVEIRA, Thiago Fonseca de. Oficina de música no Programa de Controle de Homicídios Fica Vivo: o ensino de música a serviço da defesa social. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2010. Goiânia. **Anais eletrônicos...** 2010. p. 1298-1306. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2010/Anais_abem_2010.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2014.

OBA, Cheila Marie Felippin; LOURO, Ana Lúcia. Práticas educativas no contexto do projeto social: dilemas, reflexões e contribuições para a formação de uma licencianda em música. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2010, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia, 2010. p. 1855-1863. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2010/Anais_abem_2010.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2014.

O POVO nos bairros. **O POVO**, Fortaleza, 16 maio 2013. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2013/05/16/noticiasopovonosbairros,3057099/historia-do-bom-jardim-e-marcada-por-muitas-dificuldades.shtml>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

PARK, M. B; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Org.). **Palavras-chave em educação não formal**. Campinas: Unicamp/CMU, 2007. p. 294.

PASTOR HOMS, Maria Inmaculada. Orígenes y evolución del concepto de educación no formal. **Revista Española de Pedagogia**, año 59, n 220, p. 525-544, sept./dic. 2001.

PENNA, Maura; BARROS, Olga Renalli Nascimento; MELLO, Marcel Ramalho. Educação musical com função social: qualquer prática vale? **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 27, p. 65-78, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista27/revista27_artigo6.pdf>. Acesso em: 2 set. 2014.

PENNA, Maura. **A formação inicial do professor de música: por que uma licenciatura?**. Disponível em: <http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/maura_penna.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2014.

ROBATTO, Lucas. Por que música na escola? *In*: JORDÃO, Gisele *et al.* (Coord.). **A música na escola**. São Paulo: 3D3 Comunicação e cultura: Allucci e Associados Comunicações, 2012.

- SÁ, Lukinhas. Alunos do CAIC. *In:* _____. **Blog Caic Maria Alves Carioca**. Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://caicaluno.blogspot.com.br>>. Acesso em: 30 set. 2014.
- SANTOS, Marco Antonio Carvalho. Educação musical na escola e nos projetos comunitários e sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 12, p. 31-34, mar. 2005.
- SANTOS, Regina Marcia Simão. “Melhoria de vida” ou “Fazendo a vida vibrar”: o projeto social para dentro e fora da escola e o lugar da educação musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 59-64, mar. 2004.
- SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar. 2004.
- STRAUSS, A. L.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research**. London: Sage, 1990.
- STRAVACAS, Isa. Educação Musical em espaços não formais de Ensino. *In:* VERCELLI, Ligia A. (Org.). **Educação não formal: Campos de Atuação**; Jundiá: Paco editorial, 2013. p. 61-85.
- TOURINHO, Irene. **Usos e funções da música na escola pública de 1º grau**. Porto Alegre: UFRGS, 1993. (Fundamentos da Educação Musical, 1).
- TRILLA, Jaume. A educação não-formal. *In:* GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Educação formal e não forma: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008. p.15-58.
- TRILLA, Jaume. **La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social**. Barcelona: Ariel, 1996.
- TRILLA, Jaume. **La educación fuera de la escuela: enseñanza a distancia, por correspondência, por ordenador, radio, vídeo y otros médios no formales**. Barcelona: Planeta, 1985. 179 p.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEILAND, Renate Lizana. **Relações entre projetos comunitários e música na perspectiva de profissionais da área musical em Curitiba: algumas contribuições da psicologia social comunitária e da educação**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- WEILAND, Renate Lizana; FERMINO, Lucas. Música em projetos sociais: educação musical para crianças na periferia de um centro urbano – integrando diferentes instituições com vistas a uma participação conjunta. 2012. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, PESQUISA E GESTÃO, 4., Paraná, **Anais eletrônicos...** 2012. Disponível em: <<http://isapg.com.br/2012/ciepg/selecionados.php>>. Acesso em: 26 ago. 2014.
- WILLE, Regiana Blank. **As vivências musicais formais, não-formais e informais dos adolescentes: três estudos de caso**. 2003. 152f. Dissertação (Programa de pós-graduação em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ANEXO A – PLANEJAMENTO DO CURSO DE PRÁTICA DE CONJUNTO 2010/2013

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Plano de Curso 2010

Professor: Gabriel Nunes Lopes Oficina/Curso: Prática de Conjunto – Básico I

Nº de alunos: 5 a 8 Pré-requisito: _____

Carga Horária: 1h e 30 Min /Semanais Período de duração: 7 Meses

Dias: Sábado

Horário: 9 – 10:30 / 10:30 – 12

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Descrição da oficina/curso:
Curso que busca incentivar a prática e criação musical através do trabalho em grupo seja ele instrumental e/ou vocal. Além da prática que é o foco principal do curso, os alunos ainda terão contato com teoria musical, palestra com algum grupo/músico da cidade, dicas de equipamentos e discussões sobre estilos e suas histórias.
Método de Avaliação da Aprendizagem:
Em cada aula será avaliado o desempenho e progresso dos alunos e no final a opinião deles sobre seu aprendizado durante todo o curso e qual nota deveriam receber.
Materiais (quantidades, especificações de marca, modelo, tamanho, onde comprar...):
Cópias (xerox): (anexar material que deve ser reproduzido)
Equipamentos: Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
Espaços utilizados (sala com ar, sem ar, teatro, ao ar livre, etc.):

Estúdio / Teatro						
Transporte:						
Nº aula	Data	Conteúdo	Material	Espaço	Equipamento	Transporte
1	08/05	Apresentação do Conteúdo/Cronograma/ Explicação do Curso		Estúdio	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão	
2	15/05	Primeiro Momento (1): Parâmetros do Som Segundo Momento (2): Prática/Cifras/ Tablatura /Primeira Música do Repertório		Estúdio		
3	22/05	Primeiro Momento (1): Iniciação ao Solfejo/ Escalas Maiores Segundo Momento (2): Ensaio Música 1		Estúdio		
4	29/05	(1) Conversa – O que é ser um bom Músico? (2) Power Chords Prática - Interpretação - Música 1 e Início da 2 de todos os Grupos.		Estúdio		
5	05/06	(1) Escalas Maiores / Solfejo (2) Músicas 1 e 2 do repertório de todos os grupos.		Estúdio		
6	12/06	(1) Equipamentos PARTE 1 (2) Tríades/Acordes / Ensaio Música 1 e 2 do Repertório		Estúdio		

7	19/06	(1) Equipamentos PARTE 2 (2) Ensaiar Música 1 e 2 e 3 do Repertório de todos os Grupos.		Estúdio		
8	26/06	Interpretação Ensaio Geral – Três Músicas de Todos os Grupos		Estúdio		
9	03/07	(1) Campo Harmônico (2) Prática – Cifras/Tríades - Repassar Músicas 1 2 e 3 e iniciar música 4		Estúdio		
10	10/07	(1) Campo Harmônico- Cont. (2) Prática – Cifras/Tríades –Ensaiar Músicas 1 2 3 e 4.		Estúdio		
11	17/07	(1) Conversa sobre Estilos (História, influências, etc.) (2) Prática – Quatro Músicas e iniciar Música 5		Estúdio		
12	24/07	Revisão de Toda a Teoria Prática / Ensaio – Cinco músicas		Estúdio		
13	31/07	Interpretação Ensaio Geral – Todo o Repertório e Escolha da Música 6		Estúdio		
14	07/08	(1) Ritmo – Simples / Composto Exemplos (2) Interpretação - Repertório Avançado Início da Música 6		Estúdio		

15	14/08	(1) Dinâmicas (Piano/Forte/Crescendo/Silêncio) (2) - Ensaiar Músicas 1 a 6		Estúdio		
16	21/08	(1) Exercício em Grupo sem Instrumentos (2) Prática - Interpretações - Ensaiar Músicas 1 a 6		Estúdio		
17	28/08	(1) Equipamentos (Exemplos na prática) - Conclusão (2) Interpretação - Prática - Ensaiar Músicas 1 a 6 e iniciar Música 7		Estúdio		
18	04/09	(1) Conversa sobre Estilos (História, influências, etc.). Conclusão (2) Prática – Músicas 1 a 7		Estúdio		
19	11/09	Prática – O que é Improvisar Exemplos nas músicas do Repertório – Sete Músicas		Estúdio		
20	18/09	Conversa sobre Estética Musical Prática – Iniciar Música 8		Estúdio		
21	25/09	Revisão do Mês Prática – Interpretação - Oito Músicas		Estúdio		
22	02/10	Dinâmica – Troca de Conhecimentos e ideias musicais entre os alunos. (2) - Prática – Todas as músicas e iniciar música 9		Estúdio		

23	09/10	(1) Construção de uma apresentação individual (Improviso) dentro de uma canção. (2) Prática - Iniciar música 10		Estúdio		
24	16/10	(1) Construção de uma apresentação individual (Improviso) dentro de uma canção. (2) Prática – Ensaiar todo o Repertório		Estúdio		
25	23/10	Formas de Interpretação Ensaiar Música 10 Ensaiar Músicas do repertório Avançado		Estúdio		
26	30/10	Formas de Interpretação (Cont.) Iniciar Música 11 Ensaiar Músicas do repertório Avançado		Estúdio		
27	06/11	Ensaiar Música 11 Ensaiar Músicas do repertório Avançado		Estúdio		
28	13/11	Ensaiar Todas as Músicas		Estúdio		
29	20/11	Prática - Tirar Dúvidas Ensaiar Todas as Músicas		Estúdio		
30	27/11	Revisão do Mês – Tirar Dúvidas Prática – Interpretação – 12 Músicas		Estúdio		

31	04/12	Avaliação Análise dos Resultados		Estúdio		
32	11/12	Avaliação Análise dos Resultados		Estúdio		

**PLANO DE CURSO – Núcleo de Formação
PLANEJAMENTO – CURSO DE PRÁTICA DE CONJUNTO 2011**

Oficina/Curso Prática de Conjunto			Carga horária 6 h/Mensais	Período de duração 8 Meses					
Professor(a) Gabriel Nunes Lopes Ferreira									
Carga horária 1,5 h/semanais	Horário			Dias					
	M	T	N	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Pré requisitos Possuir seu próprio instrumento				Nº alunos					

Descrição da oficina/curso

Durante os quatro primeiros meses, os alunos terão apreciação musical, praticar algumas formas de interpretação, estruturas musicais (Forma) e a partir disso, a criação de arranjos simples para depois do quarto mês, juntar com as oficinas de percussão e coral formando uma grande orquestra e com arranjos feitos pelos próprios alunos.

Objetivos da oficina/curso

Incentivar a prática e criação musical através do trabalho em grupo e posteriormente, dialogar com as oficinas de coral e percussão criando arranjos para uma grande “orquestra” popular.

Metodologia

Aulas essencialmente práticas, com algumas pequenas intervenções teóricas e participações de grandes professores convidados para palestras e apreciação de shows locais. Além disso, as três oficinas de música formarão um grande grupo musical com arranjos que serão feitos pelos próprios alunos.

Avaliação

Em cada aula será avaliado o desempenho do aluno e no final do curso, os alunos farão uma auto-avaliação de acordo com seu progresso e uma avaliação do curso.

Aula	Espaços (sala com/sem ar, teatro, ar livre...)	Conteúdo	Metodologia	Textos/ Material/Equipamentos/ Transporte
1ª	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical/ Relaxamento/ Apresentação do Curso – Escolha do Repertório	Apreciação – Atividade de ouvir uma peça musical e analisá-la. Conversa com os alunos sobre experiências musicais e as expectativas com as aulas. Prática no final com todos. (Improvisos)	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
2ª	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical/Relaxamento/ Parâmetros do Som/ Repertório – Música 1	Atividade inicial de relaxamento e aquecimento que acontecerá no início de todas as aulas.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
3ª	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Melodia X Acompanhamento – Repertório - Música 2	Repertório com ênfase em Melodia X Acompanhamento	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
4ª	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Interpretação – Repertório - Música 3	Percepção de como dois cantores podem transmitir informações diferentes em uma mesma canção.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
5ª	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Estrutura de uma Música (Forma) Ouvir Exemplos	Exercícios de como identificar as partes de uma música.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão

		Repertório - Música 4		
6^a	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Estrutura de uma Música (Forma) Ouvir Exemplos Cont. Repertório – Música 5	Exercícios de como identificar as partes de uma música.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
7^a	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Prática das 5 músicas	Aula prática	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
8^a	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Revisão – Repertório Música 6	Aula prática	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
9	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Ferramentas para criação de arranjos I – Divisão de Vozes Prática com uma canção Simples Repertório – Música 7	Explicação de como se dividir vozes na prática com melodias simples e como criar em cima disso.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
10	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Ferramentas para criação de arranjos I – Cont. Prática com uma canção Simples	Explicação de como se dividir vozes na prática com melodias simples e como criar a partir disso.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
11	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Ferramentas para criação de arranjos II Criar/Mudar Forma da música Prática com uma canção Simples	Explicação de como mudar a FORMA de música com exemplos simples e criando a partir disso.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão

		Repertório – Música 8		
12	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Ferramentas para criação de arranjos II Cont. Prática com uma canção Simples	Explicação de como mudar a FORMA de música com exemplos simples e criando a partir disso.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
13	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Revisão – Repertório Oito Músicas	Aula para tirar dúvidas sobre conteúdos passados e continuar com o repertório.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
14	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Exercitar nas músicas do repertório as ferramentas para criação de arranjos	Exercitar a criação de arranjos a partir das ferramentas dadas nas aulas anteriores para a “orquestra”.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
15	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Exercitar nas músicas do repertório as ferramentas para criação de arranjos	Exercitar a criação de arranjos a partir das ferramentas dadas nas aulas anteriores para a “orquestra”.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
16	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Exercitar nas músicas do repertório as ferramentas para criação de arranjos	Exercitar a criação de arranjos a partir das ferramentas dadas nas aulas anteriores para a “orquestra”.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
17	Estúdio/ Teatro	Apreciação Musical Revisão	Aula para tirar dúvidas sobre conteúdos passados e continuar com o repertório.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
18	Teatro	Apreciação Musical Junção com o Coral e a Percussão	Apresentação dos três cursos e escolha do repertório.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão

19	Teatro	Apreciação Musical Exploração de diversos Ritmos Repertório com *coral e Percussão	Pesquisa de ritmos feita pelos alunos e trazendo para a aula as ideias.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
20	Teatro	Apreciação Musical Exploração de diversos Ritmos Repertório com *coral e Percussão	Construção dos arranjos com ideias de todos os alunos das três turmas. Pesquisa de ritmos feita pelos alunos e trazendo para a aula as ideias.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
21	Teatro	Apreciação Musical Dinâmicas Repertório com *coral e Percussão	Construção dos arranjos com ideias de todos os alunos das três turmas.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
22	Teatro	Apreciação Musical Construção dos arranjos com *coral e Percussão	Construção dos arranjos com ideias de todos os alunos das três turmas.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
23	Teatro	Apreciação Musical Exploração de Timbres/ Construção dos arranjos com *coral e Percussão	Construção dos arranjos com ideias de todos os alunos das três turmas.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
24	Teatro	Apreciação Musical Improvisos/ Construção dos arranjos com *coral e Percussão	Construção dos arranjos com ideias de todos os alunos das três turmas.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão

25	Teatro	Apreciação Musical Construção dos arranjos com *coral e Percussão	Construção dos arranjos com ideias de todos os alunos das três turmas.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
26	Teatro	Apreciação Musical Construção dos arranjos com *coral e Percussão	Construção dos arranjos com ideias de todos os alunos das três turmas.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
27	Teatro	Apreciação Musical Construção dos arranjos com *coral e Percussão	Construção dos arranjos com ideias de todos os alunos das três turmas.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
28	Teatro	Apreciação Musical Construção dos arranjos com *coral e Percussão	Construção dos arranjos com ideias de todos os alunos das três turmas.	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
29	Teatro	*Apreciação Musical Análise dos Resultados Gravação de uma música.	Gravação junto com os alunos da oficina de Técnico de Som	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
30	Teatro	Apreciação Musical Análise dos Resultados *Gravação de uma música.	Gravação junto com os alunos da oficina de Técnico de Som	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
31	Teatro	Apreciação Musical *Gravação de uma música.	Gravação junto com os alunos da oficina de Técnico de Som	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão
32	Teatro	Apreciação Musical *Gravação de uma música.	Gravação junto com os alunos da oficina de Técnico de Som	Duas Caixas para guitarra/1 Caixa para Baixo/ 2 Microfones/1 caixa para microfone/ 8 Cabos /Bateria/ Percussão

**PLANO DE CURSO – Núcleo de Formação
PLANEJAMENTO – PRÁTICA DE CONJUNTO – 2012**

Oficina/Curso Prática de Conjunto		Carga horária 12h/mensais	Período de duração 5 Meses						
Professor: Bruno César Barros Da Silva Gabriel Nunes Lopes Ferreira									
Carga horária 3h/semanais	Horário M <input type="checkbox"/> T <input type="checkbox"/> N <input type="checkbox"/>		Dias SEG <input type="checkbox"/> TER <input type="checkbox"/> QUA <input type="checkbox"/> QUI <input type="checkbox"/> SEX <input type="checkbox"/> SÁB <input type="checkbox"/>						
Pré-requisitos Possuir seu próprio instrumento. OBS: Cantores não precisam saber tocar algum instrumento.			Nº alunos 15						
Descrição da oficina/curso									
Os alunos terão aula de apreciação musical, praticar algumas formas de interpretação, estruturas musicais, dicas sobre equipamentos e a partir disso, a criação de arranjos para grupos vocais e/ou instrumentais.									
Objetivos da oficina/curso									
Incentivar a prática e criação musical através do trabalho em grupo.									
Metodologia									
Discussão em grupo Dinâmicas de grupo									

Vídeo
Aulas essencialmente práticas com algumas pequenas intervenções teóricas.

Avaliação

Em cada aula será avaliado o desempenho do aluno e no final do curso, os alunos farão uma autoavaliação de acordo com seu progresso e uma avaliação do curso.

Aula	Espaços (sala com/sem ar, teatro, ar livre...)	Conteúdo	Metodologia	Textos/ Material/Equipamentos/ Transporte
1ª 07.07	Estúdio Professor Gabriel Nunes e Bruno César	Apreciação Musical Apresentação do Curso Escolha do Repertório	Apreciação – Atividade de ouvir uma peça musical e analisá-la. Conversa com os alunos sobre experiências musicais e as expectativas com as aulas. Prática no final com todos.	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
2ª 14.07	Estúdio Professor Gabriel Nunes e Bruno César	Apreciação Musical Exploração de diferentes timbres dos instrumentos Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
3ª 21.07	Estúdio Professor Bruno	Apreciação Musical Ritmo e suas particularidades	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones

	César	Repertório	Prática das músicas do Repertório	Bateria Completa Percussão Computador – Som
4ª 28.07	Estúdio Professor Gabriel Nunes	Revisão Aplicação do Metrônomo Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Revisão Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
5ª 04.08	Estúdio Professor Bruno César	Ritmos e suas particularidades (Continuação) Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
6ª 11.08	Estúdio Professor Gabriel Nunes	Apreciação Musical Interpretação Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Percepção de como a mesma canção pode ser interpretada de diferentes formas.	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
7ª 18.08	Estúdio Professor Bruno César	Reeducação musical durante a execução. Prática de todo repertório	Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
8ª 25.08	Teatro Professor Gabriel Nunes	Prática de postura de palco	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa

				Percussão Computador – Som
9 01.09	Estúdio Professor Bruno César	Apreciação Musical Ferramentas para criação de arranjos (Contracanto) Utilização no Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Explicação e Exercícios para compreensão do Contracanto	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
10 08.09	Estúdio Professor Gabriel Nunes	Apreciação Musical Ferramentas para criação de arranjos (Contracanto - Continuação) Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Exercícios de como identificar as partes de uma música.	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
11 15.09	Estúdio Professor Bruno César	Apreciação Musical Aprimoramento e prática de todo Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
12 22.09	Estúdio Professor Gabriel Nunes	Ferramentas para criação de arranjos I (Divisão de Vozes) Prática com uma música do Repertório	Vídeo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
13 29.09	Estúdio Professor Bruno César	Revisão	Revisão	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão

				Computador – Som
14 06.10	Estúdio Professor Gabriel Nunes	Ferramentas para criação de arranjos (Construção de paisagem sonora) Repertório	Vídeo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
15 13.10	Estúdio Professor Bruno César	Utilização das ferramentas de criação de arranjos nas músicas do Repertório	Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
16 20.10	Estúdio Professor Gabriel Nunes	Gravação de duas músicas do repertório	Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
17 27.10	Estúdio Professor Bruno César	Gravação de duas músicas do repertório (Continuação)	Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
18 03.11	Estúdio Professor Gabriel Nunes	Gravação de duas músicas do repertório (Continuação)	Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som

19 10.11	Estúdio Professor Bruno César	Apreciação Musical Prática de todo repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
20 17.11	Teatro Professor Gabriel Nunes	Prática de postura de palco Prática de todo repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
21 24.11	Teatro Professor Bruno César	Prática de postura de palco Prática de todo repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
22 01.12	Estúdio Professor Gabriel Nunes	Apreciação Musical Prática de todo repertório	Vídeo Discussão em Grupo Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
23 08.12	Estúdio Professor Bruno César	Avaliação do Curso Prática de todo o Repertório	Vídeo Discussão em Grupo	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som

PLANEJAMENTO – PRÁTICA DE CONJUNTO 2013

1. Coordenador (a) de Segmento:		2. Local do Curso: CCBJ
3. Professor (a): Bruno César Barros da Silva e Gabriel Nunes Lopes Ferreira		4. Maior Título do Professor (a): Licenciado em Música
5. Dias da semana: Terça / Quinta / Sábado	7. Quantidade de Vagas: 15	9. Pré-requisito dos alunos: Possuir seu próprio instrumento e levá-lo para a aula. OBS: Cantores não precisam saber tocar algum instrumento.
6. Horário: Terça – 17h – 20h Quinta – 17h – 20h Sábado - 13h30 – 16h30	8. Período de Realização:	10. Quantidade de Vagas: 15
11. Ementa (Resumo dos conteúdos conceituais e práticos do curso)		
<p>O Curso de Prática de Conjunto trás a partir de aulas teóricas e práticas, conceitos e vivências musicais de como tocar em grupo interagindo com expressões vocais e instrumentais. Além dos elementos musicais (Timbre, tonalidade, dinâmica, compasso...) e de como ouvir e entender uma música de forma crítica através da apreciação musical, os estudantes vão conhecer e utilizar as ferramentas para a criação dos seus próprios arranjos musicais (Contracanto, Divisão de vozes...) e também como atuar diante do mercado musical atual através das aulas sobre produção musical independente.</p>		
12. Objetivo Geral e Específicos do Curso		
<p>Incentivar a prática, criação e profissionalização musical através do trabalho em grupo não apenas com a criação de virtuosos, mas fornecendo o conhecimento necessário para a prática musical consciente além de uma base significativa para continuação do trabalho em seu próprio grupo musical diante do atual mercado musical.</p>		

Objetivos Específicos

Conhecer diversos ritmos e inovações musicais contextualizando com seus respectivos momentos históricos.

- Vivenciar os elementos musicais (Pulso, tonalidades maiores e menores, modulação, funções dos acordes) e sua aplicação nas músicas.
- Criar e incentivar apresentações dos alunos.
- Vivenciar os aspectos técnicos para produção de um show (Criação de mapa de palco, *input list*, *rider*) além de temáticas para as apresentações.

Vivenciar uma gravação profissional em áudio e vídeo para bandas.

- Incentivar a criação e o fazer musical criticamente dialogando com o repertório musical do século XXI e suas variadas vertentes.
- Distinguir as particularidades de cada ritmo musical.
- Conhecer e utilizar os conhecimentos de paisagem sonora através de instrumentos convencionais e não convencionais além do trabalho e prática de trilha sonora pensado-a em diversos contextos. (Entende-se por paisagem sonora a criação musical com a utilização de qualquer corpo sonoro sejam instrumentos musicais comuns ou não, retirando deles sons diferentes).

14. Avaliação dos Resultados (Como os alunos serão avaliados)

Em cada aula será avaliado o desempenho do aluno e no final do curso, os alunos farão uma autoavaliação de acordo com seu progresso e uma avaliação do curso.

15. Atividades Complementares (Visitas externas, convidados e etc.)

Apreciação de shows locais.

Oficina sobre corpo, presença de palco e trabalho vocal com convidados.

16. Bibliografia (livros, textos, sites, programas, cartilhas, manuais)

Pedagogias em Educação Musical – Beatriz Ilari, Teresa Mateiro – IBPEX

- Acordes, Arpejos e Escalas – Nelson Faria
- Arranjo – Método Prático – Volume 1 – Ian Guest – LUMIAR Editora
- Escalas para improvisação – Em todos os tons para vários instrumentos – Luciano Alves – IRMAOS VITALE
- Como ouvir (e entender) música – Aaron Copland – ARTE NOVA
- PRATA, L.C. Apostila: Princípios Básicos de Reeducação Vocal- Da origem da fala ao canto individual e coletivo.
- Ritmos Brasileiros – Marco Pereira – Ed. Garbolights
- Dicionário de Ritmos Brasileiros: <http://brazilianguitar.net/index.php?showtopic=468>

- The New Breed – Gary Chester
- Stick Control – George Lawrence Stone
- A Afinação do Mundo – R. Murray Schafer – Editora UNESP
- Educação Musical em Todo os Sentidos – Organizadores: Pedro Rogério e Luiz Botelho Albuquerque – Edições UFC

17. PLANO DE AULA

Aula	Data	Horário	Espaços (teatro, ar livre, parceira, estúdio, cine clube...)	Conteúdo Programático	Metodologia	Recursos Metodológicos (Textos/Material/Equipamentos/ Transporte)
1 ^a	17.08	13h30	Estúdio	Apreciação Musical Apresentação do Curso Escolha do Repertório	Apreciação – Atividade de ouvir uma peça musical e analisá-la. Conversa com os alunos sobre experiências musicais e as expectativas com as aulas. Prática no final com todos.	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
2 ^a	20.08	17h	Estúdio	Apreciação Musical Exploração de diferentes timbres dos instrumentos Conceito de Paisagem Sonora Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
3 ^a	22.08	17h	Estúdio	Apreciação Musical Ritmos e suas particularidades Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
4 ^a	24.08	13h30	Estúdio	Revisão Aplicação do Metrônomo Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Revisão Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa

					Prática das músicas do Repertório	Percussão Computador – Som
5 ^a	27.08	17h	Estúdio	Ritmos e suas particularidades (Continuação) Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
6 ^a	29.08	17h	Estúdio	Apreciação Musical Interpretação Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
7 ^a	31.08	13h30	Estúdio	Reeducação musical durante a execução. Prática de todo repertório	Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
8 ^a	03.09	17h	Estúdio	Revisão	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
9 ^a	05.09	17h	Estúdio	Produção Musical Autoral Registro de Músicas Repertório	Vídeo Aula Expositiva Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
10 ^a	07.09	13h30	Estúdio	Divulgando sua banda Mídia Alternativa e outros meios de comunicação	Vídeo Discussão em Grupo	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones

				Repertório		Bateria Completa Percussão Computador – Som
11^a	10.09	17h	Estúdio	Apreciação Musical Ferramentas para criação de arranjos musicais Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
12^a	12.09	17h	Estúdio	Apreciação Musical Ferramentas para criação de arranjos musicais (Continuação) Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
13^a	14.09	13h30	Estúdio	Produção de Palco (Mapa de Palco, <i>Input List e Rider</i> Técnico) Exercícios Repertório	Vídeo Aula Expositiva Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
14^a	17.09	17h	Estúdio	Grupos Musicais como negócio Meios de Acesso a editais públicos e privados	Aula Expositiva Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
15^a	19.09	17h	Estúdio	Produção de Palco (Mapa de Palco, <i>Input List e Rider</i> Técnico) Continuação Exercícios Repertório	Vídeo Demonstração Aula Expositiva	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som

16^a	21.09	13h30	Estúdio	Grupos Musicais como negócio Meios de Acesso a editais públicos e privados - Continuação	Aula Expositiva Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
17^a	24.09	17h	Estúdio	Revisão	Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
18^a	26.09	17h	Estúdio	Introdução a Trilha Sonora	Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
19^a	28.09	13h30	Estúdio	Criação de Trilha Sonora utilizando a paisagem sonora	Discussão em Grupo Demonstração	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
20^a	1.10	17h	Estúdio	Oficina sobre o corpo e presença de palco CONVIDADO		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som

21 ^a	03.10	17h	Estúdio	Tematização dos shows X Estilos Musicais	Vídeo Discussão em Grupo Demonstração Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
22 ^a	05.10	13h30	Estúdio	Oficina sobre o corpo e presença de palco CONVIDADO		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
23 ^a	08.10	17h	Estúdio	Tematização dos shows X Estilos Musicais Continuação	Vídeo Discussão em Grupo Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
24 ^a	10.10	17h	Estúdio	Oficina sobre o corpo e presença de palco CONVIDADO		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
25 ^a	12.10	13h30	Estúdio	Elementos Compositivos Harmonia Repertório	Vídeo Discussão em Grupo Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som

26^a	15.10	17h	Estúdio	Elementos Compositivos Diversidade Rítmica Repertório	Vídeo Demonstração Discussão em Grupo Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
27^a	17.10	17h	Estúdio	Oficina – A voz como instrumento Musical CONVIDADO		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
28^a	19.10	13h30	Estúdio	A Improvisação como elemento composicional	Vídeo Demonstração Discussão em Grupo Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
29^a	22.10	17h	Estúdio	Oficina – A voz como instrumento Musical CONVIDADO		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
30^a	24.10	17h	Estúdio	Prática dos elementos compositivos	Discussão em Grupo Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som

31^a	26.10	13h30	Estúdio	Oficina – A voz como instrumento Musical CONVIDADO		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
32^a	29.10	17h	Estúdio	Prática dos elementos composicionais	Discussão em Grupo Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
33^a	31.10	17h	Estúdio	Oficina – A voz como instrumento Musical CONVIDADO		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
34^a	02.11	13h30	Estúdio	Revisão	Vídeo Demonstração Discussão em Grupo Prática das músicas do Repertório	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
35^a	05.11	17h	Estúdio	Pré – Produção de um DVD Repertório	Vídeo Discussão em Grupo	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som

36^a	07.11	17h	Estúdio	Produção de um DVD Escolha do Repertório, cenário e tematização	Vídeo Discussão em Grupo	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
37^a	09.11	13h30	Estúdio	Gravação do Audio Bateria, Percussão e Contra - Baixo		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
38^a	12.11	17h	Estúdio	Gravação do Audio Guitarras		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
39^a	14.11	17h	Estúdio	Gravação do Audio Vocais		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
40^a	16.11	13h30	Estúdio	Gravação do Audio Vocais		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som

41 ^a	19.11	17h	Teatro	Gravação do DVD		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
42 ^a	21.11	17h	Teatro	Gravação do DVD		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
43 ^a	23.11	13h30	Teatro	Gravação do DVD		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
44 ^a	26.11	17h	Teatro	Gravação do DVD		Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
45 ^a	28.11	17h	Estúdio	Gravação do DVD Edição	Discussão em Grupo	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som

46^a	30.11	13h30	Estúdio	Gravação do DVD Edição	Discussão em Grupo	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
47^a	03.12	17h	Estúdio	Gravação do DVD Edição	Discussão em Grupo	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
48^a	05.12	17h	Estúdio	Revisão	Vídeo Discussão em Grupo	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
49^a	07.12	13h30	Estúdio	Avaliação do Desempenho do Grupo	Avaliação Escrita Discussão em Grupo	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som
50^a	10.12	17h	Estúdio	Avaliação do Curso	Discussão em Grupo	Duas Caixas para guitarra 1 Caixa para Baixo 3 Microfones Bateria Completa Percussão Computador – Som

APÊNDICE A – ENTREVISTAS

André Luís

1. Para começar você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?

Eu sou André Luís Santos Oliveira. Eu tenho 26 anos. Moro no Bom Jardim. Estudei na escola Dona Júlia Alves Pessoa e trabalho hoje em dia autônomo ensinando alguns jovens na parte musical.

2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?

Lá onde eu estou tem cerca de uma ou duas opções.

Quais são?

Lá tem uma entidade chamada Casa AME que é ali na Fernando Augusto... e tem aqui no Bom Jardim tem no Centro Cultural do Bom Jardim que também oferece a parte musical e de outras artes.

So conhece esses dois?

So... por aqui pelo Bom Jardim so conheço esses dois.

3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?

Tive... tive. Influência através do meu pai e da minha mãe. A parte musical foi muito influenciado pelo meu pai e pela minha mãe. Apesar de ter sido um baque pra que eu tivesse todo esse desempenho que eu to tendo hoje em dia.

Como assim?

Porque no começo foi um susto pra eles porque eles não esperavam que eu ia me interessar tanto nessa parte musical e meu pai era acostumado a ouvir música nordestina, Repente, Luiz Gonzaga e as vezes ele olhava pra mim sendo que eu não gostava muito assim do estilo.

Mas eles tocam algo?

Não não. Foi mais a questão mesmo da cultura mesmo. Pela questão deles morarem no interior também e terem sido acostumados a verem outras pessoas tocando ai eles tinha também esse interesse.

Mas tu já nasceu aqui?

Nasci aqui.

Aqui no Bom Jardim.

Sim.

- Seus pais trabalham com que atividade? Eles tocam?

Minha mãe é aposentada e meu pai também é aposentado.

4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula? E por que a procura pelo curso de prática de conjunto?

Bem... quando eu comecei... eu comecei ... eu comecei na verdade mesmo na igreja... isso eu tinha 6, 7 anos de idade... e ai foi um dos meus primeiros contatos com o instrumento. Meu pai era acostumado a ouvir música nordestina e ai foi uma influência bastante legal assim na minha vida. Outra coisa foi quando eu tive contato com as pessoas que tocavam rock assim... na época ... que tinham todos os movimentos que as pessoas daquela época criavam, a questão de uma liberdade cultural, de uma linguagem cultural. Isso tudo me influenciou porque eu ia pras salas de estúdio e via eles ensaiando ... e principalmente o contato com a gravação. Então tudo isso... sempre quando terminava assim as gravações eu tinha interesse muito grande em aprender bateria e eles me permitiam ter o contato com a bateria e isso foi me chamando atenção.

Mas isso com quantos anos?

Isso... quando eu comecei na igreja eu tive contato com a música percussiva isso com 6, 7 anos de idade. Na questão das bandas de rock foi com 13 anos de idade.

Tocando o que?

Eu tava mais empenhado na questão da bateria mesmo em si.

Ah então tu foi na igreja com percussão ai nas bandas de rock ainda com isso da percussão. E a guitarra e o violão surgiram quando?

A guitarra e o violão surgiram muito depois porque o meu como ele tinha esse hábito da musica nordestina ele me chamava na televisão e me mostrava as pessoas tocando viola, violão sendo que eu era um garoto que eu odiava violão. O único instrumento que eu tinha em casa era um pianinho de madeira que eu ficava tocando

quando criança. Ai de repente despertou o interesse em casa do teclado... mas eu não tinha teclado. Ai meu pai me mostrava a questão dos repentistas, a questão do violão so que eu odiava o violão, eu queria ter um teclado. Ai meu pai me deu um violão com seis anos de idade e eu quebrei o violão na frente dele porque eu não queria um violão eu queria um teclado. Isso foi um impacto pra ele. Depois disso, depois dessa cena eu resolvi aprender violão.

Isso quando?

A questão do violão veio depois que eu comecei a estudar teclado mesmo. Eu passei dois anos estudando teclado, primeiro na igreja na verdade.

Tudo começou na igreja?

Tudo começou na igreja. Porque na escola também a gente também tinha aula de teclado. Na escola que é ali na Maria Júlia que é o Projeto Batista Nova Aliança.

Mas lá é uma escola regular?

Lá é uma escola que também é uma escola regular.

Mas tu não estudava lá?!?!?

Eu estudava lá. Ai nisso eu estudei teclado lá. Passei um bom tempo estudando teclado e depois eu fui vendo a questão... é tanto que me lembrou hoje uma cena muito bonita que foi quando entrei na sala que eu vi um bocado de violões juntos e eu ficava olhando praqueles violões... e ficava tipo... me aproximando e me afastando, me aproximando e me afastando por tudo que tinha acontecido por questão do meu pai. E nisso eu treinando teclado. Ai de vez em quando eu chegava ali no violão e ia tentar fazer alguma coisa e de repente me afastava.

E isso dá pratica? A prática de conjunto?

A prática de conjunto ela surgiu... na verdade ... ela surgiu mais da questão que... quando eu ia pra igreja eu via o pessoal ensaiando e ficava prestando atenção nos instrumentos, o que cada instrumento fazia, como é que eles tocavam, qual a expressão que eles tinham. Ai a Prática de Conjunto depois se deu mais a fundo com a questão das bandas de rock.

E o curso de prática de conjunto daqui, tu entrou quando?

Eu entrei... faz... faz cerca de 3 anos. Se não me engano faz cerca de 3 anos ou mais.

É eu acho que faz mais porque, por exemplo, eu entrei em 2010 e tu já tava. Tu entrou antes?

Eu entrei antes.

Fala um pouco disso...

No começo da prática em conjunto... foi com o professor... foi o Márcio... que era o de percussão.

Da Dona Zefinha?

Da Dona Zefinha. Ai nisso tudo a gente começou aprendendo percussão. Nossa linguagem era percussão. Ai de repente nós em grupo sugerimos a questão de introduzir guitarra, violão, baixo, bateria e daí surgiu a prática de conjunto e daí surgiu o grupo Bom do Vixe.

Isso em 2009?2008?

Por aí.

Daí foi quando me firmei mesmo na questão de tocar em grupo.

Tu ta fazendo parte do curso ai agora?

Não... no momento não.

5. Como foi o primeiro contato com o Centro Cultural Bom Jardim e com o Projeto Jardim de Gente? Como conheceu esse espaço? Fez outros cursos além do curso de Prática de Conjunto?

Meu primeiro contato com o centro cultural foi uma coisa maravilhosa porque antes de estar no centro cultural eu já estava na casa AME estudando percussão. Já fazia parte do grupo tocando percussão na rua ...aí nesse tempo eu fazia tanto percussão como o teatro ... aí eu tive o curso de teatro com o Ângelo Leal também.

Onde foi?

Foi la na casa AME também. Aí eu recebi o certificado através do centro cultural bom jardim aí nisso tudo eu vim para o centro cultural e continuei com o processo da prática de conjunto.

Ta deixa eu ver se eu entendi, são muitas informações, quer dizer então que tu tava lá na casa AME que era pelo centro Cultural mas tu já conhecia o espaço aqui?

Não, eu tinha só ouvido falar.

Tu lembra quando isso?

Isso é como eu tava dizendo... a mais de 3 anos atras.

Aí tu vem pra cá quando começou a prática de conjunto então isso foi antes do curso de prática daqui ?

Isso.

6. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?

Atualmente...é... eu estou filiado com cuca barra. Que lá no caso eu tô trabalhando com a professora de canto que ela é maestra e também estava engajado... estou engajado também com clube da música la com maestro Roberto Holanda.

E aí tu faz parte da acompanha, faz acompanhamento ou é como estudante ?

Eu sou um estudante e ajudo a parte do canto com a professora Vera Barros.

Apenas hobbie ou tinha alguma intenção profissional?

Na verdade muito antes o meu pai ele queria que... o meu pai biológico porque eu sou adotado. Ele queria que eu fosse advogado. Eu estudei um ano e meio de Direito e abandonei a carreira.

Tu estudou aonde?

Eu estudei ... eu fiz um curso. Na verdade eu entrei em um curso que a vaga era de 5 mil pessoas e fiquei dentro dos 30. Pra direito. Isso na verdade eram diversos cursos, mas o meu foco era o direito. Aí através... quando eu fui conhecendo a questão do direito aí eu fiquei pensando realmente se aquilo era pra mim ou se a minha carreira era Música.

Isso concomitante a casa AME e ao curso de prática de conjunto?

Exatamente.

Aí continuando... a partir do final do curso de direito foi quando eu decidi que eu queria viver como músico mesmo, é tanto que quando eu procurei a questão dos cursos tanto da prática de conjunto aqui no Centro Cultural do Bom Jardim e a parte de percussão na casa AME, foi daí que eu vi que eu queria mesmo viver como músico.

Ta tocando em alguma banda além desse grupo do Cuca?

Não não... no momento eu estou tocando em um grupo de pé de serra que é violão e baixo aqui no bairro.

Tem muita oportunidade aqui no bairro?

Eu vejo muita oportunidade assim... entre aspas porque como as entidades elas são conhecidas entre aspas... porque não há muito uma... como eu posso dizer... um reconhecimento dessa linguagem. Da linguagem musical, de quanto ela pode ser... para a melhoria das pessoas da comunidade, na linguagem, na forma de expressão e até na própria educação.

7. E ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso? Fez amigos?

No centro cultural fiz muitos amigos.

Mas no curso ou em outras atividades?

Também nas outras atividades e também no curso porque assim, a primeira coisa que me marcou também no curso foi a linguagem de outras pessoas. O quanto a gente olha pra pessoa pela primeira vez e você toma um susto, porque aquela pessoa toca um instrumento que você toca ou pode tocar outro instrumento.

Ou ela tem algo em comum com você tem algo diferente até na forma de tocar o tema a forma de cantar mais isso e desde criança sempre teve aquela vontade de interagir com as pessoas que nós procuramos nos unir e se tornar um. No caso da música uma coisa eu tenho uma profissão de saxofone que me ensinou é que a música é uma linguagem que une as pessoas se você for pro jogo de futebol, não é querendo falar contra o futebol, mas quando vai pro estádio você vê muita rivalidade entre 28 no caso musical não são pessoas que vão assistir um show com um único propósito

Tu tem contato com os amigos que tu fez?

Tenho

Com quem?

Eu tenho o contato com algumas pessoas porque geralmente eu não entro muito na internet e nem ligo muito para as pessoas porque geralmente ou eu estou eu estou tocando eu estou estudando.

Mas sempre encontro às vezes por aí?

Geralmente é isso que acontece na minha vida.

8. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso? Não apenas musicalmente, mas fique a vontade pra falar sobre outros aspectos que ache relevante. Tinha algum outro atrativo além da prática musical?

A música pra mim ela sempre foi... no começo a música foi um dos meus primeiros lugares, mas eu quando era mais novo, principalmente menino mesmo, eu tinha uma atração muito grande por teatro, eu vivi de teatro. Eu me dediquei muito ao teatro, é tanto que... eu criança por sempre ser um garoto tímido, eu criava personagens em

casa pra alegrar minha mãe. Isso é uma linguagem que eu até hoje eu tenho com minha mãe. Quem olha pra minha conversa com minha mãe pensa que eu tô brigando com ela, mas é porque nós somos pessoas muito íntimas e ela foi uma pessoa que me ajudou muito com a questão da arte.

Isso de teatro foi quando?

Isso do teatro foi desde quando eu nasci. A questão teatral. A linguagem teatral, porque eu passei 13 anos da minha vida sem nenhuma amizade. Eu não tinha contato com as pessoas eu vivia dentro de casa sem nenhum contato. Aí a partir daí foi quando a música e o teatro me ajudaram bastante. Até hoje uma das linguagens que eu gosto de inserir quando estou tocando é a linguagem teatral, é como se eu tivesse ali sendo outra pessoa.

9. Mas assim, tu acha que teve alguma mudança que tu sentiu com relação a isso do curso... em ti? Teve algum... além de tu ir porque ia tocar com as pessoas, além dessa parte teórica que eu sei que tinha pouca, mas tinha muitos elementos musicais, tinha alguma coisa além disso?

Teve. Musicalmente falando, só o fato de estarem com as pessoas pra mim já era uma grande aprendizagem pra mim porque geraria convivência. Geraria um contrato de convivência com outras pessoas. Eu teria que aprender a ouvir e a falar. Esse foi um dos meus primeiros contatos. O que marcou muito também foi a questão do trauma que eu sofri quando estava numa banda. Eu fui tocar num show no Centro Cultural do Bom Jardim e a pedaleira que era pra guitarra não tava funcionando de jeito nenhum e aí eu adquiri um trauma e tinha parado de tocar com pedaleira. Aí através do curso da prática é que eu voltei... que eu pude ter um novo contato com pedaleira e tocar. Isso mexeu muito comigo... muito mesmo na questão de sentimento mesmo.

E isso de estar com as pessoas? Tu fez muitos amigos?

Sim. Fiz.

10. Qual a importância que tu dá as atividades do Projeto Jardim de Gente, que dá esses cursos, e o curso de Prática de Conjunto pra tua formação?

O projeto Jardim de Gente pra mim, ele é uma linguagem que abrange todos os tipos de arte, todos os tipos de coisas para contribuir com a comunidade. Ele é um projeto voltado para a comunidade e uma das coisas que eu acho mais bonito é porque... é um projeto que une as pessoas com suas diversas linguagens e com as suas diversas formas tanto de falar como de vestir. É o primeiro ponto eu quero citar. O segundo ponto que eu quero citar, é que nós... que o projeto faz com que nós passamos a interagir uns com os outros: “Ah você é o que? Eu faço teatro! Legal eu sou músico. Tô fazendo o projeto de música”. Isso é bacana. O projeto faz com que as pessoas que vivem nas suas casas, que têm sua vida diária de afazeres, saiam das suas casas

para presenciar a apresentação de cursos a linguagem das pessoas que vieram para fazer o curso e até ouvir essas pessoas. Particularmente é isso. No caso da música, eu procurei me inserir porque... como eu disse anteriormente, eu quero viver como músico. Porque foi uma decisão que foi tomado há muito tempo e que eu só pode tomar essa decisão através das pessoas que conversavam comigo que me capacitavam, que procuraram me ajudar ao máximo, que me deram também puxões de orelha. Então tudo isso também fez que eu crescesse tanto na questão musical como na questão de vida mesmo.

Como é morar e viver de Música no Bom Jardim?

Bem... morar e viver de música no Bom Jardim pra mim é o seguinte... Eu tiro pela linguagem percussiva. Quando eu estava na casa AME tocando percussão, eu percebia que quando a gente fazia cortejo, as pessoas saíam de suas casas pra ver o que tava acontecendo. Se fosse qualquer outro tipo de arte também chamaria atenção, mas a música é uma coisa muito impactante... e nisso agente... quando a gente olhava pro rosto das pessoas olhando pra gente tocando e seguindo e as crianças que seguiam a gente nos cortejos eu ficava com lágrimas nos olhos porque eu lembrava do tempo que eu comecei. É tanto que as pessoas olhavam pra mim e diziam: olha aquele é o percussionista mais doido que tem entre todos os outros quietinhos. Porque a minha intenção era impactar as pessoas. Isso foi uma das coisas que também marcou muito a minha vida, porque quando a gente fazia os cortejos, quando a gente trazia as pessoas para casa AME, pra rua. A gente não ficava lá dentro da casa não, a gente trazia pra rua mesmo, e a gente começava a apresentar os artes de teatro, de dança, de artes plásticas, de todo tipo de arte. E a gente poderia observar o quanto as pessoas se prendiam aquele momento. O quanto elas queriam... elas desejavam que aquilo permanecesse todo santo dia... só que com passar do tempo o grupo de percussão se desfez e hoje em dia, quando eu olho, eu sinto falta disso, dessa forma de impactar as pessoas. O Centro Cultural do Bom Jardim também já fez isso. Quando eu comecei a tocar cortejos, a gente saia tocando... tocando frevo, tocando marchinha.

Não tem mais?

Não tem como antes.

Tu acredita que isso é por que?

Eu acho que isso também é porque vamos dizer... que é a questão de investimento, de um empurrãozinho. Porque se a gente for observar, é mais fácil as pessoas jogarem na televisão uma coisa que seja para o lucro de uma pessoa só do que para um grupo. Ou para sua comunidade! Já no caso de quando a gente tava tocando nos cortejos, isso não tinha limites. Eram pessoas queriam mudar, ou queriam pelo menos apagar um pouco da realidade da violência na cabeça das pessoas. Que era possível ensinar as pessoas através da música, através do teatro, através da dança.

Beneildo Filomeno

1. Para começar você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?

Bem... meu nome é Beneildo e... eu comecei a amar música quando meus parentes me ameaçaram de colocar em uma clínica de viciados e eu disse que não ia porque eu tinha passado muito tempo preso e... a música salvou a minha vida.

Tu tem quantos anos Beneildo?

Tenho 27.

Mas tu ta trabalhando com alguma coisa?

Não não. Não trabalho não porque eu tenho uma deficiência na minha perna pelo tiro que eu sofri.

E tu estudou onde?

Estudei no colégio Julia Alves Pessoa.

Aquele da Ozório?

Sim, da Ozório de Paiva.

Tu estudou tua vida toda lá?

É... um tempo "tadinho" da minha vida foi lá. Agora eu faço o CEJA, supletivo.

Tu teve um tempo que parar?

Sim.

Tu parou quando?

Parei em 2004.

Era que ano?

Era oitava série.

Onde tu faz o CEJA?

No CEJA da Parangaba. Próximo ao Frotinha.

2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?

No Bom Jardim eu vejo que tem oportunidade. Infelizmente muita gente fala mal daqui né, mas quem mora aqui sabe que aqui não é o que tanta gente fala. Eu vejo que aqui próximo tem um “bocado” de aula sim. É... lá próximo La de casa tem também e aqui também mais distante.

Lá perto da tua casa quais são os espaços que tem?

Próximo lá de casa... inclusive faz parte daqui, no dia das apresentações eles vieram pra cá. Que é onde tem até os padres, que dizem que é o lugar onde os padres...

Na Osório mesmo?

É na Bom Jesus ali...

Tem outros?

Não, eu só vi em dois cantos, lá e aqui.

E como tu acha que é morar aqui? Tu morou sempre aqui?

Não, morei um tempo preso né e morei um tempo em Sobral porque a polícia queria me matar.

Mas tu nasceu no Bom Jardim?

Nasci no bom Jardim.

3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?

Tinha. Meus dois avôs. O pai do meu pai tocava em seresta e meu outro vô tocava também, não em seresta, mas tocava em alguns lugares também. Meus dois avôs.

Tu via eles?

O pai do meu pai eu não vi ele, mas o pai da minha mãe sim.

Sempre via eles tocando?

Eu quando olhei pra ele tocar eu fui simplesmente imitar o que ele tocava e de repente eu toquei violão e nem sabia qual era as notas. Sabia tocar. Até hoje eu ainda não entendi porque eu toco violão desde novo, mas não sabia, não sei como foi que eu aprendi não.

Tu toca desde quando?

Vixe... é desde criança mah.

Não lembra da idade assim não né?

Uns onze... doze anos.

- Seus pais trabalham com que atividade? Eles tocam?

Não, meu pai não. Meu pai no Clóvis Beviláqua. No Fórum... e a minha mãe ela era professora mas ai ela não quis mais ser professora. Ela parou.

Era professora de que?

Era professora de escola mesmo. De criança.

4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula? E por que a procura por um curso de música? Apenas *hobbie* ou tinha alguma intenção profissional?

Não eu não tive aula não. De repente... tudo começou quando eu tava preso...e...e lá eu pensava até que era loucura da minha mente.... eu começava a escutar música e escutava o instrumento na minha mente e de repente começava a escrever e... dava certo a canção todinha.

Eu comecei mais a tocar... porque... meu pai e minha mãe como eu já falei queria me internar numa clínica e eu não quis se internar numa clínica e senti prazer em tocar violão e fiquei muito tempo preso no quarto e so sai do quarto quando aprendi a tocar so que foi as notas básicas né, Dó até o Si, maior e menor. So isso mesmo... tríade né?

Violão?

Violão e bateria também eu sei tocar um pouco.

Mas tu tem bateria?

Não.

E tu conheceu onde a bateria?

A bateria foi nas igrejas evangélicas. Meu primo também é baterista também. A gente de vez em quando toca, eu so não toco muito porque eu tenho um problema no joelho, uma platina no meu joelho ai dói, mas de vez em quando da pra tocar umas duas músicas ainda.

Mas tu toca ainda na igreja?

Toco, de vez em quando eu toco.

Tu começou a tocar antes de passar um tempo na prisão?

Foi antes, mas eu sabia muito pouco antes.

Que foi com violão... tu começou com violão vendo teu avô tocar.

Isso... tive esse desejo vendo meu avô.

E por que a procura pelo curso?

Porque eu queria “se” aperfeiçoar mais e... tava querendo ... é ..se aperfeiçoar né? Porque eu tinha bem pouco conhecimento como até o professor também me ajudou no campo harmônico e isso fez com que eu pegasse músicas de ouvido então eu so queria melhorar.

Mas tinha isso do *Hobbie* ou tinha isso do profissional?

Profissional.

5. Como foi o primeiro contato com o Centro Cultural Bom Jardim e com o Projeto Jardim de Gente? Como conheceu esse espaço? Fez outros cursos além do curso de Prática de Conjunto?

Foi através de um amigo chamado Renan que trabalhava até aqui... ele indicou ... falou até pra minha mãe... que a gente é amigo lá desde criança ai minha mãe perguntou se eu queria fazer ai me inscreveu aqui ai eu vim.

Tu já conhecia esse espaço?

Não, conhecia não.

O que tu achou?

Eu achei muito legal esse espaço aqui né? Infelizmente poucas pessoas no mundo ajudam as pessoa, infelizmente é poucas pessoas e achei interessante porque o povo aqui ajudam o próximo né? Não olham com acepção pras pessoas. Então eu achei muito legal esse projeto aqui.

Então tu conheceu o Centro Cultural através do curso de prática de conjunto?

Foi.

Tu lembra quando foi?

Foi no ano passado isso. 2013.

Tu ficou 2013 todo fazendo o curso?

Foi assim ... do meio do ano até o fim do ano.

6. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?

Eu toco sozinho... de vez em quando alguns meninos pedem uns estudos ai eu trago alguns estudo pra eles ... o mesmo que o professor me entregou ai eu ... porque eu aprendi uma coisa na vida que o que eu recebi de graça eu também dou de graça pras pessoas né? Mas eu to tocando sozinho mesmo.

Tu toca em algum lugar? So em casa?

De vez em quando eu toco nas ruas... culto campal que a gente sempre gosta de fazer culto campal assim... nas favelas... a gente sempre gosta de tocar lá pros meninos lá.

Tu pode falar um pouco como é isso?

É porque a gente vê ai que infelizmente, não vou aqui colocar so culpa na política não, mas infelizmente eles não tão, não so eles... mas... eles não tão lembrando das pessoas né? O povo lá ta morrendo ai no crack.

Onde é?

Nas favelas. Em todos os lugares aqui do Bom Jardim e em outros bairros também... e a gente gosta sempre de levar a canção e levar comida também pra eles lá também, pros caras que são mendigos também nas ruas e... a gente pegou esse amor de tocar, porque a música ... ela tem esse poder de salvar vidas... eu falo isso porque a música salvou a minha vida. Então eu dou de graça o que eu recebi de graça e as pessoas gostam de escutar a canção porque de uma certa forma é... falam com eles de uma certa forma a música né? Tem esse poder a música.

Isso pela igreja que tu frequenta?

É pela igreja mas nós não pregamos igreja pregamos simplesmente deus né? Porque infelizmente hoje em dia as pessoas estão fazendo acepção pelas pessoas por religião, por cor também né? Infelizmente ta acontecendo isso, mas a gente fala so de um único Deus né, que todos conhecem.

Tu toca lá também?

Toco também.

Todo fim de semana? Toda semana?

É... todo sábado a gente faz isso.

Tu toca música tua?

Minhas e música da igreja também.

Tu tem muitas músicas?

Tenho.

7. E ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso?

Não, ainda não fiz curso não ... porque não ta dando pra mim vir porque fica um pouco distante lá de casa e eu tenho problema no joelho ai não ta dando pra mim vir.

Fez amigos? Mantém contato com alguém que conheceu no projeto durante os cursos que fez?

Sim tenho o contato, sempre converso com eles. Com todos eles eu sempre converso. Não assim de falar com eles, mas sempre pelo face a gente troca uma ideia.

8. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso? Não apenas musicalmente, mas fique a vontade pra falar sobre outros aspectos que ache relevante. Tinha algum outro atrativo além da prática musical? Mais específico do curso de prática de conjunto porque eu lembro que tu fez o violão também comigo né? Mas assim, tu entrou no de prática e o que tu pode falar dele?

Prática de conjunto me deu uma oportunidade né, porque eu tenho canções próprias e eu quis falar aquilo que eu sinto que é protesto, a canção que eu escrevo é de protesto ai... eu falei sobre protesto e esse curso me ajudou muito porque eu tava num tratamento "ai"... fiquei muito ansioso quando eu parei de usar droga fiquei nervoso demais, um pouco de raiva as vezes... e a música me acalmou. Naquele tempo veio na hora certa a canção e aquele dia no curso então o curso me ajudou muito.

9. Qual a importância que tu dá as atividades do Projeto Jardim de Gente, que dá esses cursos, e o curso de Prática de Conjunto pra tua formação?

Eu acho importante porque isso ajuda a tirar a meninada da rua porque a rua não ta oferecendo muita coisa boa não. Eu tenho visto ai que viciados tão parando de usar droga pelo curso e inclusive eu sou um deles que ...algumas pessoas dizem que vagabundo não... para, da um tempo mas eu sou prova viva disso de que a pessoa consegue deixar e a música me ajudou muito e ajuda alguns jovens ai também porque... infelizmente a juventude ta se perdendo ai... então eu tenho visto que esses projetos tem ajudado muita gente.

O curso me ajudou muito a ficar próximo as pessoas me ajudou porque ... o vício que eu tinha na cadeia que eu puxei...as pessoas não podiam olhar pro próximo assim... pro rosto das pessoas e hoje eu me livreí um pouco disso de não olhar pras pessoas. Hoje eu consigo olhar, não muito, mas consigo mais do que antes e o curso me deu essa força, tirou essa minha enfermidade que eu tinha.

Se tu tivesse tido a oportunidade desse curso antes?

Eu creio que eu não tinha nem se envolvido na vida errada. Porque eu ia ocupar minha mente né... ocupar minha mente com coisa boa.

Eliana Oliveira

1. Para começar você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?

Sou Eliana. Tenho 23 anos. Terminei o Ensino Médio em 2008 no Colégio Michelson Nobre da Silva. No exato momento eu estou trabalhando como monitora no Projeto Mais Educação dando aula de Letramento e Educação Patrimonial.

Onde é essa escola?

É ali antes do CAIC.

Ela é estadual?

Sim.

Tu estudou quanto tempo lá?

Da Quinta Série até o Ensino Médio.

2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?

Rapaz... eu moro aqui no Bom Jardim desde sempre. Antes eu na morava nessa casa. Eu morava em outra casa, mas nessa mesma rua e... o lance da música foi mais pelo Centro Cultural mesmo, embora aqui tenha também o ABC, que também tem cursos de música, mas meu começo mesmo com a música foi mais no Centro Cultural.

3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?

Meu pai... meu pai sempre tocou na igreja e desde o começo eu sempre escutava ele tocando e tal. A mãe até dizia que ele tocava pra mim na barriga quando ela ainda

tava grávida de mim. Ele tocava e diz que toda vida que eu escutava a voz dele eu me mexia, vibrava, fazia alguma coisa. E aí... resolvi continuar nesse mesmo ritmo.

Quando você nasceu ele trouxe algum violão? Trouxe algum instrumento?

Ele cantava pra mim, achava que eu ia tocar porque eu ficava mexendo no violão dele. “Vixi essa menina vai tocar e tal”. Ai quando eu completei quatro anos ele comprou um violão pra mim e eu fiquei lá fazendo umas batidinha lá doidera... quando eu completei doze anos ele me inscreveu num curso de violão mas eu fiz uns seis meses de aula e depois desisti.

Tu toca violão?

Não... o violão ta lá guardado.

- Seus pais trabalham com que atividade? Eles tocam?

Meu pai com Educação Social, Popular e Saúde e minha mãe só dona de casa mesmo.

4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula?

Iniciação musical mesmo na igreja primeiramente. Porque tava naquele período de que precisava de alguém pra cantar e não tinha quem cantasse e a gente ficava lá eu e as minhas irmãs no banquinho cantando baixinho, só nós. Ai o pessoal disse: “você não querem cantar não? A gente ta precisando de ajuda pra cantar. Vamos cantar!” E aí a gente tava se preparando para um casamento de um amigo nosso e ele: Ah seria ótimo se vocês cantassem no meu casamento. Aí a partir do casamento dele a gente resolveu cantar. E cursos de música como eu já falei Centro Cultural né? Direto no Centro Cultural.

Foi com quantos anos isso da igreja tu lembra?

Da igreja foi com 11, 12 anos. Primeiro foi teatro aí eu vi que não era teatro muito o que eu queria e tal. Ai de 11 pra 12 anos a gente começou a cantar na igreja.

Tu ficou quanto tempo ainda no teatro?

Teatro foram cinco anos, mas era naquela, aí eu to mas não quero e tal mas foram cinco anos mesmo assim.

Na igreja também?

Na igreja. O teatro era um grupo de igreja. Era só peças pra igreja. Momentos mais católicos só que aí depois mudou de direção. O diretor era outro e começou a ser mais outros tipos de tema aí a mãe e o pai não deixaram mais a gente participar. Mudou os temas, mudou o foco, vocês não participam mais. E a gente também deixou de se identificar. Antes a gente se identificava mais e depois foi perdendo.

Sempre as irmãs?

Sempre.

5. Assim, porque a procura pelo curso de Música? Tinha uma pretensão do profissional que se desconstruiu ou sempre foi isso do *hobby*?

Não eu vi mais o lance de aperfeiçoamento porque a gente ficava lá cantando na igreja, mas era aquele negócio não muito profissional. E a gente via que aqui ou acolá precisava de algo um pouquinho melhor. Não só aquele lance de ficar: “Ah peguei aqui o cântico, vou cantar”. Eu queria mesmo um negócio pra aperfeiçoar, tanto que antes eu queria me inscrever no curso de técnica vocal, antes de entrar no curso de prática de conjunto e qualquer outra coisa, mas aí toda vida que eu chegava as vagas já tinham acabado embora eu more bem aqui, mas as vagas já tinham acabado e aí a vaga que tinha era pra prática aí eu: “Ah... vamos tentar, vamos ver no que vai dar”. Como eu também não sabia tocar nenhum instrumento digamos: ”Vou acabar tendo que cantar. De um jeito ou outro vou acabar tendo que cantar. Ai foi!

Então o primeiro contato com o Centro Cultural, tu lembra o ano?

Foi em 2009.

Em 2009 foi a abertura do Centro Cultural?

Não. A abertura foi em 2007, mas eu comecei na música em 2009 porque antes eu também fiz teatro no Centro Cultural. E outros cursos também.

Antes do Jardim de Gente tinham cursos no Centro Cultural?

Tinha. Tinha. Porque quando veio o Jardim de Gente eles fizeram meio que só acrescentar os cursos que já tinham pro Projeto e vieram outros cursos de fora.

Então tu já fazia teatro antes do Jardim de Gente!

Já sim. Antes eu fazia teatro. Fiz o de informática também. Foi antes da prática e antes do Jardim de Gente.

E no curso de prática de conjunto de pode falar um pouco de como tu entrou nele?

Foi após o curso de percussão na verdade. Porque tinha o curso de percussão e via-se que a galera não tocava só tambor. Tocava outros tipos de instrumento e ai eu, Mariana, André, Bruno, uma galera assim: “Gente, a gente podia criar um curso que tivesse... que desse pra envolver tudo isso junto. E aí como é que fica e tal”? Ai quando o Márcio, que era nosso antigo professor disse: “Rapaz era uma proposta boa vamos ver se numa reunião ai a gente coloca essa proposta”. Ai numa reunião de programação ele colocou essa proposta e nasceu o curso de prática de conjunto embora eu ache que eu so entre um ano depois que o curso tinha nascido e esse lance de vir um que toca uma coisa, outro que toca outra, outro que canta e juntar tudo pra formar um repertório bem variado que se eu gosto de uma coisa e o outro gosta de outra e coloca. Eu achei uma experiência muito massa. Gostei tanto que passei quatro anos.

Tu ficou até 2013?

Até 2013. Saí esse ano (2014). Esse ano eu não quis participar. Esse ano eu disse: “Esse ano eu vou fazer outra coisa”. E os meninos tão lá firme e forte. Ainda assisti a apresentação deles e tal mas nesse ano eu decidi fazer outra coisa.

Que foi o curso de Dança?

Isso. O curso de dança.

Tu já dançava antes?

Não. Também era outra coisa que eu queria muito. Antes quando eu era pequena... eram as três coisas que eu queria muito. Era teatro, música e dança mas eu não sabia qual das três era o rumo certo. Daí teatro eu comecei aqui e acolá ai desisti. Música eu entrei pra música e fiquei na música... realmente é o que eu quero mas eu ainda queria algo que ficasse entre um e outro. E ai resolvi ficar pra dança. Ai to na dança, mas não é algo que eu quero se seja profissionalmente. Profissionalmente prefiro mesmo Música. A dança é so um hobbyzinho a mais. Alo que eu sempre quis... é tipo um sonho realizado.

E que pode contribuir pra música.

Com certeza.

6. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?

Pois é. Envolvida em dois projetos. Que é a banda Sons de Tudo que foi formada pós o curso de Prática de Conjunto e a banda que no momento por enquanto ta sem nome, mas a gente deixou denominado de #TOCADEZ que também era uma galera da primeira Prática de Conjunto que era só um grupo de amigos que a gente se reunia no quinta e tinha uma vibe muito legal e tal... e aí como a gente não tinha maturidade suficiente e nem instrumento suficiente a gente resolveu desistir mas agora como todo mundo já ta de maior. Já tem seus instrumentos. Já pode caminhar com suas próprias pernas, aí a gente resolveu voltar com esse projeto que é mais voltado pra MPB. O melhor da MPB. A Sons de Tudo é variada. É tudo misturado, já ta dizendo o nome Sons de Tudo. Embora a gente esteja pensando em transformar num projeto de Pop Rock por conta das músicas da Brena e das músicas do Victor... aí gente ta resolvendo em transformar em Pop Rock. Talvez mude até de nome também. Porque não adianta... Sons de Tudo... ai chega lá com os Rock da Brena. As músicas do Vitor embora sejam muito românticas e tal... a gente ta tentando também transformar e quando percebemos acaba virando rock de novo então talvez vire um projeto de pop rock. Então é um projeto de pop rock e um de MPB.

Vocês sempre ensaiam?

A Sons de Tudo ta ensaiando sempre aos sábados de manhã no estúdio e a #Tocadez ta ensaiando toda sexta feira. Uma sexta feira aqui em casa e outra sexta feira no estúdio.

Sempre tem shows?

A Sons de Tudo que ta mais a frente por ser mais antiga né?

Tem quanto tempo a Sons de Tudo?

A Sons de Tudo fez um ano e meio. Vai fazer dois anos agora em dezembro. Ai houve essa apresentação agora em setembro e vai haver a próxima em dezembro no Dragão do Mar, no Espaço Rogaciano Leite. Além disso, eu inscrevi a banda no projeto do Shopping Benfica que toda terça feira tem uma apresentação de banda e ... eu inscrevi a Sons de Tudo... hoje inclusive já me ligaram e tal, talvez dê certo essa apresentação falta só confirmar algumas coisas. A #Tocadez eu também enviei o projeto pro Benfica mas ainda não tive resultados mas a gente conseguiu uma apresentação na mostra Bom Jardim também no Dragão do Mar em Novembro.

No Shopping Benfica tem cachê?

Não... parece que é mais só pra divulgar. No caso eu queria muito que fosse aceito o da #Tocadez já que a gente ta iniciando agora pra divulgar seria ótimo. Porque lá eles não dão cachê. Dão só o espaço, o some parece que a iluminação.

Quanto tempo de apresentação?

Uma hora. De 19h30 as 20h30.

A #Tocadez é so autoral?

Não. É misturado. Tem músicas autorais e tem covers também.

A Sons de Tudo também?

Mesmo jeito.

7. E ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso?

Pois é. No momento estou no curso de dança de salão e aí... amanhã vai começar as inscrições pra novos cursos e eu to pensando em me inscrever no de danças folclóricas porque no período que eu tava no teatro teve um espetáculo que a gente formou que era de dança folclórica. Ai de lá eu já me interessei, mas vai abrir um também de edição de vídeo e Photoshop que eu também to pensando em me inscrever.

Tu fez muitos amigos na prática? Mantém contato com eles?

É... os da prática... contato com todos. Principalmente com os do primeiro tempo e os de agora. Alguns com contato mais próximo e outros é mais via Facebook, por telefone ou encontro ali pela esquina.

Tu conhecia eles antes do curso?

Antes da prática eu conhecia o André e o Leandro que sempre estudou com a Mariana. Eles sempre estudaram na mesma escola. Ai pós prática é que veio o Salatiel, Vladimir e os outros.

8. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso? Não apenas musicalmente, mas fique a vontade pra falar sobre outros aspectos que ache relevante. Tinha algum outro atrativo além da prática musical?

O lance de... trabalhar em equipe é muito bom... porque... embora desde o começo... acho que na igreja eu já vinha aprendendo a trabalhar em equipe mas eu sempre fui uma pessoa muito difícil. Sempre tive o gênio muito forte. Negócio de aceitar a opinião dos outros não era muito fácil pra mim.... e ai coma prática teve esse negócio de respeitar a opinião do outro, de saber ouvir. Da parceria e tal... Acho que isso acrescentou bastante. E musicalmente hoje eu vejo música de outra forma, antes eu simplesmente escutava por escutar. Agora não... eu reparo a letra. Eu reparo num instrumento que no começo não tava e veio aparecer depois. Um efeito aqui, um efeito ali. Outra coisa que antes eu não reparava. Agora não, eu escuto música já... avaliando ela todinha. Antes eu escutava só por escutar mesmo.

Qual a importância que tu dá as atividades do Projeto Jardim de Gente e o curso de Prática de Conjunto pra tua formação?

Sem resposta.

Leandro Maciel

1. Para começar você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?

Meu nome é Leandro Maciel. Tenho 21 anos. To no último semestre de Geografia aqui na UFC e to so estudando. Tenho alguns estágios na faculdade, mas nada oficial.

2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?

Morar no Bom Jardim é estereotipado né? Aquela história... ah... o Bom Jardim... o Vixe. Aquela questão violência muito presente... e .. complicado você crescer em um espaço desse...muita estrutura familiar, muitas pessoas não tem, e... você vai crescendo com muitos amigos que vão ingressando pelo caminho da criminalidade então se não tiver muito estruturado você acaba indo por esse caminho.

Espaços de Música... que eu frequento mesmo só o Centro Cultural e a casa da Mariana. hehehe

3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?

Não! Eu aprendi porque achava bonito e tal... tocar violão... achava que ia pegar umas menininhas também, tocando, so deu certo com uma. Mas não tive não, na minha família ninguém toca. Se fosse depender da minha família pra gostar de música eu tava... meu irmão gostava de swingueira essas coisas, ainda bem que ele parou.

- o Seus pais trabalham com que atividade?

Cara o meu pai nunca morou comigo. Ele hoje em dia é aposentado. Ele sofreu um acidente e tal. Minha inclusive toda vida que encontra alguém conta a mesma história... que foi praga dele. Ai ... ela é costureira. Ta com uns vinte e poucos anos que ela é costura.

4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula? E por que a procura por um curso de música? Apenas hobbie ou tinha alguma intenção profissional?

Eu comecei a aprender quando tinha treze anos no ABC, outro espaço de Música, tinha esquecido de falar do ABC. Aprendi a tocar lá... aprendi assim, comecei a tocar lá. La tem o curso de violão. Comecei a aprender porque achava legal e tal, porque dava pra conseguir um negocin aqui e acolá ... e ai... no ABC acho que a partir dos doze anos ou é treze anos que pode começar musica e aí lá de graça né?

Já tem os violões daí tem o professor e um grupo de alunos, normal... e vai aprendendo. E boa parte das coisas que a gente aprende... com os amigos mesmo e tal. Depois fiz um curso breve... acho que fiquei um mês talvez, no SESI.

Da Barra?

No SESI da Parangaba... aí...mas não foi tão significativo porque foi pouco tempo.

Quanto tempo?

Um mês so lá. Mas no ABC eu fiquei um bom tempo. Fiquei uns dois anos talvez.

No SESI foi violão?

No SESI e no ABC foi violão.

E isso do cantar?

Ah do cantar foi culpa tua que me colocou pra cantar lá e tal. É... mas aí também né ... passei pela prática também né... tocando e tal... acho que o teu ano na prática acho que foi o meu terceiro já ou foi o segundo. Eu tive aula com aquele carinha que toca na Dona Zefinha, do cabelão, aí depois veio uma menina, mas ficou pouco tempo aí depois foi tu não foi?

Eu acho que sim.

Mesmo assim eu fiquei so um ano so tocando e tal... e depois que... aí tu falou ah canta essa aí... canta essa aí.

Tu passou dois anos na prática?

Comecei em 2009... a Mariana me convidou ... disse “Ah ta tendo um curso e tal”. Ai eu fui em 2009. Ai comecei... ainda lembro do primeiro dia. Um grupinho lá. Conheci o André, o Edu...

Tu não conhecia eles?

Não não conhecia. Conhecia o Salat porque estudei 6 meses no César Cals, aí conheci o Salat lá. Ai ... eu ainda lembro... toquei... sempre gostei de tocar MPB, essas coisas. Toquei uma ... acho que do Jorge Vercilo ou foi do Djavan.O André já gostou, o Edu também.

Mas tinha isso do *Hobbie* ou tinha isso do profissional?

Ah... so hobbie. Nunca pensei né nisso. Hoje eu vejo como hobbie. To começando a tocar agora e tal. Vamos tocar no dragão vai rolar até um dinheiro mas vai voltar pra banda então... o legal da música é você estar com as pessoas, aquele interação. Você olhar pro olho da outra pessoa e ver aquela mesma vontade.

5. Como foi o primeiro contato com o Centro Cultural Bom Jardim e com o Projeto Jardim de Gente? Como conheceu esse espaço? Fez outros cursos além do curso de Prática de Conjunto?

Eu estudava no colégio Ícaro de Sousa Moreira que fica vizinho então as vezes tinha alguma coisa no Centro Cultural, que convidava algum colégio. Acho que cheguei ir a inauguração do Centro Cultural também, mas propriamente dito mesmo foi com a prática de Conjunto. Tava tendo inscrição e a Mariana me chamou pra ir, e ai já tinha aquele projeto da percussão, o Bom do Vixe. Inclusive acho que era o mesmo professor, ai boa parte do pessoal do Bom do Vixe era da Prática. E ai em 2009 eu comecei... e fiquei... tu ficou até quando?

Na prática?

É na Prática. Fiquei acho que até 2012 não foi? Tu ficou até 2013 não foi?

2013 eu já sai eu acho.

Foi... eu fiquei ate 2012, ai 2013 tu começou a dividir com o Bruno.

Não... 2012 eu dividi com o Bruno.

Então eu fiquei até 2011 acho. 2009, 2010 e 2011.

6. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?

To tocando com o pessoal né? A gente ta montando uma banda agora. Toca a 10 o nome da banda. Tu lembra que a gente ficava “ah vamos tocar qual agora: toca a 10 toca a 10”. O Salat odeia o nome... quer botar Muquifos Cafonas ai eu que dei o nome. Mas pra essa primeira apresentação vai ser Toca a 10 porque foi o que foi pro projeto né? Inicialmente vai ser Toca a 10.

E tu teve banda antes?

A gente fez uma banda com o mesmo nome do grupo de percussão: O Bom do Vixe mas ai a gente nunca foi muito além do Centro cultural porque a gente fez a banda a partir do curso de prática de conjunto, antes de tu entrar, mas ai a gente já tinha esse projeto mas ficávamos muito preso na casa da Mariana né? É... ai de vez em quando tocávamos na igreja la dela que fazia uns eventos e convidava a gente pra tocar e no Centro Cultural a gente também tinha dificuldade porque não tínhamos instrumento e tal ... hoje em dia todo mundo... o Edu não tem bateria mas ele tem

uma guitarra e uma maletinha de pedais, eu não tinha violão hoje eu tenho dois, um baixo e tal, o Uke.

Mas vocês ensaiam sempre?

É ... uma vez por semana. Quando dá... uma vez por semana. Mas agora a gente vai dar o grau por causa da apresentação.

E esse show? So esse? Tem outros?

Inicialmente so esse. A gente se inscreveu pro do Cuca... e estamos esperando a resposta pro do Shopping Benfica.

7. E ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso?

Hoje em dia não mais!

Não faz mais nenhum curso?

Não faço mais nenhum curso lá. Pensei em fazer o de prática vocal, mas não cheguei a ir não.

Por quê?

Bicho eu tenho preguiça de sair de casa pra falar a verdade. (Risos)

Fez amigos? Mantém contato com alguém que conheceu no projeto durante os cursos que fez?

Ah, mantenho claro. Eu acho eu o mais legal além de desenvolver essa parte mais musical é o lance da amizade que fica né, hoje em dia eu to tocando com o pessoal do grupo. É o pessoal que eu conheci na prática e a gente mantém esse ciclo até hoje, desde 2009 e é importante isso. Hoje em dia sou amigo do Ed, por exemplo, que eu conheci lá. Amizade bacana. O Salat também conhecia ele, mas a gente não se via né mas agora a gente tem uma amizade por causa da prática e acho que esse é um legado legal que fica. De vez em quando eu encontro o Magdo também. [...] O menino também que faz Música aqui, o Marlon.

8. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso? Não apenas musicalmente, mas fique a vontade pra falar sobre outros aspectos que ache relevante. Seus hábitos diários e sua rotina se modificaram? Tinha algum outro atrativo além da prática musical?

Acho que além da prática musical, as amizades que vai se construindo né? Era um ambiente muito legal, da saudade às vezes, nossas brincadeiras e tal. Sempre era um ambiente muito saudável. Eu tenho experiência, por exemplo, de tocar ... em outros e é sempre ... parece que é um clima muito pesado assim... eu sinto falta do que a

gente tinha na prática e tal, “frescando”, fazia as coisas brincando e acho que isso era legal e tal.

Ajudou a crescer musicalmente também, aprendi muita coisa na prática, comecei a cantar na prática e também tem coisas eu você vai fazer na prática que você pode levar pra sua vida mesmo em sociedade, o lance de trabalho em equipe, o lance de respeitar a opinião do outro e acho que isso foi sempre algo presente, a gente sempre se escutou muito... eu acho muito legal isso também. Outra coisa que quando eu vou tocar em outros lugares que eu não vejo que é justamente esse lance de se escutar, de se respeitar, ter essa admiração pelo que o outro ta fazendo, e... esse trabalho de equipe e você ir construindo... pega uma música e vai construindo ... de pouquinho em pouquinho e vai fazendo essa concha de retalhos assim, aos poucos... e... isso é puramente trabalho de equipe que você vai levar pras outras áreas da sua vida.

Mariana Freitas

1. Para começar você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?

Bom... meu nome é Mariana Freitas. Eu tenho 21 anos. Sou estudante de Ciências Sociais da UECE e sou educadora social no Projeto e-jovem.

Fica aqui no Bom Jardim?

Não. Na verdade é um projeto da SEDUC. Ai eu dou aula nas escolas. De empreendedorismo.

Mas no Bom Jardim?

Também. Eu dou aula em várias escolas.

Tu que escolhe?

É... tem o processo de lotação e tem a questão de classificação e tudo.

Tu tá em que semestre na faculdade?

Bem... eu estou no sétimo semestre.

E tu estudou onde no Ensino Médio?

Eu estudei o Ícaro de Souza Moreira que fica ao lado do Centro Cultural. Fiz curso de Turismo e tenho habilitação... o técnico de Turismo.

2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?

Assim... eu moro no Bom Jardim desde que eu nasci e ... o que eu vejo... assim... o Bom Jardim da minha infância e processo de adolescência assim... foi uma evolução. Eu acho que quando eu era bem pequena, 04... 05 anos, não tinha tanta opção a não ser o ABC do Bom Jardim e ao longo do tempo eu acho que foi surgindo mais projetos pra comunidade em sim... pra melhorar... sei lá... pra influenciar a cultura... essa questão. Que eu tenho conhecimento que tem formação de música, música mesmo... tem o ABC, o Centro Cultural, a Casa AME também que tem uns projetos de percussão, teclado... ah tem o CAIC também. Eles têm uns projetos de aulas de violino e tal. Acho que basicamente são esses.

3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?

Bem a gente participa de comunidade na igreja né... então a gente desde pequenininha a gente tinha essa necessidade de cantar na igreja mesmo como voluntário e tudo. Até hoje eu canto na igreja... faço essa participação pastoral. Ai meu pai tocava na igreja, minhas irmãs tocam na igreja, cantam na igreja... é essa a questão.

- o Seus pais trabalham com que atividade? Eles tocam?

Bom... minha mãe é dona de casa e meu pai ele trabalha na área de Saúde com educação popular na prefeitura. O atual emprego dele é esse.

4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula?

Bem... eu iniciei acho que em 2007/2008... foi em 2007 no Centro Cultural. E aí eu tive aulas de coral com a Vera Barros, mas ao mesmo tempo eu também tava em outros projetos no sítio Betesda que é lá na Granja Portugal. E ai eu fiz lá curso de violão. Acho que um pouquinho antes, foi em 2005 na verdade, começou lá no sítio.

Não tinha aqui no Centro Cultural ainda?

Não. Em 2005 não. Ai eu comecei o curso de violão lá. Depois eu fiz coral aqui no Centro Cultural, nessa época eu tinha uns 14 anos. E ai depois eu fui fazer curso de violão no ABC. Ai por conta de começar a estudar na escola profissionalizante eu não tive mais tanto tempo pra fazer outros cursos. Ai me afastei um tempo. Mas antes mesmo... pouquinho tempo antes de eu entrar no Ícaro de Souza Moreira eu fiz o curso de percussão que tinha no Centro Cultural. A gente fez desde a produção dos instrumentos e tal... acho que foi em 2008.

Foi com o Márcio da Dona Zefinha. E ai a gente fez desde a produção dos instrumentos até surgir o que seria a prática de Conjunto.

2008?

O curso... a oficina de percussão foi em 2008 mas a prática mesmo surgiu em 2009. As atividades do projeto antigamente eram mais frequentes?

Não... eu acho que foi um processo que foi se construindo ao longo do tempo. Começou bem básico com o Teatro. Ai tinha o coral. Ai tinha percussão e tal. Mas foi bem básico mesmo. Acho que foi evoluindo com o tempo. E ai o Márcio da Dona Zefinha puxava muito essa questão do bloco né? Teve o bloco Bom do Vixe e ai tinha o movimento chamado o Bom do vixe que acontecia ai no Centro Cultural. E ai no período do carnaval a gente se reunia pra fazer desde as fantasias né, as roupas e com os instrumentos que a gente tinha produzido a gente fez o bloco pelo bairro ne?! E ai a gente ia desde a Granja até o Santo Amaro também. A gente fez essa parceria. E ai tinha esse bloco que era o bloco Bom do Vixe. E aí posteriormente na prática foi que ficou esse nome também ... da banda o Bom do Vixe.

5. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula? E por que a procura pelo curso de prática de conjunto?

Bem como eu falei no começo né... eu nasci e vim morar no Bom Jardim. Antigamente aqui na comunidade tinha um sítio. Bem grande. E aí... desse sítio dividiram em duas construções que era o Centro Cultural e a Escola Ícaro de Souza Moreira que utilizaram o mesmo sítio e transformaram nesses dois espaços pra comunidade. Então ... eu fiz questão de... na época quando começaram a construir o Centro Cultural eu tinha uns dez anos e ai foi um processo que levou assim... muito tempo pra construir e tipo...período de eleição e tal...em pouco meses finalizaram a obra. Então assim, eu acompanhei esse processo desde os primeiros tijolos... desde quando quebraram né... as paredes, os muros desse sítio. Tinha muitas árvores. Tinha um catavento. Tinha muita coisa dentro desse sítio. Então a gente que mora aqui perto acompanhou esse processo né? Então... mas eu era muito pequena né... eu tinha dez anos. Não entendia muito bem essa relação. Que políticas foram pra chegar até ... quais as lutas que foram necessárias pra construir o Centro Cultural. Mas eu acompanhei de forma assim pra aproveitar. Eu acho que foi isso. Eu peguei essa parte boa que foi aproveitar os projetos. Então a minha participação foi assim. Ai após acompanhar esse processo, como eu falei do coral e tudo, também fiz teatro logo no começo. Foi uma oficina bem básica. E ai quando eu sai do Ícaro ne? Eu já tinha finalizado o curso... eu participava do Ícaro... das aulas do Ícaro.... passava o dia lá e também fazia alguns cursos quando eu tinha tempo. Nas férias a prática a prática de conjunto era ao sábado então eu aproveitava todo o tempo que eu tinha... eu acho que era um lazer assim pra mim... eu ia pro Centro Cultural. E ai o Jardim de Gente com o passar do tempo foi evoluindo. Teve mais oficinas, projetos e outras coisas dentro do próprio Projeto Jardim de Gente... então o que eu podia fazer, o que tinha tempo pra mim afazer eu fazia. E ai eu fiz técnica... enfim... fiz milhões de cursos. Técnica vocal, Prática de Conjunto, Produção de projetos, Maquiagem

artística, percussão... O que tinha eu tava participando. Até curso de violão eu comecei algumas vezes e parei por conta... de falta de tempo mesmo. Tinha que ta na faculdade, tava... tinha conseguido meu primeiro emprego e aí...o tempo que eu podia eu fazia os cursos. Era mais ou menos assim a minha relação com o espaço.

6. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?

Pois é... agora assim a gente voltou exatamente a banda que a gente... primeira formação acho ainda...da prática de conjunto e aí eu lembro na época que ... 2009, 2010 por aí, a gente começou a formar esse grupo... a galera mesmo aqui do bairro. Uma amigo meu da escola. Muita gente da escola... do Ícaro também participava da prática. E aí nessa época tinha poucas meninas. Acho que tinha umas três meninas. E aí foram saindo porque moravam longe...uma morava no Santo Amaro e a outra depois do Canindezinho e aí ficou so eu na época. So eu de menina. Então eu que tinha que começar a cantar né? Ai como eu já tinha feito coral. Cantava na igreja. Ai os meninos também não tinha essa afinidade pra cantar. Tocavam mas não cantavam. Então sobrou pra mim o microfone. Então aí... nesse ano de 2014 a gente ta retornando com as atividade.E aí a gente ta na formação da banda e tal. E ta aproveitando a galera que participou do curso.

Qual foi teu primeiro instrumento? A tua iniciação foi com que instrumento?

Na verdade foi com o violão. Porque assim... meu pai como ele tocava violão. Tinha esse gosto que as filhas dele tocassem violão. Porém... eu particularmente eu fui de enxada por meu pai assim... ele priorizou a mais velha ne?! Desde que ela tinha quatro anos de idade ele comprou um violão pra ela mas pra mim ele nunca comprou um violão. E aí eu comecei a me interessar mais por uma questão de influência mesmo do meu pai e da comunidade e tal. Então eu comecei a tocar as minhas primeiras notas eu tinha uns treze anos. Então foi o violão na verdade.

Ai depois chegou isso da Voz?!

Isso.

Mas na igreja ou já no Centro Cultural?

Nos dois. Na igreja e no Centro Cultural. Quando eu comecei a participar do coral... depois fiz técnica vocal...

Então a técnica vocal e o coral vieram antes do curso de prática?

Foi. O coral veio um pouquinho antes.

E isso da banda? Sempre ensaia? Show? Como ta isso?

A gente ta num processo bem inicial mesmo mas a gente já conseguiu algumas apresentações e tal. Os editais saíram e a gente vai tocar no Dragão do Mar ... em parceria ne...que é a Mostra Bom Jardim. Então foi mais esse contato que tinha no Centro Cultural e aí a gente conseguiu se inserir na programação de Novembro.

O que tu nota com relação ao tempo que tu tava começando com o grupo de prática, com o coral... e agora? As oportunidades, isso de tocar. De mostrar seu som?!

Eu acho assim. Como é... o processo do Jardim de Gente desde de 2011 até... três anos de existência do Projeto, fez com que desse assim... de tanto a gente repetir. De tanto ver nossa cara por lá e tal. Participar mesmo das atividades eu acho que vem o contato né? As pessoas foram conhecendo a gente e ai eu acho que facilitou esse acesso, essa divulgação do nosso trabalho. Pelo fato das culminâncias também que eu acho que é um momento muito esperado pelos alunos... e ai serviu também pra conhecer um pouco a gente. O nosso trabalho. As nossas coisas.

7. E ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso?

Esse ano de 2014 não. Eu não to fazendo nenhum curso... até agora não mas eu sei que amanhã tem inscrição ai quem sabe né? Quem sabe eu vou pra dança. (Risos) Mas todo mês eu vejo a programação. Agora que não tem mais impressa né... eu fazia coleção de programação. Eu achava muito lindo. E ai agora não tem mais impresso e então eu acompanho mais no Facebook. Os amigos também compartilham muito. Tô acompanhando. Mas eu ainda frequento sim...

E tu fez amigos no curso de Prática? Mantém contato com eles?

Pois é... como eu falei né. A questão da banda. Como a gente ta voltando e tudo. Acho que foi um laço de amizade que realmente ficou... que veio desde a época do curso e que perdura até hoje. Como minha casa é perto do Centro Cultural ai tem aquela coisa: "Ah vamos La pra casa da Mariana". Então sempre rola esse contato com as pessoas. E de outros cursos também que eu fiz não só da música, mas também fiz amizade com o pessoal.

Tu ficou durante quanto tempo no curso de Prática de Conjunto?

Eita... acho que foram uns 2 ou 3 anos. Não me lembro exatamente não. Realmente como eu falei... algumas atividades externas me forçaram a sair mas eu fiquei acho que de 2009 a 2011. Acho que foi.

8. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso de Prática de Conjunto? Não apenas musicalmente, mas fique a vontade pra falar sobre outros aspectos que ache relevante. Tinha algum outro atrativo além da prática musical?

Eu assim... que mudou mais com relação a postura. A questão da presença de palco. Assim, eu fiz teatro também um tempo. Tanto na igreja como em outros espaços eu fiz teatro e ai é muito diferente essa relação. Eu percebo isso porque quando você ta no teatro você ta em um personagem. Quando você ta cantando é você ali no palco. E uma relação totalmente diferente por incrível que pareça né? Você ta no palco de qualquer forma, mas uma coisa é você estar encarando um personagem e outra é

você ta sendo você. Você ta incorporando a música. Você ta diante de milhões de pessoas olhando pra você... e tudo. Tem a questão do nervosismo. Então isso foi um fator que com o curso como a gente tava todo sábado enfim, o tempo que a gente tinha no curso. Fazia exatamente trabalhar exatamente trabalhar essa questão da postura, da timidez. Então foi uma coisa que melhorou muito... pra mim. Pra minha vida pessoal e que eu levo até hoje. Na banda também. Acho que mais presença de palco, a postura... essa questão mesmo de saber se colocar diante das coisas do mundo. Acho que ajudou muito.

9. Qual a importância que tu dá as atividades do Projeto Jardim de Gente e o curso de Prática de Conjunto pra tua formação?

Eu acho assim. Que pra além da formação... tem a questão das amizades também que foram importantes... da questão dos contatos e também tem aquela questão de... do lazer também que eu assim... quando eu tinha tempo eu procurava o projeto e aproveitava ao máximo um espaço desse aqui em frente a minha casa eu não posso deixar de participar e também de divulgar. Não é so eu estando ali e usufruindo daquilo. Eu também divulgo muito os trabalhos daqui. Defendo também quando e onde eu posso eu digo: “Ah... tem umas apresentações”. Assisto as apresentações. Divulgo. Então eu to sempre falando porque eu to muito dentro do projeto e tal. Eu acho que um espaço como esse foi feito justamente pra comunidade. Então eu que sou da comunidade. Que moro aqui desde que eu nasci ...eu tenho o direito de participar mas também tenho o dever de ta divulgando, de ta fortalecendo, de ta contribuindo, de ta trazendo ideias. Então eu acho que é mais isso. Eu me sinto satisfeita... tem algumas coisas que precisam melhorar é claro mas é mais questão de estrutura. Questão de orçamento mesmo que as vezes atrasa um pouco de um ano pro outro ai em uma quebra mas é uma coisa que ao longo dos anos acho que so melhorou. Algumas coisas melhorou outras pioraram. Enfim... A gente que ta a muito tempo a gente acaba fazendo uma comparação. E realmente teve um crescimento, mas que perdeu assim... algumas coisas. Acho que se perderam ao longo do caminho, mas que teve muita melhora. Eu acho assim.

O que tu acha que se perdeu?

Não sei. Acho que assim... a programação. O público. Acho que antes tinha mais crianças. Não sei como ta. A programação infantil. Tem a Lagarta Pintada que acontece e tal, mas antes tinha um público maior. Tinha mais espetáculos, mas com relação a administração, verba... essas coisas ai mais de gestão... eu acho que impediram.... não do Centro Cultural mas maior do que o Centro Cultural que tem muita coisa que não depende so deles. E ai eu acho que foi uma perca assim.... pra comunidade.

10. Assim, porque a procura pelo curso de Música? Tinha uma pretensão do profissional que se desconstruiu ou sempre foi isso do *hobby*?

Ah legal essa pergunta ai porque realmente não tinha essa... era mais pra aperfeiçoar porque eu cantava na igreja e era bom aperfeiçoar, aprender técnicas porque eu já fazia aquilo. Então o que eu poderia melhorar né... fazendo. Ai teve a questão das amizades ... depois foi mais por amizade e tal. A questão profissional ta vindo agora que eu to encarando mais a questão profissional agora mas antes não era mais um hobby mesmo. Não era algo profissional não que eu via não. Agora sim. Mudou. Agora to sentindo na pele o que é...

E porque esse pensamento agora, da música como atividade mais profissional?

Mais por uma questão de formação de banda mesmo assim... porque prática de conjunto é isso. Você se juntar com uma galera que toca e toca e tal e formar. Então a partir do curso em si, ele já te da uma bagagem pra você querer ir além. Não ficar só ali. Não só ficar se matriculando e sempre aluno do centro cultural para sempre. (Risos) Acho que tem realmente essa questão de sair. De continuar. De formar banda e tal.

Marlon Andrew

1. Para começar você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?

Meu nome é Marlon. Eu tenho 19 anos. Hoje eu to estudando na UFC e eu já fiz o curso de Prática de Conjunto uns... quatro anos seguidos já, de Prática.

E tu estudou onde?

Eu estudei na escola pública meu ensino fundamental e no ensino médio eu fui bolsista no São Tomaz de Aquino.

É pelo Bom Jardim?

Não. Não. Bairro de Fátima.

E qual atividade profissional que tu exerce?

Tô dando aula no Mais Educação... já. Tanto de banda fanfarra como de flauta.

Quais são as escolas?

Uma é o Herbert de Souza na Urucutuba ali no próprio bairro e o outro é na Oscar Araripe, no Santa Isabel. Ali... tem o Santos Dumont. Bem perto assim...

2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?

É... de Música assim... a gente tem basicamente três lugares no Bom Jardim. Tem outras, mas são menores. Três lugares propriamente dito pra aprender música são: Casa AME, que é ali próximo... lá perto de casa mesmo. O Centro Cultural. O ABC tem algumas... tem aula de flauta, de violão e tem aquela... casa... de percussão que é filial do CCBJ... o curso de percussão do CCBJ ta em outro lugar.

Não é o Betesda não?

Não.

É o do Jair?

Isso. Do Jair!

É o Projeto Paz?

Isso. Projeto Paz. Basicamente são esses quatro que tem por ali. Os que são mais conhecidos. E tem também os professores particulares né mas são bem menos.

3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?

Assim... diretamente não. Por que... na verdade... a única influência musical que eu tinha era o meu bisavô que foi saxofonista que eu nem conheci e tem um tio meu que eu conheci recentemente que ele é baterista também e eu não sabia, conheci faz uns três meses mais ou menos ele.

Então tu já tava aqui né?

É... eu nem... então diretamente não.

Teus pais tocam?

Não. Não. Não tocam nada nem cantam nada. Nem arranham nada.

- o Seus pais trabalham com que atividade? Eles tocam?

Meu pai ele trabalhou... na minha infância ele trabalhou até os 11 anos num comércio. A gente tinha um comércio em casa e ele tomava conta desse comércio e trabalhava fazendo rotas... que é... ele comprava mercadoria e repassava em mercantis pequenos. Quando a gente se mudou pro bom Jardim, a gente morava na Caucaia e veio pro Bom Jardim, ele deixou o mercantil e passou a trabalhar so com rota, comprando e repassando os produtos pros mercantis pequenos. Pronto, basicamente isso. Minha já não. Minha mãe trabalha com artesanato, com festa, com decoração de festa. É envolvida na política, no meio social. No que botar ela pra fazer ela desenrola.

Quer dizer que tu não nasceu no Bom Jardim?

Não. Não.

Mas a tua família é de Fortaleza?

Assim... uma parte da minha família é de Canindé e a outra parte é de Fortaleza.

4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula?

Inicialmente eu comecei estudando flauta só. Pegando a flautinha aí tinha aquelas musiquinhas que vinha naqueles papelzinhos né? Ai eu aia aprendendo e tal. Isso com 11 anos. Ai... passou um tempo, aí eu parei devido não ter aula e tal, aí eu deixei. Com uns 13 anos mais ou menos eu voltei a tocar porque minha mãe tinha comprado um violão pro meu irmão mais velho e eu comecei a aprender também. E por intermédio... aí eu entrei na igreja, que também foi uma força, que aí eu comecei a aprender violão na igreja e comecei a aprender paralelamente bateria também. Ai eu fiz aula de flauta com o Nino na Casa AME e bateria eu fiz dois meses de aula com a Vlândia. A baterista lá que era professora na época, na Casa Ame também. Pronto. De aula instrumental basicamente foi esses dois.

Assim, porque a procura pelo curso de Prática de Conjunto? Surgiu quando?

A Prática de Conjunto surgiu quase junto com o curso de bateria com a Vlândia. Eu tinha terminado o curso de bateria, peguei so o finalzinho, fiz mais ou menos uns dois meses de aula que era mais pra conhecer um pouquinho, pegar umas técnicas com ela porque eu queria tocar na igreja. Ai, quando eu soube do curso, eu fui pra tentar conhecer como era tocar em banda e eu achei interessante a ideia e tal aí me inscrevi. Apesar de não ser um baterista muito técnico na época, que não conhecia vários ritmos e tal, então eu fui pra mim tentar aprender mais. Eu lembro que até o primeiro professor foi o Wilson né? Ai depois veio tu. O Wilson era baterista, so que ele era muito, como eu posso dizer... pra mim foi uma experiência ruim no começo da minha carreira musical porque ele não ensinava. Ele passava do jeito que ele queria. Entende? Tipo... ele chegava e falava assim: “Não, eu quero assim”. Mas ele falava uma coisa que eu não conseguia fazer, entendeu? Ai eu ficava tipo: “Poxa, como eu vou fazer isso se eu...”.

Isso quando?

Uns 14 anos.

Já no curso?

Isso no Centro Cultural. No Prática de Conjunto. Ai passou um tempo, ele saiu e tu entrou. Foi mais ou menos um período de seis meses mais ou menos de diferença. Ai eu já tava fazendo quinze anos e já tava também com um pouquinho mais de prática de bateria. Paralelamente tinha também a banda com a Brena que foi a minha primeira banda e eu tocava só atabaque porque não tinha bateria, mas tocava e tal e

foi também quando eu comecei a aprender percussão. Na verdade minha história musical foi toda misturada né? Veio os instrumentos todos de uma vez. Veio aprimorando tudo de uma vez. Até chegar aqui né? Na faculdade.

Tinha uma pretensão profissional que se desconstruiu ou sempre foi isso do *hobby*?

Assim... é... na verdade assim... uma também foi uma grande... foi uma grande confusão também porque eu tinha afinidade por arquitetura. Gostava e era o que eu queria fazer. Isso era o que a minha família apoiava. Eu treinava voley. Jogava já no Náutico e tal... tava tudo caminhando bem também, e ao mesmo tempo eu aprendia os instrumentos. Então, quando eu cheguei no terceiro ano, eu tive que fazer uma escolha dos três. E ai... foi ai que o bicho pegou fogo porque a Arquitetura eu realmente deixei de gostar, assim... tanto do que eu gostava antes. Ai ficou entre dois: O esporte ou a música. O esporte eu sabia que conseguiria, com mais trabalho, mas daria certo também so que pra questão de faculdade e ai também teve participação essencial do Bruno por que eu tive uma conversa com ele uma vez e tal e ele falou assim: “Macho, se for por dinheiro ou por apoio não vai nessa não porque daqui a um tempo tu vai ver que a escolha não era a certa. Ai eu... pensei, pensei, pensei ai eu: Ah, vou colocar pra música. Passei, consegui passar na UFC e tal. Então era um hobby mais ou menos né, que também visava profissão.

O que os teus pais falaram pela escolha do curso de Música?

Vou falar primeiro o que minha vó falou. Eu cheguei ai ela: “Marlon tu ta fazendo faculdade de que”? Ai eu: “De Música Vó”. Ai ela: “Meu filho, não tinha uma outra areazinha pra você fazer não”? Mas vó é o que eu gosto. E ela: “Ah... não sei.. é porque é tão fraca”. E eu: “Ah Vó. Deixa” (Risos). É basicamente assim sabe e la em casa... isso eu já reclamei... porque é assim, a gente vai ganhando idade e vai ganhando direito de reclamar também né? Ai eu já reclamei com minha mãe. Já tive discussões porque eu to tendo pouco tempo de estudo e o tempo que eu to tendo eu não posso estudar porque ta todo mundo em casa. Principalmente o meu instrumento que é bateria que é quase impossível de eu estudar lá em casa porque não tem um ambiente preparado né? Mas por exemplo, flauta. Até a própria flauta agora ta mais difícil porque eu to chegando a noite em casa e ai pra mim estudar o pai tem chegado, a mãe tem chegado, o meu irmão ta em casa ai quando eu começo a estudar fica todo mundo ... parece que fica agoniado sabe, querendo sair já de casa por causa da zoada. Ai as vezes o meio que eu encontro é ir estudar em frente de casa mesmo. Sentar na calçada la em frente, pegar as partituras, prender num negócio lá par não voar as folhas e estudar. Porque é bem intenso mesmo o negócio.

E tem outra coisa da influência que eu lembrei agora. Tem a questão do Henrique também, que cantou na prática. O Henrique como é meu melhor amigo e tal. Ele, agora a Tanara, minha namorada, eles dão uma força bem pesada pro que eu gosto sabe. Isso também ajudou bastante na relação musical.

5. Como foi o primeiro contato com o Centro Cultural Bom Jardim e com o Projeto Jardim de Gente?

O primeiro contato foi com o curso da Prática de Conjunto. Muito bem recebido. Um tratamento muito bom. Eles recebem bem. A estrutura do Centro cultural é excepcional.

Tu ficou sabendo como?

Ah sim. Eu já conhecia a Eliana na época, porque ela já tinha tocado também. Uma parceria do Bom do Vixe com a banda da gente né e tal. E... ai minha mãe também já era ligada lá dentro no Centro Cultural porque ela também já deu curso lá de biscuit, de chocolate e tal. E ai eu fiquei vendo no site nas coisas né? E ai chegou a notícia do curso tanto pela minha mãe como pela Eliana e aí eu fui e me inscrevi.

Tu ficou durante quanto tempo no curso?

Eu fiz o primeiro ano contigo, ai no segundo eu não fiz (2011), 2012 eu fiz e 2013 eu fiz.

Ai agora tu deu um tempo lá né?

Isso. Eu não queria ter dado um tempo, mas é porque eu to dando aula no Mais Educação e é de 17h as 18h30 ai bate o horário lá.

6. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?

Tem a Sons de Tudo que saiu do próprio Prática de Conjunto. Tem as aulas que eu to dando de flauta e banda fanfarra e também tinham outros convites né, tipo, teve o Leandro que já foi aluno lá da prática. Ele me chamou pra fazer um esquema de rock brasileiro. O próprio Salatiel pra fazer cover da Nação Zumbi e aí eu não pude aceitar por questão do tempo mesmo. E recentemente tive outro convite de outro amigo guitarrista que me chamou pra tocar numa bandinha de Rock que ele ta formando e tal. É... a relação musicalmente basicamente é essa.

E a Sons de Tudo sempre ensaia? Sempre tem show?

Sempre. Todo sábado a gente ta ensaiando no Semi Zeus. De shows é meio complicado porque a gente ainda não ta tão conhecido assim né? Então a gente tem que correr atrás pra conseguir alguma coisa, mas teve o show do Centro Cultural no mês passado. Dezembro a gente tem um show no Dragão e o pessoal do conexão cultural a gente ta conversando pra ver se a gente acerta alguma coisa e a Brena ta falando com o rapaz do BNB também pra ver se agente consegue uma apresentação por lá.

Com cachê?

Com cachê.

7. E ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso?

É... eu dei um tempo agora por causa dos horários mas sempre que eu tenho chance eu dou uma passadinha por lá porque... é bom você se sente... é que nem eu chegar aqui no ICA. Você chega e tal e você se sente bem. Parece que você tá na sua casa sabe?

E tu fez amigos? Mantém contato com a galera que tu conheceu?

Muito. Nossa. Não so como pessoal da Prática de Conjunto. Por exemplo, eu tenho vários amigos da dança. Conheci muita gente do pessoal da computação. O técnicos de som de lá. Os próprios técnicos de som que trabalham no Centro Cultural viraram amigos. Os professores. É uma relação bem amistosa mesmo, bem tranquila.

8. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso? Não apenas musicalmente, mas fique a vontade pra falar sobre outros aspectos que ache relevante. Tinha algum outro atrativo além da prática musical?

Ta... assim... o que mudou. Eu amadureci musicalmente bastante. Não so musicalmente, mas também pessoalmente falando tipo... no modo de conversar com as pessoas, no modo de interagir quando eu to tocando. Eu to tocando aqui e eu sei me comunicar sem ta dando aquelas olhadas assim sabe? E isso a gente vai aprendendo sabe, não so no curso, mas também depois. Por exemplo, a Sons de Tudo saiu do curso certo? E ai a gente vai mantendo algumas práticas que a gente aprendeu no curso... mais amadurecidas sabe? E isso ajuda também na relação banda, banda músico, porque da mais mobilidade a música e ao show também. A gente vai aprendendo como se portar... pra facilitar o andamento do show e tal. Então amadureci tanto de cabeça de... de modo de pensar. No modo de tocar. No modo de estudar... quanto... musicalmente falando.

9. Qual a importância que tu dá as atividades do Projeto Jardim de Gente e o curso de Prática de Conjunto pra tua formação?

Foi fundamental. Fundamental mesmo. Por que se não fosse o curso hoje eu não estaria na faculdade. Basicamente é isso. Por que através do curso de Prática de Conjunto foi que eu realmente percebi que eu poderia ter um futuro como músico ou como professor de música entende? Mesmo que eu não fosse um músico propriamente dito, eu poderia ser um professor de música e eu estaria vivendo tranquilo. Sem pressão de estar ganhando pouco pelo que eu to fazendo entende? Então foi fundamental. Fundamental. Tanto o curso como os professores que passaram. Tanto você, o Bruno. O Jonatas agora no final... e até o próprio Wilson que passou um mês no curso, que foi uma experiência meio ruim, foi bom porque eu amadureci né... com aquilo. E depois eu fui entendendo a maneira dele pensar e tal e

mesmo eu não aceitando eu entendi o que ele queria fazer. Então foi fundamental. Basicamente é isso. E tem outra coisa também. Paralelo com o curso, como eu estudava no São Tomaz de Aquino, lá tinha um estúdio. E isso... pouquíssimas escolas tem. E tinha um estúdio bom mesmo. Um estúdio... porque um dos coordenadores que era coordenador do esporte mas era tipo um coordenador geral de Música lá da escola, ele era baterista da ... o nome dele é Aldo Machado. Ele era baterista da Camisa de Vênus. E isso era bom porque como ele já tinha influência musical, ele dava um espaço bem legal pros músicos dentro da escola. é tato que... tu já ouviu falar do Márcio Diniz? Guitarrista? Ele estudava lá também e tal. Eu tive experiência de conhecer o cara e até tocar com ele no estúdio e tal. Era irado demais porque o cara chegava “mandando ver” e eu: “É doido”! (Risos) E hoje ele é sanfoneiro. Sanfoneiro de primeira. E isso cria uma relação legal e tal. E eu conheci muita gente também da área da música lá dentro. Tem o Renan que toca agora na Caravan que é de Rock. Eles tem as músicas autorais, mas eles tocam de tudo. Eu conheci o pessoal do cover do Iron Maiden que ganhou no ano passado o Coverama e tal. Ai conheci... e isso ai vai né? Tive a experiência de conhecer muita gente na área da Música até por meio do Aldo mesmo né? Que... é baterista conhecido e tal... ia tocar e chamava a gente ai apresentava um “bocado” de gente e tal. Apresentou o Fernando Pessoa que é do BNB. Chegou e apresentou o Fernando Pessoa e tal e aí eu conheci por meio do Andrezinho também o Miquéias dos Santos e aí... ai vai. O bom é isso. A gente vai vivendo e vai conhecendo mais gente.

Salatiel Wagner Carneiro

1. Para começar você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?

Meu nome é Salatiel. Tenho 21 anos. Estudei no Júlia Alves Pessoa (Siqueira). Hoje eu estudo no IFCE, no curso técnico de instrumento musical e minha atividade profissional ela é como monitor de música no Programa Mais Cultura e também no Programa Mais Educação.

Tu estudou no Júlia Alves o ensino médio completo?

Não. A partir do segundo ano. O primeiro ano eu fiz no Dr. César Cals.

2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?

Bom morar no Bom Jardim é tranquilo. Eu passei minha infância toda lá... a partir dos três anos e é um bairro que eu me identifico muito, muito mesmo, por tudo que eu já passei lá. Pelos amigos... enfim. E o espaços de música lá são poucos. A gente tem o Centro cultural Bom Jardim que é recente, mas tinha também o ABC que já rolava a muito tempo. E tinha outros assim... eu digo que são poucas porque até tem

alguns... mas são pouco divulgados. Muito assim... você tem que ir atrás mesmo para poder entender e saber que tem e saber onde é que fica. Tem o CAIC também lá que rola ensino de música ... de Cello... enfim... violino... instrumentos de corda. São esses os espaços que eu conheço, mas tem também a Casa AME que rola lá umas aulas de vários instrumentos. Tem alguns projetos isolados que nascem a partir do... que são as extensões dos pontos de cultura de lá tipo os brincantes de São Francisco. Tem um senhor lá que é muito conhecido também que trabalha com percussão e tem aquela galera que faz tipo por hobby mesmo tipo... nas casas que agente passa e vê... a galera com som... as vezes bota o som do lado de fora e toca...e as vezes toca na calçada, essas coisas que agente vê muito lá.

Tua família não é daqui?

Não é daqui... ela é do interior. Do interior de Acaraú e a gente se mudou pra cá muito novo e a gente já foi pra lá pro Bom Jardim. Com três anos eu vim morar em Fortaleza.

3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?

O meu padrasto ele era músico antigamente. Ele era músico... cantava na verdade só... e tocava violão.

Ai tu pegou um pouco disso?

Acho que sim. Acho que eu peguei um pouco disso. Ai também tinham os meus irmãos... é... irmãos que eram filhos do meu padrasto que gostavam de música, que ouviam muito música e eu acabei me influenciando por isso também.

Tu me disse uma vez que ele ouvia muita coisa de música regional e tu pegou um pouco disso também. Não sei se era música regional...

Ele ouvia muito Roberto Carlos... muito, muito... e com meus irmãos eu peguei muito a questão pop dos anos 80. Legião Urbana e essas coisas assim que são influencias ainda. O regional... nem sei quando descobri o regional... acho que descobri o regional quando participei do CCBJ que aí com o curso de percussão...

- o Seus pais trabalham com que atividade? Eles tocam?

Meu pai hoje não trabalha mais e minha mãe ela trabalha em casa. Autônoma. Ela é costureira.

4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula?

Minha iniciação musical assim... foi por impulso meu mesmo, por vontade minha mesmo. Eu comecei com violão. Em casa. Tipo... o violão do namorado da minha irmã. Ele deixava lá em casa e eu estudava o que eu podia. Com revistinhas de cifras

e por contato com outros colegas que gostava de música também, mas também não sabiam tocar aí a gente fazia isso... aprendeu junto. Daí eu passei pro CCBJ.

Tu lembra qual a idade que tu começou?

Uns treze anos.

Ai comecei a tentar tocar em conjunto com alguns amigos meus e aí... apareceram os cursos do CCBJ que foi uma formação mais assim... mais didática que eu tive. Acho que foi no CCBJ mesmo.

5. Assim, porque a procura pelo curso de Música? Tinha uma pretensão do profissional que se desconstruiu ou sempre foi isso do *hobby*?

Desde o começo sempre foi assim... o gosto de tocar com... de tocar mesmo... de tocar... e... pensar em talvez... tipo montar uma banda e sair por aí tocando profissionalmente. Daí a necessidade de procurar o curso.

6. Como foi o primeiro contato com o Centro Cultural Bom Jardim e com o Projeto Jardim de Gente?

Assim... foi em... acho que a partir de 2009. De 2008 pra 2009 que eu entrei no curso de percussão. Foi algo muito novo pra mim. Eu tinha interesse em estar no meio musical então eu fui... e aí foi muito interessante porque eu aprendi algo novo. Conheci pessoas. Conheci outras visões. Outros caminhos pra dentro da música. E também, questão do gosto musical foi se abrindo mais e foi muito bom. A partir de lá... lá dentro mesmo a gente ajudou a fundar o curso de prática de conjunto que foi um curso que a gente continuou por quase três anos... que eu continuei por quase três anos esse curso.

Mas como foi que tu descobriu essa prática lá no Centro Cultural?

Eu não lembro muito bem.

O curso de prática de Conjunto então foi a tua iniciação nessa parte de... digamos que formal do ensino de Música?

Foi. Foi o curso de percussão que virou o curso de Prática de Conjunto.

Em 2009 era o curso de percussão ainda?

Isso. Era. Com o Bruno como monitor e com o Ângelo Márcio da Dona Zefinha.

7. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?

Eu to dando aula em dois colégios do município e também eu tenho alguns projetos musicais que é a So So que rola já faz uns quatro anos. Tem uma galera que eu tocava com eles que a gente se conheceu na prática de conjunto. Na percussão quer dizer... e... agente tocou na prática por muito tempo e voltou a tocar agora. A gente ta tentando voltar a tocar agora. Além disso, tem meus projetos pessoais. Projetos solos de música que são algumas composições mais intimistas assim... que eu to tentando produzir agora.

E isso do baixo surgiu quando?

Dentro do curso de Prática de Conjunto. No berço do curso de Prática de Conjunto, que era um instrumento que eu nunca tinha tido contato ainda, mas eu imaginava como fosse tocar e tentei e ai fui procurando aprender um pouco mais.

A banda SoSo surgiu quando?

Em Março de 2010.

Tinha alguma ligação com a Prática?

A gente iniciou a banda e eu já fazia parte da Prática de Conjunto ai tentei levar os meninos pra Prática de Conjunto, mas a gente não conseguiu ficar lá muito tempo.

8. E ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso?

Não. Não faço mais nenhum curso lá, mas eu frequento. Quando rola alguns shows eu frequento lá.

Tu fez amigos durante o curso? Mantém contato com eles?

Sim. Sim. Inclusive a banda que a gente ta tentando voltar agora é justamente fruto da Prática de Conjunto. São os meninos: Andrezinho, Eliana, Leandro, Eduardo... é... eles são amigos que a gente tem essa afinidade musical e a gente ta tentando continuar né?E também tem outras pessoas que eu também fiz outros cursos lá. Na área de fotografia, por exemplo, e são pessoas que a gente mantém contato e tenta fazer trabalhos juntos ainda.

9. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso? Não apenas musicalmente, mas fique a vontade pra falar sobre outros aspectos que ache relevante. Tinha algum outro atrativo além da prática musical?

Além da prática musical? Não... assim... inicialmente era só a prática musical mas assim... a vivência com as pessoas e a questão dos horizontes assim... em relação a música. Em relação ao que ouvir. As referências musicais. Isso aflorou muito. Isso aflorou bastante. Principalmente a questão do regionalismo que hoje eu sinto como uma característica minha musical. E também a companhia e tal... as pessoas que eu conheci com certeza são muito importantes hoje pra mim.

10. Qual a importância que tu dá as atividades do Projeto Jardim de Gente e o curso de Prática de Conjunto pra tua formação?

Os cursos oferecidos pelo Jardim de Gente, principalmente no meu caso, a questão da Música, são extremamente importantes. Principalmente pra mudar a realidade de muitos jovens lá, porque é um bairro que ele tem índices muito negativos com relação a educação, violência e enfim... vários outros aspectos. E a questão da cultura dentro de uma comunidade assim, com esses dados, com essas características, ajuda pra caramba a mudar sabe?! Ajuda pra caramba as crianças e os jovens terem outros caminhos pra seguir, outras ocupações. Porque o tempo que eles não têm no colégio ou num curso desse, por exemplo, eles estão sujeitos a diversas outras coisas né? Como a questão da violência, da marginalização, que eles sofrem muito. Isso ajuda a mudar o ponto de vista deles. A perspectiva de futuro. Então eles mudam tanto o comportamento deles, como justamente esses novos caminhos pra seguir. Ajuda a formar pessoas. O curso de Música ajuda muito nisso. A questão da disciplina, a questão de horário, que são coisas básicas, mas que vão sendo levadas para o resto da vida. A responsabilidade de ter algo pra produzir, chegar em casa: “Ah eu vou ouvir essa Música, eu vou pensar nisso pra levar como ideia, então já vai gerando uma responsabilidade, já vai gerando uma outra forma de vida. A questão do bem estar, a convivência coma família. Acho que isso muda muito também. Isso muda muito... porque a maioria dos jovens nessa região lá, no caso do Bom Jardim, tem um incentivo muito grande pras práticas ilícitas e dentro do curso de Música isso já é mais banido. As ideias são diferentes. Geralmente as pessoas que procuram a música já tem um pensamento diferente e quando você não tem muito essa noção, esse pensamento parecido com eles, quando você entra nesse meio você pega um pouco de cada um e aí você muda completamente. Eu acredito muito nisso... que... quanto mais cursos como esse houverem, melhor. Quanto mais divulgados também, porque eu acho que é uma carência que existe. Eles precisam ser mais divulgados. Precisam ter um investimento maior. Precisa ter uma participação maior também da comunidade. Justamente pela falta de divulgação isso não ocorre, eu acredito.... E também pela oportunidade porque estudar é algo que não é... nem todo mundo tem condições de estudar música. Nem tempo, porque muitas crianças as vezes precisam trabalhar muito jovens, sei lá... a partir de 15 anos ou até mais cedo já começa a trabalhar pra ter que ter um sustento pra casa ou pra si mesmo... enfim e aí acaba que quanto mais oportunidades pros jovens de questão de estudo, pros pais dos jovens porque tem também a questão da estrutura familiar, pra que eles possam ter acesso a esse tipo de cultura, a esses equipamentos. Então... é completamente importante. Então tem que ser feito um investimento tanto nos cursos, como no que antecede a participação do aluno, nesse curso.

Então, desde que tu entrou na prática tu já pensava nisso de seguir profissionalmente?

Sim. Sim.

E como foi a chegada no IFCE e o que tu pretende depois? E como ta sendo essa vivência musical e viver de música?

Um ponto muito importante que eu tava inclusive conversando com meu professor de Violão... é... a questão de você viver daquilo que você gosta né? Daquilo que é seu sonho desde novo. Por exemplo, eu entrei na prática já pensando em viver profissionalmente disso. E isso com certeza foi um alicerce muito bom pra eu estar hoje no curso Técnico de Instrumento Musical no IFCE, e isso me preparou bastante. Ou seja, eu já cheguei aqui com alguma bagagem, com algum conhecimento e to so somando agora. Com relação a viver disso, é um escape pra mim assim... porque muitos estudantes de música tem que sair dali... daquele... as vezes tem uma evasão muito grande nos cursos de música por isso, porque eles precisam trabalhar, porque o curso de Música... o músico ele não é muito valorizado... falta muito disso sabe? A profissão de músico é visto como algo que ... enfim, existe muito preconceito em torno disso ainda. Aqui e em outras cidades. Existe muito disso. De você ser músico e ainda ter que trabalhar em algum emprego formal. Comigo também foi dessa maneira certo? Eu fui exposto a diversos fatores que me atrapalham hoje na Música por conta de que eu precisava trabalhar de que... enfim. Por exemplo, eu tenho uma lesão no meu braço que foi algo que foi causado por um emprego formal e tal... tem fatores psicológicos também que influenciam. A questão de stresse, dependendo do trabalho eu você tá. Daquela frustração de você querer trabalhar em uma área e não conseguir... então... falta mais oportunidade pros músicos. Falta mais investimento nessa parte eu acho. De dar oportunidades. Por exemplo, estágios na área de Música, faltam muito. Então essas oportunidades iriam ajudar muito. Então hoje, eu decidi, eu tomei a decisão de: “Não, eu vou através de viver de música mesmo”. Então eu to no lugar que eu quero. Tipo, eu to dando aula. Eu to tocando e isso psicologicamente me deixa bem tranquilo. Apesar de o ganho salarial não ser o melhor, mas é algo que eu fui bem radical e tomei a decisão porque continuar em algo que não te faz bem mentalmente é horrível né? Não tem condições. E questão de tempo, por exemplo, em um trabalho você entra hoje... trabalha oito horas e ai não tem tempo pra estudar e atrapalha você na aula... enfim, atrapalha em tudo. A sua convivência porque geralmente são empregos que você o tem uma folga na semana e a realidade de muitos que estudam música é essa... de ter que sair, pra poder trabalhar e não conseguem encontrar nada dentro da área. Hoje já melhorou bastante, por exemplo, eu escuto meus professores falarem que hoje já é completamente diferente, mas mesmo assim ainda existe uma grande dificuldade. Então é isso, eu tomei uma decisão de viver de Música, de dar aula, de procurar, ou alunos ... de dar aula particular ou dar aula nesses projetos que ainda existem por ai... e to conseguindo, eu to vivendo bem. Bem comigo mesmo. To numa fase de aprendizado e de realização também.

Tu poderia delegar essa decisão a alguém?

Eu acho que o maior incentivo ... o maior motivo pra mim assim acho que foi a questão do bem estar pessoal, da perspectiva de futuro também. De você no futuro

construir uma família e ter um conforto... tudo isso e também, incentivo eu so tive de outras pessoas que também estudam música. Dentro de casa eu tive pouco incentivo. Pouco. Tive mas foi pouco. E também incentivo da minha companheira eu tive muito agora. Ela entende as dificuldades da área, mas não deixou de me apoiar em nenhum momento. Também os meus amigos, você é um e outras pessoas também que eu conheço que tocam também que incentivaram na mesma hora.

Samila Naira

1. Para começar você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?

É meu nome é Samila. Eu tenho 18 anos. Eu tô estudando na FIC da Parangaba. Eu faço administração, estou no primeiro semestre. Eu trabalho como jovem aprendiz. Auxiliar de RH.

Onde?

Na Cearense Transporte.

É aqui próximo?

É ali no Jardim Jatobá.

Tu estudou onde?

Eu estudei meu ensino médio todo no Ícaro.

2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?

No bom jardim... eu gosto muito de morar, moro aqui desde que eu nasci e... é muito bom, o pessoal diz que é perigoso mas não é não. Só pra quem não é daqui que é perigoso. As oportunidades de música não são muitas não. Não que eu conheça. Tem o Centro Cultural. Tem o ABC e fora esses eu não conheço outros. Acho que é porque eu não ando muito por aqui, mas eu conheço não. Tem o projeto José Henrique ali, mas eu não sei se tem música lá, não sei direito.

É próximo daqui?

Lá pras banda do fim da linha, depois do canal que tem lá... é próximo. Mas eu nunca fui só escuto falar de lá.

3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?

A minha mãe... a minha mãe ela sempre dizia: “Tu devia ir tocar violão lá no ABC tem o curso”. Ai quando eu fiz... Mas foi só uma vez que ela disse isso ai eu botei na minha cabeça né? Eu vou... eu vou só que eu ainda não podia. Foi antes dos meus... só podia entrar lá com 12 anos. Só podia fazer o curso de violão com 12 anos... aí... eu ainda não tinha 12 anos... aí eu fui pro balé aí eu fiquei esperando completar 12 anos quando eu fiz 12 anos aí eu fui pro violão sai do balé e fui pro violão.

Tu fez balé lá também? No ABC?

No ABC não, no Centro Cultural. Eu comecei violão no ABC.

Por isso que tua mãe falou?

Isso.

Mas ela ouvia música assim ou foi só essa fala dela?

So isso. Eu botei na cabeça e foi simhora.

- o Seus pais trabalham com que atividade? Eles tocam?

Minha mãe é costureira e o meu pai é motorista.

4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula?

Bom, as minhas primeiras aulas de música, de violão, foi no abc. Foi com professor Gil. So sei que o nome dele Gil, não sei o resto. Eu passei mais de um ano no violão.

Com 12 anos?

Foi com 12 anos e fiquei até com 13, pouco mais de 13. Aí... foi muito legal aprendi muito. Aprendi as coisas mais básicas. O básico, do básico, do básico. A base de tudo eu aprendi lá, aprendi com o Gil, aí depois eu parei.

E por que a procura por um curso de Música? Tinha alguma intenção profissional ou apenas *hobby*?

Não. É porque eu gostava muito. Porque sempre eu cantei. Cantava desde pequenininha na igreja. Aí quando a mãe disse que eu devia ir tocar violão ai eu botei na minha cabeça eu vou tocar também porque eu gosto de cantar e tocar e cantar é uma coisa assim que é muito ligado uma na outra, então eu vou tocar também. Ai foi isso que me motivou porque eu ja cantava né antes ai foi o que me motivou a aprender música.

5. Como foi o primeiro contato com o Centro Cultural Bom Jardim e com o Projeto Jardim de Gente?

Meu primeiro contato com o centro cultural foi exatamente com o balé que foi quando eu tinha 12 anos... não eu tinha 11 ... eu tinha 11 entrei no balé aí foi o primeiro contato que eu tive. Foi muito legal. Eu gostava muito de dançar balé. Eu dancei até no Dragão do Mar.

Pelo Centro Cultural?

Sim pelo Centro Cultural.

Quer dizer então que o balé veio antes da música?

Foi.

Então tu conheceu o Centro Cultural antes da música.

Antes de começar o violão.

Não tinha violão na época lá?

Não sei. Eu sei que eu entrei no balé.

Como tu conheceu o curso de Prática de Conjunto? Tu ficou quanto tempo lá?

Eu conheci por causa de tu. Eu não fazia violão contigo em 2012?!?! Em agosto, setembro de 2012, eu fui pro violão lá no Centro Cultural porque eu queria voltar. Eu saí do violão no ABC porque com 13 anos eu entrei no ensino médio e foi quando entrei lá no Ícaro, aí o violão do ABC era de tarde, aí eu saí do violão. Aí no segundo ano foi que veio na minha cabeça de novo a vontade de voltar a tocar e eu procurei no Centro Cultural aí tinha de noite. Aí eu entrei no violão do Centro Cultural, passei um tempo lá e quem me apresentou o curso de Prática de Conjunto foi o Gabriel Nunes.

Mas tem certeza que foi em 2012?

Foi sim.

Tu passou só um semestre no curso de Prática de Conjunto?

Eu sei que eu entrei no violão... eu entrei no violão no final do meu segundo ano.

E no final do segundo ano foi em 2012?

Foi não, foi em 2011.

Porque tu passou o outro ano todo (2012) no curso de Prática de Conjunto.

Isso. Exatamente.

Aí tu ficou até 2012. E por que em 2013 tu não participou mais?

É porque a Prática de Conjunto foi pra semana. Porque foi naquele tempo... O pessoal tinha continuado aquela pratica lá aí o Jardim de Gente foi o tempo que parou e não voltou mais aí quando voltou a prática tava na semana. Aí não dava pra mim na semana aí eu não fui mais também.

6. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?

Eu não tô dando aula eu tô no Ministério de Louvor da igreja que tem uma prática. Tem sido muito assim conforme o figurino. A gente ensaia, escolhe música toca na igreja. Toda semana tem ensaio e quase toda semana tem... a gente toca também.

Sempre na igreja ou tem outros locais?

Sempre na igreja. As vezes a gente é convidado pra outras igrejas mas é sempre na igreja

Mas é banda ? Qual é a formação?

É uma formação. Tem guitarra, violão, baixo, bateria e... três vocais femininos, contando comigo, e um vocal masculino.

E tu ta so no vocal?

Isso. So no vocal. Vez em quando, muito raramente eu vou pro baixo.

Antes tu tinha essa prática também?

Não. Não tinha. Eu comecei essa prática faz um ano. Fez um ano em Agosto, agora dia 17 fez um ano.

7. E ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso?

Eu tava frequentado ate certo tempo agora... até mês passado. Eu tava fazendo dança de salão. Ai... eu tava fazendo a tarde. Era de 16h as 18h porque eu so tava trabalhando pela manha até meio dia. Todo dia até meio dia. Ai tavam fazendo... começaram um projeto e me colocaram no projeto um levantamento patrimonial da empresa, mo coisa. Ai eu comecei a ter que ficar ate tarde na empresa. Sai de lá 17h, 16h30, 17h e quando eu chegava aqui já era hora de me arrumar pra ir pra faculdade e não dava mais a não deu mais pra ir. Mas eu tava tendo contato com o

Centro Cultural até pouco tempo, foi so isso mesmo que “embarreirou” ai ... ai agora decidiram aumentar meu horário que eu pedia, pedia e nunca aumentavam ai agora aumentaram.

E em 2013 tu fazia alguma atividade lá?

2013, não. 2013 eu parei. Porque 2013 ficou parado até junho, julho ai não deu mais. Ai do meio pro fim do ano eu tava muito ocupada.

Fez amigos durante o curso de prática? Tu mantém contato com eles?

Fiz amigos durante o curso. Mantenho contato com a Eliana. Ela até tava no curso de dança também. Fiz amizade com o professor. Com o pessoal lá. Pessoal é muito legal, eu falo com eles pelo Facebook. A gente não se encontra mais, mas a gente conversa pelo Facebook.

8. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso? Não apenas musicalmente, mas fique a vontade pra falar sobre outros aspectos que ache relevante. Tinha algum outro atrativo além da prática musical?

Deixa eu pensar. Contando a prática musical que foi muito importante porque eu aprendi muita coisa. A parte do trabalho em conjunto, saber escutar opiniões e críticas, essas coisas, foi muito trabalhado também durante o curso. Acho que foi isso.

9. Qual a importância que tu dá as atividades do Projeto Jardim de Gente e o curso de Prática de Conjunto pra tua formação?

É muito importante porque la no Centro Cultural, tanto as pessoas, quem administra e os professores e até mesmo os alunos também, a gente aprende muito pela experiência de vida de cada um também. Pelo Bom Jardim ser um bairro de periferia e tudo, a gente escuta muita coisa e a gente aprende muito. Ajuda na nossa... no nosso desenvolvimento como pessoa, como cidadão. Também a arte e todas essas coisas que são oferecidas pelo Projeto, elas formam a gente tanto aspectos profissionais... tem muita gente que aprendeu coisas no Jardim de Gente, fez cursos no Jardim de Gente e trabalha com isso atualmente e... também tem pessoas que usam, mesmo que não trabalham na área, mas que usam, assim como eu, usam o que aprenderam no Jardim de Gente pro seu trabalho, de vez em quando precisa de alguma coisa. É muito importante porque soma. Soma... tudo que você faz... tudo que eu fiz lá no Centro Cultural pelo Jardim de Gente, somou e a prática de conjunto é... muito mais porque é hoje o que eu vivo lá na igreja. Que... não é a mesma coisa mas é a mesma ideia e são coisas que me ensinaram e somaram pra tudo que eu sei hoje e me ajudaram também a aprender a aprender essas coisas da Música.

Silvio Henrique

1. Para começar você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?

Cara... meu nome é Silvio. Tenho 21 anos. Participei da Prática de Conjunto eu tinha uns 18 anos. 19 anos. Não lembro direito, mas mais ou menos isso. E minha atividade profissional no momento é so música mesmo. Tô participando da Orquestra Escola aqui do CAIC. Sou violista. Fora isso eu tenho uma banda que sou guitarrista. Uma banda gospel. So isso mesmo por enquanto.

Tu estudou onde?

Eu estudei no Patativa.

É perto da tua casa?

Não.... depende. Porque como eu me mudo muito...era ali na Geraldo Barbosa. Ai se mudou pra...

Mas é particular la?

Não. Do estado. Agora vai virar uma escola de ensino profissionalizante. Próximo ano porque tão construindo uma escola nova e tal.

Mas não era profissionalizante no teu tempo?

Não. Nem existia essas EP.

2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?

Sempre morei no Bom Jardim e assim... tem espaços com ensino de Música sim. Assim... morar no Bom Jardim não é diferente do que morar em outros bairros so que... como o pessoal de fora diz: “Ah o bairro do Vixe”. So quem mora e convive aqui dentro vê que não é tanto assim. Tem seus cantos perigosos, seus lugares perigosos como todo bairro tem, mas não é tão estereotipado desse jeito. So quem ta dentro é quem vê mesmo... so quem ta dentro é que conhece mas cantos de aprendizagem de música tem poucos. Esse é um dos ... tem poucos como o CAIC, como o ABC, o CCBJ ... algumas escolas tem curso de música assim... de violão, de teclado, mas não muito profundo. Também geralmente não tem aquele apoio a Música como a gente vê em alguns outros cantos. Isso é um pouco de falha na organização do Estado em relação ao estudo que a música também faz parte do estudo... tem que fazer parte do estudo convencional porque... estudos mostram que quem estuda música tem uma noção de perspectiva de aprendizado melhor. Tem um desenvolvimento mental maior. Tem todo u desenvolvimento maior pra quem estuda música do que quem não estuda.

Tu teve aula de música no ensino médio? Lá na escola?

Não.

Mas tinha aula de arte?

Tinha aula de arte, mas foi só no primeiro ano. Segundo e terceiro foi filosofia e sociologia.

3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?

A minha vivência musical na família não teve. O legal é esse. Minha mãe ela canta, mas não canta profissionalmente. Canta bem, mas como ela diz, ela não gosta de cantar. Mas o meu intuito de estudar música foi mais por causa da igreja eles me impulsionaram a isso, me instigaram a isso. Ah... nós somos evangélicos e tal aí ela: "Estude um instrumento que é pra você tocar na igreja". Aí nisso vem se desenvolvendo desde os meus ... 12 anos. 11, 12 anos que foi quando meu irmão começou a tocar. Eu fui com ele aí começou a desenvolver a música.

Ele começou antes?

Ele começou antes. Umas duas semanas antes.

Ele que te incentivou também né?

Isso.

- Seus pais trabalham com que atividade? Eles tocam?

Minha mãe era professora em um colégio. Até ensino médio de Português/ Inglês. Meu pai é policial militar.

4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula? Assim, porque a procura pelo curso de Música? Tinha uma pretensão do profissional que se desconstruiu ou sempre foi isso do hobby?

Primeira mente eu queria mais por Hobby. Quando eu tinha lá pros meus 12, 13 anos eu queria mais por hobby, era mais por hobby então não tinha muito aquele pensamento profissional. Aí nos meus 12, 13 anos, mais como iniciação... foi no colégio Maria Petrola de Melo Jorge . Professor Cledeilton. Acho que o nome dele é esse. Ele morava ali na Jurema e foi ele quem me iniciou na música. Começou a me ensinar os primeiros acordes e tal. Aí depois foi o Tony que hoje ele tem uma banda que se eu não me engano acho que é de forró. Sei nem se ele se lembra que ele me deu aula mas é gente boa. Depois disso foi o irmão Jonas da igreja Assembléia de Deus Templo Central. Ele me ensinou algumas outras coisas de teoria musical mas daí em diante até os meus 18 anos foi mais por conta própria.

Sempre foi o violão?

Sempre foi o violão.

E a guitarra chegou quando?

A guitarra chegou quando eu comecei a tocar na igreja. Porque geralmente algumas igrejas não tem muitos violões... é mais aquele estilo guitarra, baixo e bateria. Ai a guitarra veio nisso. Porque na igreja não tinha violão, mas tinha a guitarra ai vai pra guitarra pra ocupar aquele espaço. Era uma necessidade da igreja.

E a procura pelo curso foi por que?

Interesse. Quando eu terminei meu ensino médio eu tinha aquele pensamento de entrar pra faculdade, mas o meu pensamento era na faculdade de informática. Era o meu interesse muito grande por informática, mas ai quando eu comecei a participar de cursos de música que eu vi que música não era só aquele hobby. Que música pode ser algo bem mais sério... que as pessoas estereotipam tanto, que música não é algo pra se viver mas música é vida e dá um rendimento tanto financeiro como emocional muito grande.

5. Como foi o primeiro contato com o Centro Cultural Bom Jardim e com o Projeto Jardim de Gente?

Meu primeiro contato com o CCBJ foi no curso jogos digitais 3D com o professor Filipe (Cequela). Ai eu fazia esse curso e fazia mais outro, mas eu tive que deixar porque minha mãe tava doente e eu tive que cuidar dela porque todos os meus irmãos trabalhavam. Ai eu deixei. Quando foi no ano seguinte que ela tava se recuperando de uma cirurgia eu comecei a voltar. Comecei a participar desses grupos de Música do CCBJ ai me interessei, comecei a frequentar, me inscrevi no curso, comecei a frequentar e vi que era algo bem mais sério do que eu imaginava. Do que aquele pensamento anterior que música não é so aquele hobby. Ai foi através do curso de prática de conjunto que abriu meus olhos pra ver que música é uma coisa muito séria que tem que ser levada a sério.

Tu lembra quando?

Foi em 2011 ai parei. Ai voltei em 2012 que foi a primeira turma de prática de conjunto que eu fiz. Ai depois foi 2013 e 2014 eu não participei. 2012 e 2013 foram as duas turmas de prática de conjunto que eu participei.

6. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?

Profissionalmente como músico não. Eu não to dando aula...e... a única exceção... o único exercício profissional que eu to fazendo ...eu sou guitarrista de uma banda gospel, pop rock gospel e sou segundo violista da primeira estante da Orquestra Escola daqui do CAIC.

Sempre tem show da Banda?

Sempre. Todas segundas tem ensaio mas... fora os ensaios a gente se apresenta em algumas igrejas e tal.

E toca guitarra?

Isso. Toco guitarra.

7. E ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso?

Curso não, mas de vez em quando eu ainda frequento. Porque como eu to me focando mais na faculdade de Música, pra entrar na faculdade de Música, ai o Centro Cultural ficou meio que inviável pra mim porque os cursos de música que tem lá chocam com meus horários daqui da orquestra escola e a noite que é o horário do curso de prática de conjunto que ta tendo nesse ano, choca com o horário do meu cursinho a noite. Esse foi um dos motivos que me fizeram não ir esse ano. Se não fosse por isso eu tinha ido.

E tu fez amigos no curso? Mantém contato com o pessoal?

Fiz Fiz. Sempre tenho contato com os amigos que tive por lá porque a música tem aquela... aquele Q de sempre unir como também tem de separar as pessoas por causa de seus pensamentos. Então lá no CCBJ, prática, eu fiz muitos amigo que eu vou levar pra vida toda e sempre tento manter o contato porque são amigos de acorde como eu gosto de chamar e a gente sempre tenta marcar um horário e dar uma tocada, tirar um som que é pra matar aquela saudade.

8. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso? Não apenas musicalmente, mas fique a vontade pra falar sobre outros aspectos que ache relevante. Tinha algum outro atrativo além da prática musical?

Tem! Tem! Tem! Como não tinha muita teoria era mais aquela...como o nome já diz prática já, influencia muito a pessoa a ir que é aquela pessoa que quer tocar. E mesmo sem ter tanta teoria, os professores tentavam passar aquele Q de que a teoria musical também se inclui na prática. E que muita coisa da teoria que a gente faz, tem muita teoria so que a gente deixa passar despercebido porque ta ali mais interessado em tocar. Mas tem muita coisa que influencia tanto no psicológico quanto no emocional da pessoa que tanto ta tocando quanto ta escutando. Então isso influencia tanto a pessoa que ta tocando quanto a pessoa que ta escutando porque é uma via de mão dupla de informações. A pessoa que ta tocando ela passa uma emoção. Tem uma experiência diferente daquela música pra quem ta escutando. Mas quem ta escutando também tem uma visão totalmente diferente pra quem ta tocando. Então muda... é meio que uma redundância mas é verdade. Porque cria uma ligação

entre as duas pessoas e muda... a pessoa pode ta triste, a pessoa pode ta alegre. A pessoa acaba transparecendo aquilo através da música. A música tem esse poder de transparecer aquilo que a pessoa ta sentindo por transferência sonora. Ondas sonoras.

9. Qual a importância que tu dá as atividades do Projeto Jardim de Gente e o curso de Prática de Conjunto pra tua formação?

Cara... a importância do curso pra comunidade é muito grande. Porque dentro do Bom Jardim, do Grande Bom Jardim, tem pessoas que tocam divinamente bem que... tem uma desenvoltura musical muito grande mas... assim... não tem aquele incentivo musical pra crescer mais e mais. E o projeto é mais voltado pra isso. Pra desenvolver isso e apoiar aquelas pessoas que não tem tanto apoio. Que não tem aquela oportunidade de entrar em uma faculdade de música, que não tem aquela disponibilidade de fazer um curso profissionalizante mais... que seja pago então, tudo isso influencia o curso de Prática de Conjunto e leva a pessoa a ter uma visão diferente da música. E pra mim, foi a partir da prática de conjunto que eu comecei a ver a música como algo pra minha vida que eu quero ter pra toda a minha vida. Que eu quero trabalhar com isso, que eu quero viver disso. Então foi a partir do curso de prática de conjunto que eu comecei a ter esse pensamento. Então mudou muito a minha cabeça nesse ponto de vista. Então fica algo muito ligado a mim porque a música pra mim tanto tem seu lado sentimental, como tem seu lado prático. Tem seu lado sonoro. Aquilo que eu toco, significa que eu to tocando aquilo que ta dentro de mim. Ta transparecendo aquilo que ta dentro de mim. Então é algo muito... singelo. É aquilo que eu tenho pra transparecer pras pessoas que tão me escutando. Então musica pra mim é isso e a importância do curso é influenciar as pessoas a transparecerem o que a música quer... o que elas tem pra oferecer da música. O que a música pode passar através delas.

Victor Sousa

1. Para começar você poderia se apresentar falando seu nome, sua idade, onde (qual ano escolar?) estuda e qual atividade profissional exerce?

Meu nome é Victor. Eu tenho 18 anos. Estudo na FAMETRO. Faço curso técnico em logística através do PRONATEC. Atualmente eu trabalho em eventos fazendo freelance, tanto pra música como também pra serviços como garçom, cerimonialista... cerimônia essas coisas e... é isso.

Tu estudou onde?

Eu estudei aqui no Liceu do Bom Jardim. O Ícaro de Sousa Moreira.

Ai é so ensino médio?

Ensino médio integrado a educação Profissional.

Ai tu fez o Técnico em Produção de Eventos.

Isso.

2. Você pode falar um pouco sobre como é morar no Bom Jardim e quais os espaços com ensino de Música você conhece na região?

Cara... morar no bom Jardim... é legal mas é difícil de você... quando você sai do Bom Jardim que você vai pra outro bairro, não é vergonha de falar que mora no bom Jardim, mas você fala que mora no Bom Jardim e as pessoas já te olham de outra maneira... já sai primeiro aquele Vixee... ai é... é meio constrangedor, mas é legal morar eu tenho orgulho... eu falo que moro aqui no Bom Jardim, que eu fui criado aqui no Bom Jardim. Com relação as oportunidades de Música temos aqui no Centro Cultural que oferece Prática, oferece Violão, oferece agora o curso de Teclado Iniciante que eu vou começar também. Tem o ABC que também oferece cursos de Música e... cara aqui eu acho que so não aprende música quem não quer, quem não gosta, quem não tem interesse porque oportunidade tem.

3. Você teve alguma vivência musical na família? Alguma influência por parte de sua família para aprender música?

Minha família em vez de me influenciar, me... como eu posso dizer... me desmotivava. “Música não da em nada. Tu vai fazer música o que, tu vai viver tocando em bar e tocando em “beira” de esquina. Sai disso, vai estudar. Vai arrumar um futuro pra ti”. Mas ai eu.... faço Música, estudo música por fora, por hobby, por gosto, por amor mesmo, entendeu? Não... primeiro pra... como profissão: “Ah, eu quero ser músico. Quero ganhar dinheiro. Quero ficar famoso”. Não. É um hobby. É uma coisa que eu gosto de fazer. Que me desestressa, que me faz esquecer dos problemas. É isso!

- o Seus pais trabalham com que atividade? Eles tocam?

Cara... o meu pai eu não conheço ele muito bem porque tipo... ele aparece uma vez no ano na minha casa pra me visitar. E quando ele quer e é bêbado. Mas eu sei que ele trabalha como pedreiro e a minha mãe... adotiva ou biológica?

Fica a seu critério.

Minha mãe biológica trabalha como doméstica e minha mãe adotiva ela é autônoma. Ela tem um comércio.

4. Você pode falar um pouco sobre como aconteceu sua iniciação musical, em quais espaços e com quem teve aula?

Cara... minha iniciação musical foi no ABC. Eu fiz uma aula de violão com o professor Daniel, mas o método de ensino dele não me conquistou. Eu era muito chato. E tipo... ele tocava né... e pediu pra eu cantar uma música. Ai eu comecei a

cantar... ai ele: “Cara teu negocio não é tocar não, teu negócio é cantar. Vá arrumar... vá fazer uma técnica vocal, vá fazer alguma coisa”. Ai eu vim pro Centro Cultural.

Isso quando?

2010... 2011. 2011.

Em 2011 tu começou lá, o violão e aconteceu isso. Ai tu em 2011 tu veio pra cá?

Isso.

Foi através de uma amigo, o Járderson. Precisava de um baixista na prática porque ele tava cansado de tocar baixo e queria tocar guitarra. Ai ele me levou pra tocar baixo. Ai aconteceu a mesma coisa que com o Daniel. Eu fui pra tocar baixo e acabei cantando. Ai... sai do baixo e vai cantar. Ai começou aí.

5. Assim, porque a procura pelo curso de Música? Tinha uma pretensão do profissional que se desconstruiu ou sempre foi isso do *hobby*?

Sempre foi de querer mesmo... assim... ver... tipo: “Eita mah... o cara toca. É legal. Eu quero aprender isso também”. E também porque eu já cantava... assim pequeno... eu tinha uns 10, 12 anos e eu já cantava. Ai todo mundo que cantava sabia tocar violão. Eu ia cantar e as pessoas pediam: “Ei...canta ai...”. Ai eu ia so cantar a seco. Ai aprendendo o violão eu tinha alguma coisa pra me acompanhar. Foi muito difícil aprender a tocar violão cara. Eu aprendi... vendo os outros tocar. Os outros faziam um Dó e eu: “Ei cara... o que é isso ai? É um Dó... assim e tal”. Não fiz aula de violão aqui, eu so tive uma aula ali no Daniel, então eu posso dizer que no violão eu sou praticamente autodidata. Porque eu ia vendo as pessoas fazendo e eu fiz também. Eu vendi meu Playstation 2 pra comprar meu primeiro violão. Vendi meu Playstation 2 por 200 reais e comprei meu violão por 180 reais na feira da Parangaba para poder aprender. Ai aprendi a tocar violão. Aprendi a tocar contrabaixo, que foi um presente do meu pai...e ai... foi por um desejo assim... pode chamar a atenção das meninas também (risos).

E isso do cantar surgiu quando?

O cantar surgiu muito pequeno cara. Eu cantava... Amado Batista... Quando eu tinha uns cinco anos, a minha mãe também tomava uns goro... agora que ela ta mais velha ela não toma não, e ela me levava junto pro bar e tal. Ai eu ouvia Amado, Leandro e Leonardo, Bruno e Marrone, essas coisas mesmo de “roer”. Ai eu começava a cantar e o pessoal: “Olha ai mãe o menino cantando vamos ver”. Ai pediam pra eu cantar. Ai começou assim.

Isso com qual idade?

Seis anos.

6. Como foi o primeiro contato com o Centro Cultural Bom Jardim e com o Projeto Jardim de Gente?

Meu primeiro contato com o Centro Cultural foi através da Prática. O meu amigo, o Járderson, tava precisando de um baixista pra prática e ele me chamou. Eu ainda não sabia muito bem tocar baixo ai eu: “Vixe eu vou lá, mas com pretensão também de aprender um pouco mais, de me aperfeiçoar um pouco mais no contrabaixo”, porque eu nunca tinha tocado em banda também, nunca tinha me envolvido num grupo assim, pra tocar junto e... meu primeiro contato foi esse. “ei vamos lá conhecer o curso. Tu vai ter um contato com uma banda, vamos lá. Vai ser legal”.

Antes do curso de Prática de Conjunto tu nunca tinha vindo no Centro Cultural?

Nunca.

Mas tu mora próximo daqui?

Moro.

Mas tu não conhecia ou sabia que tinha, mas nunca tinha...

É... eu estudava do lado, sabia que tinha mas eu nunca tinha me interessado ainda... não tinha me interessado ainda. Eu sabia que tinha cursos de dança, de violão mas eu ainda não tinha tanto interesse até porque, eu estudava em uma escola de tempo integral. Entrava 7h e saía 17h. A maioria dos cursos era pela manhã, tarde. O único que apareceu foi o de prática de Conjunto que era de 17h as 20h. Surgiu essa oportunidade... eu saía da escola e eu ia pra Prática.

Tu passou quanto tempo na prática?

De 2011 pra cá?

Tu ainda participa?

Isso, ainda participo. Porque cara é como... tu aprende uma coisa mas não consegue se desgrudar daquilo. Virou um hobby também. Abrir Prática de 2015 eu vou ta ai. A de 2016 também. Mesmo que não tenha mais nada pra... claro que tem coisas novas pra aprender porque eu conheço os ritmos novos, porque eu conheço novos jeitos de criar música. Na Prática de Conjunto eu tenho a oportunidade de mostrar o meu trabalho autoral. De fazer uma gravação. Coisa que é muito difícil entendeu?

7. Está exercendo alguma atividade musical? Alguma banda, dando aulas particulares?

Eu faço parte de duas bandas. Uma por incrível que pareça é de Axé Gospel. Axé e Swingueira Gospel e a outra é uma que também é oriunda do curso de Prática de Conjunto de 2012. A Sons de Tudo. Surgiu através da Prática de Conjunto de 2012. Com a do Axé Gospel nós já tocamos na praça do Ferreira pra 10.000 pessoas. No Paulo Sarasate pra 15.000. No Aterrinho pra 15.000 também.

Essas duas bandas elas sempre ensaiam? Sempre tem shows?

Cara... a banda de Axe Gospel tem porque todo Sábado a gente faz uma visita num lugar difere. Numa Igreja... Mas a da Prática, a gente tem costume de ensaiar todo sábado, mas as apresentações são pontuais, tipo uma apresentação no mês e a gente trabalha o mês inteiro praquela apresentação.

Cachê?

Cachê também rola.

Eu lembro que eu já vi umas fotos tu tocando com o Renan. Esse grupo não tem mais não?

Cara... tem mas eu faço Freelancer pra ele também. Tipo... ele tem um grupo de pagode mas tem apresentações que precisam de um cara pra tocar violão ai ele: “Ei Victor... te dou tanto pra tu tocar comigo aqui”. Ai eu vou e faço um sábado a noite ai toco com ele.

8. E ainda frequenta o Centro Cultural? Faz algum curso?

Além do curso de Prática de Conjunto, eu faço o curso Violão Iniciante e me inscrevi pro Teclado iniciante também. Tudo relacionado a Música pra que eu possa ser um músico melhor. Não me prender a uma coisa só.

Tu fez algum outro curso?

Sempre curso de Música porque cara... dança eu não tenho muita mobilidade até pelo meu porte físico também. (Risos) Teatro não da pra mim porque eu não decoro uma frase. Eu não sou um bom interpreta... então a música foi que me chamou atenção.

Tu fez muitos amigos? Mantém contato com eles?

Cara... eu fiz muitos amigos mas fiz muitos inimigos também, é normal. Tem gente que não gosta de mim não, mas fiz muitas amizades sim. Mantenho contato com todo mundo. Até com quem não gosta de mim também, so pra “encher o saco”.

9. O que você acha que mudou em você depois que fez o curso? Não apenas musicalmente, mas fique a vontade pra falar sobre outros aspectos que ache relevante. Tinha algum outro atrativo além da prática musical?

Cara, com o exercício da música aqui no Centro Cultural, pode não parecer, mas eu aprendi muito a ouvir cara. Eu falava demais assim e não parava pra ouvir as pessoas e com a música eu aprendi que tem o momento de parar e ouvir o outro. O que o outro tem pra falar. A ideia do outro pode ser melhor que a minha. Eu poder dar valor a ideia do outro. Eu aprendi a trabalhar em equipe. Eu não sabia trabalhar em equipe. Música é trabalho em equipe. Se o cara ta fazendo uma coisa e o outro cara ta fazendo outra, não vai dar certo, tem que todo mundo ta encaixado... e.... tu isso foi muito bom pro meu crescimento pessoal, pro meu amadurecimento e essas coisas.

10. Qual a importância que tu dá as atividades do Projeto Jardim de Gente e o curso de Prática de Conjunto pra tua formação?

Então... o curso de Prática como eu falei, ele não formou só o músico. Ele formou um cidadão, que aprendeu a dar valor as coisas que tem. Aprendeu a valorizar a si mesmo. Porque um músico tem que dar valor aquilo que faz, tem que fazer porque gosta. Claro que dinheiro é importante, mas você tem que colocar primeiro o amor acima porque se você for tocar pensando em dinheiro você não vai conseguir nada. Foi importante pra minha formação, do meu caráter, da minha personalidade e... é isso.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: A INFLUÊNCIA DO PROJETO JARDIM DE GENTE NA REINVENÇÃO DO COTIDIANO DOS JOVENS DO BOM JARDIM: UM ESTUDO DE CASO NO CURSO DE PRÁTICA DE CONJUNTO

PESQUISADOR: Gabriel Nunes Lopes Ferreira

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marco Antonio Toledo Nascimento.

CONTEXTO DO PROJETO: Projeto realizado como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO: Este Projeto objetiva compreender a importância do curso de Prática de Conjunto do Projeto Jardim de Gente na perspectiva de seus estudantes egressos. Os resultados da pesquisa indicarão como o curso influenciou o cotidiano desses estudantes e poderão direcionar as práticas pedagógicas do Projeto contemplando e agregando a comunidade do Grande Bom Jardim através da Música.

SUA PARTICIPAÇÃO: Sua colaboração consiste em responder a nove perguntas do pesquisador durante a entrevista que tem como tempo de duração aproximadamente 30 minutos.

Apesar de todas as respostas serem importantes para a pesquisa, você é livre para deixar uma ou outra sem resposta, ou ainda terminar a sua participação a qualquer momento, sem a necessidade de justificativa.

MEDIDAS DE SIGILO: na publicação dos resultados será utilizado seu nome verdadeiro e imagens feitas durante o curso e de seu arquivo pessoal ficando a sua escolha quais imagens serão utilizadas. A gravação em áudio feita durante a entrevista será utilizada apenas para análise dos dados durante a pesquisa não sendo reproduzida de forma pública em nenhum momento.

INFORMAÇÕES SUPLEMENTARES: em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou sobre sua participação, favor contatar Gabriel Nunes Lopes Ferreira (lids.gabriel@gmail.com).

AGRADECIMENTOS: Sua colaboração é preciosa para a realização deste estudo e nós agradecemos a sua participação.

RECLAMAÇÕES OU CRÍTICAS: caso haja reclamações ou críticas relativas a sua participação nesta pesquisa, você poderá se dirigir, sempre em anonimato, ao pesquisador Gabriel Nunes Lopes Ferreira através do:

E-mail: lids.gabriel@gmail.com

Telefone: 085 88 08 73 57

CONSENTIMENTO: Visando assegurar o consentimento para realização das entrevistas e utilização dos dados na pesquisa, eu _____ concordo em conceder a entrevista, que será gravada em áudio e posteriormente transcrita e estou ciente do uso de minha imagem (fotos e vídeos) e meu nome verdadeiro no presente estudo. Entendo que se trata de uma pesquisa acadêmica sem nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Fortaleza, ____ de _____ de 2014.